

BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, JANEIRO DE 1938

ANNO VII

N.º 4

ESCREVEM NESTE NUMERO:

ADEMAR VIDAL — AURELIO GOMES DE OLIVEIRA

CARLOS PARREIRA — CLOVIS RAMALHETE

CORREIA DE SA — DANTE COSTA — DOMINGOS RIBEIRO FILHO

FIDELINO DE FIGUEIREDO — FRANCISCO VENANCIO FILHO

GERALDO MORETZ-SOHN — GUY DE HOLLANDA

HELIO LIMA CARLOS — J. FERNANDO CARNEIRO — JORGE DE LIMA

LUIZ CEDRO — PEREGRINO JUNIOR — ROBERTO ALVIM CORREIA

NESTE NUMERO

Secções de:

CINEMA e
DISCOS

Correspondencia de
LISBOA

NESTE NUMERO:

"O TEMPO CORREU
PARA TRAZ"

Conto inédito de
ALMEIDA COUSIN

"NEGRINHA"

Conto de
MONTEIRO LOBATO



PREÇO PARA TODO O BRASIL: 2\$000



5.^a EDIÇÃO (12.000 exemplares)
DE UM PRODIGIOSO RO-
MANCE DE AMOR E CIUME
QUE SE TORNOU O MAIOR
SUCESSO DE LIVRARIA
DOS ULTIMOS TEMPOS.



SEQUANA

O MELHOR LIVRO
FRANCEZ DO MEZ

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade franceza de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Chaumeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidência de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'O Economista, director da Revue Française du Brésil; Elmano Cardim, Director do Jornal do Commercio; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, ex-reitor da Universidade do Distrito Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de letras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X— Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à:

ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro, 162-1.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM).....

ADRESSE.....

VILLE..... ETAT.....

déclare souscrire à.....abonnement..... SEQUANA

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par chèque, par mandat postal, par lettre chargée,

p. porteur, la somme de.....\$.....montant de.....abonnement.....

Signature.....

EDIÇÕES "ARIEL"

IMPORTANTE: Os assignantes do BOLETIM DE ARIEL, gosarão de um desconto de 20 % sobre o preço destes livros quando os mesmos forem adquiridos directamente no nosso escriptorio, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte.

ENSAIOS

A. da Silva Mello — Problemas do Ensino Medico e de Educação	10\$000
Edson Lins — Historia e Critica da Poesia Brasileira ..	10\$000
José Simplicio — Retrato Popular de um homem .. .	5\$000
Stendhal — Do Amor (Trad. de Marques Rebello e Corrêa de Sá) .. .	15\$000
Estudos Afro-Brasileiros .. .	12\$000
Auguste de Saint-Hilaire — Viagem ao Rio Grande do Sul	15\$000
F. Contreiras Rodrigues — Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial .. .	12\$000
Paulo Prado — Paulistica — Historia de São Paulo 2ª edição augmentada .. .	6\$000
Agrippino Grieco — Estrangeiros	8\$000
” ” — S. Francisco de Assis e a Poesia Christã	8\$000
” ” — Evolução da Prosa Brasileira....	10\$000
Gilberto Amado — Espirito do nosso Tempo. — 2ª ed.	5\$000
” ” — Dias e horas de vibraçao.....	5\$000
” ” — A Dansa Sobre o Abysmo	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — A Vulgarização do Saber	7\$000
V. de Miranda Reis — Ensaio de Synthese Sociologica — 2.ª edição augmentada	8\$000
Renato Kehl — Como Escolher um bom Marido — 2.ª edição .. .	4\$000
Octavio de Faria — Destino do Socialismo	10\$000
Luc Durtain — Imagens do Brasil e do Pampa — (Trad. de Ronald de Carvalho) 2.ª edição	6\$000

ROMANCES E NOVELLAS

Gastão Cruls — Vertigem — 2. ^a edição	6\$000
Iago Joé — Bagunça	6\$000
Cornelio Penna — Fronteira	6\$000
Gastão Cruls — A Amazonia Misteriosa — 4. ^a edição	6\$000
Graciliano Ramos — S. Bernardo	6\$000
Lucia Miguel Pereira — Em Surdina	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — Almas Sem Abrigo ..	7\$000
Flavio de Carvalho — Os Ossos do Mundo	7\$000
Victor Axel — Germana	5\$000

ROMANCES DE AVENTURA

Georges Simenon	— O mysterio de um morto	5\$000
" "	— O cão amarello	5\$000
" "	— Um crime na Hollanda	5\$000

CONTOS

Rodrigo M. F. de Andrade — Velorios	6\$000
Roquette Pinto — Samambaia	6\$000
Marques Rebello — Tres Caminhos	5\$000
Gastão Cruls — Coivara	7\$000

TRADUÇÕES DE GASTÃO CRULS

René-Albert Guzman — Ciume — 5. ^a edição	6\$000
J. Kesse — Luxuria — 4. ^o Milheiro	6\$000
T. S. Matthews — A Caminho da Força	6\$000

POESIA

D. Milano — Antologia de Poetas Modernos	6\$000
Poemas de Alberto Ramos	8\$000
Maria Eugenia Celso — Fantasias e Matutadas	6\$000
Murilo Mendes — Historia do Brasil — Philosophia humoristica	5\$000

COLLECÇÃO "CRIMES CELEBRES"

Evaristo de Moraes — O Caso Pontes Visgueiro	6\$000
Vida e Morte de Maria Lafarge, a envenenadora	5\$000

JURISPRUDENCIA

José Julio Soares — Sociedades Cooperativas — 4. ^a edição — br.	15\$000
Traiano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1. ^a Parte, Vol. I — br.	30\$000
Traiano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1. ^a Parte, Vol. II — br.	25\$000
Traiano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 2. ^a , 3. ^a e 4. ^a Parte, Vol. III br.	30\$000

PEDAGOGIA

Baptista de Castro — Vocabulario Tupy-Guarany	7\$000
Celsina de Faria Rocha e Bueno de Andrade — Tests	10\$000

LITTERATURA INFANTIL

Paulo Guanabara — **A Origem do Mundo** — (1.º vol.
da collecção: "Historias do Tio João") 8\$000

PEDIATRIA

Dr. Suikire Carneiro — Roteiro das Mães (Alimenta-
ção da Creança) — 1.º vol. 6\$000

CHIROMANCIA

Arhus Sab. — A mão e Seus Segredos — 3ª edição
 augmentada 10\$000

NARRACÕES

Ranulpho Prata — Lampeão	6\$000
--------------------------------	--------

HISTORIA

General Tasso Fragoso — Historia da Guerra entre
a Triplice Alliança e o Paraguay — 5 vol. 50\$000

ECONOMIA E FINANÇAS

Kurt V. Eichborn — Ouro ou Dinheiro? e O Enigma do Dinheiro	3\$000
Alfredo Manes — Observações Economicas e Juridicas Sobre o Seguro	10\$000

COLLECTANEA

Boletim de Ariel — Anno I — Out. 1931-Set. 1932 — 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno II — Out. 1932-Set. 1933 1 vol., encad.	40\$090
Boletim de Ariel — Anno III Out. 1933 — Set. 1934 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno IV — Out. 1934-Set. 1935 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno V Out. 1935-Set. 1936 — 1 vol., encad.	40\$000

BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

GERENTE:

João Teixeira Soares Neto

SECRETARIO

Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simple	18\$000
Registrada	24\$000

EXTERIOR

Simple	22\$000
Registrada	28\$000

Numero avulso	2\$000
Numero atrasado	3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE ARIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINAES

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

Na França — Sra. Picard-Loewy — Paris
Em Portugal — Sr. Osorio de Oliveira — Lisboa
No Rio Grande do Sul — Sr. Paulo Arinos — P. Alegre
Em S. Paulo — Dr. Wladimir Malheiros — S. Paulo
Em Minas Geraes — Dr. Guilhermino Cesar — Bello Horizonte

Em Pernambuco — Dr. Aderbal Jurema — Recife
Na Bahia — Dr. Aydano Couto Ferraz — Bahia
Em Alagoas — Dr. Raul Lima — Maceió
Na Parahyba do Norte — Dr. Adhemar Vidal — João Pessoa

No Ceará — Sr. Affonso Banhos — Fortaleza
No Pará — Dr. Gastão Vieira — Belém
No Amazonas — Dr. Araujo Lima — Manáos.

DIRECÇÃO REDACÇÃO, PUBLICIDADE :

ARIEL, EDITORA LIMITADA

Rua 7 de Setembro 162-1º.

Tel. 22-1406 — End. Tel. "Ariel"

RIO DE JANEIRO — BRASIL

VANTAGENS

CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO
" BOLETIM DE ARIEL "

CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás letras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por « Ariel, Editora Ltda. », quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo « EDIÇÕES ARIEL », na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

« BOLETIM DE ARIEL » ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEL, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs.
para que seja remettida uma assignatura annual do Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do mez de

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Córt e envie este coupon a ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro 162 — 1º.
— Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz *desde que esta possua o serviço de «vales postaes»* em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remettidos em qualquer quantidade.
- C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pagamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registro correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são mininas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. indique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

À ARIEL EDITORA, LTDA.

R. 7 de Setembro, 162 - 1.º andar — RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....

.....

.....

.....

.....

(Nome e endereço completo, bem legíveis)

.....

.....

.....



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO :

Gilberto Amado — Lucia Miguel Perelra
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

ROMANCES DE HOJE

Tenho sobre a mesa cinco romances novos: *Pureza*, de José Lins do Rego; *Capitães da areia*, de Jorge Amado; *Rua do Siriry*, de Amando Fontes; *Suburbio*, de Nélío Reis e *O amanuense Belmiro*, de Ciro dos Anjos. Todos elles lidos e relidos. Além disto, devidamente anotados.

Palavra: se dispuzesse de tempo e calma para fazer aquillo que nos dá prazer, escreveria immediatamente cinco ensaios de interpretação sobre o moderno romance brasileiro. Porque estes cinco livros tão differentes — cada um com as suas tendencias, os seus rumos, as suas peculiaridades — representam sem sombra de duvida a somma total dos defeitos e das qualidades do romance moderno do Brasil.

Todos elles trazem uma contribuição consideravel para a comprehensão desta inquieta hora que estamos vivendo. Porque todos elles são depoimentos de sinceridade sobre o nosso tempo e a nossa gente. Captar o sentido commum — ao mesmo tempo literario e humano — que aproxima escriptores aparentemente tão distantes uns dos outros, havia de ser tarefa de grande seducção para um espirito paciente e curioso.

Sem tempo e sem calma para fazer o ensaio que esses cinco romances estão pedindo, limitar-me-ei a transcrever aqui as anotações apressadas que, de passagens, ao sabor da corrente da leitura, escrevi á margem de cada um delles.

Essas notas valem apenas como observações impressionistas de um leitor que, não obstante apressado e desattento, procurou ver os livros com sympathia e acceitação, e desejou sinceramente comprehender e amar a humanidade que desfilou deante de seus olhos nestes cinco romances brasileiros de hoje.

Jorge Amado — um dos espectaculos mais singulares da litteratura brasileira do nosso tempo — deu-nos, desta vez, um romance principalmente atrahente. Como se fosse livro policial ou de aventuras — d'aquelles que a gente lê sem tomar folego, porque sempre com interesse e curiosidade crescente. Continuando sua vocação de romancista, sua agilidade de escriptor, sua capacidade maravilhosa de descrever e contar, elle evoca um mundo singular e estranho,

mas cheio de infinita poesia. Reluz aqui, de novo, o lyrismo envolvente de *Mar Morto*. Acredito que a fidelidade ao «material recolhido» não tenha sido tão severa quanto em *Jubiabá*. Acho neste romance um tema um pouco falso. Lucraria se o autor lhe suprimisse tudo aquillo que não condiz com a humanidade e o clima do romance. Feita esta restricção, é um livro excellente, vivo, palpitante.

Pureza representa, na obra de José Lins do Rego, um progresso consideravel. José Lins do Rego é romancista de verdade: de nada e de tudo faz romance. Paga uma estaçõesinha atôa, da Great Western, como *Pureza*, com a sua humanidadezinha mediocre e triste — transforma tudo, que é nada, n'um drama admiravel!

E' um animador. E' um romancista. Não é possível chegar ao fim dos seus livros sem ser amigo intimo dos personagens. E ali está o seu maior elogio — porque equivale a dizer que elle é um grande, um authentico romancista, um creador de humanidade. Depois, que lingua deliciosa!

Quando Amando Fontes publicou *Os Corumbas* eu acreditei na possibilidade de uma hypothese para explicar o inesperado livro: o romance acontecera por acaso na vida de um homem que não era romancista. Por que romance é assim: uma coisa que acontece na vida de qualquer mortal... Mas *Rua do Siriry* — com alegria para mim — veio provar que não: o homem é romancista mesmo. Sabe fazer romance até debaixo d'agua. Da vida miseravel, sem interesse, sem drama, dos prostibulos provincianos da rua do Siriry faz um romance admiravel. Eis o milagre da criação. E muito mais forte, muito melhor construido literariamente que *Os Corumbas*. Um romancista e um escriptor.

Suburbio. E' o primeiro romance de um rapaz de vinte annos. E este joven de olhos negros, scintillantes de intelligencia e confiança, — que tem talento e entusiasmo — está em lua de mel com a litteratura e com a popularidade...

Não perturbemos a sua viagem de nupcias, que

A «BRASILIANA»

Os estudos brasileiros andavam dispersos por ahi, escondidos numa actividade de rythmo muito timido, quasi desaparecidos do panorama intellectual da nossa terra, quando a BRASILIANA se formou. A's vezes é difficil surprehender o valor exacto de realizações que nascem sob os nossos olhos: exigimos talvez por commodidade, as perspectivas que diluem os contornos, e dizemos que assim a visibilidade é completa...

Foi comtudo, ante os nossos olhos abertos, bem abertos, que a BRASILIANA surgiu, e vimol-a subir, empilhar livros sobre livros, crescer em profundidade e em superficie, forçando os apertados limites de um publico geralmente distraido dos assumptos serios.

Lembro-me, agora que a BRASILIANA commemora o seu 100.º volume, da impressão de agradável surpresa que marcou o apparecimento dos primeiros volumes dessa série, com o mappa do Brasil destacado e estrellas livres jogadas no chão.

Dizia-se que a iniciativa era corajosa, os livros circulavam, mas via-se com receio o apparecimento de uma bibliotheca destinada apenas a publicar estudos sobre o paiz, num paiz abarrotado de litteratura má e graciosa... Foram muitos os que não acreditaram no exito da iniciativa.

Mas... como é possível, vida nacional sem cultura? E cultura, sem systematização? aquella era a necessidade maior do Brasil, a necessidade de estudar, denunciada pela avidez com que taes livros passaram a ser lidos. O publico lucrava, estendia até longe os seus limites mentaes, surgia. A BRASILIANA iniciou o movimento de valorização mental do brasileiro, dando-lhe fontes serias, ricas e nobres, onde estudar. Iniciou e está levando avante este trabalho, e com que firmeza sem desanimo. Agora é a convicção de já ter vencido, a alegria de se sentir incluída na gratidão dos intellectuaes brasileiros, a certeza de proseguir.

Não devemos hesitar no elogio de iniciativas como essa, capazes de uma ação tão fecunda e permanente.

O «retrato polyedrico do Brasil» como a chamou Monteiro Lobato, está mostrando que os estudos brasileiros são não só preocupação dos nomes scientistas e intellectuaes, mas também um gosto publico.

Os dois territorios, publico e especialista, ás vezes tão divorciados ante certas iniciativas editoriaes, deram-se as mãos. Sciencias especializadas, como a meteorologia, a phytogeographia, a ethnographia, a sociologia, encontram agora milhares de espiritos avidos que as querem assimilar.

A archeologia, palavra quasi sem circulação até bem pouco tempo, voítou a circular, respeitada. E' todo um panorama de cultura que o publico agora domina, e á BRASILIANA cabe a responsabilidade e a efectivação dessa conquista.

Não quero me deter em nenhum livro, em nenhum autor. Interessa-me o conjunto, esses cem volumes que a Editora Nacional lançou, numa edição de patriotismo intelligente.

Patriotismo não é a imposição de dogmas scintillantes e fáceis: é a criação de uma consciencia, é um estado de comprehensão, é uma conquista interior. Os caminhos verdadeiros que levam até lá são os dos annos, pelo conhecimento. Os caminhos falsos são os da ignorância e da força.

DANTE COSTA.

Upton Sinclair — *Petroleo* — Minha Livraria Editora — Rio.

Individualidade das mais discutidas na America do Norte, onde obteve notoriedade que está longe de esmorecer, Upton Sinclair fala com uma franqueza por vezes scandalizante em relação aos puritanos que ainda persistem em Nova York e adjacencias. De certo modo, na applicação dos methodos realistas, é um discipulo de Zola, mas com o accrescimento de uma personalidade bem integrada na época e no ambiente em que pensa e trabalha. Este livro, optimamente apresentado por Minha Livraria Editora, é dos que melhor definem certas características mentaes do conterraneo de Mencken.

o seu itinerario é para a celebridade. Mas, uma pergunta apenas: *Suburbio*, porque? Não seria melhor dizer — *Provincia*? aquella vidazinha mediocre de literatos em luta, com as suas rivalidades, os seus conflictos, as suas ambições mediocres, não é provincia pura? Uma coisa é preciso reconhecer: o livro revela qualidades bem marcantes: agilidade no estylo, graça na marcação, habilidade na fabulação e no estudo dos typos. E', pois, uma reacção de romancista que surge. Saudemol-o com alegria e confiança!

Ciro dos Anjos — a melhor surpresa que nos fez nos ultimos tempos — retorna, com *O Anameuse Belmiro*, a melhor tradição do romance brasileiro: a tradição machadeana. Só dois romancistas, no Brasil, tinham continuado com talento esta tradição: Léo Vaz e Graciliano Ramos. Graciliano, de resto, com o seu enorme talento de escriptor, marcha resolutamente para a autonomia integral, creando o «seu romance» á parte. De *Cahetés*, rigorosamente machadeano, a *Angustia* em que o escriptor se emancipa do modelo

inicial e marcha, solitario e decidido, para a realização do seu destino literario, a distancia é consideravel. *Ciro dos Anjos*, embora fiel ao padrão machadeano, já appareceu com força e geito para andar sozinho. Na construcção do romance — e um pouco também no seu espirito e no seu sentido humano — sente-se nitida a sombra tutelar do grande e estranho mestre. Mas o romancista já affirma qualidades de um escriptor autonomo. Emancipar-se-á, como Graciliano, sem esforço. Agora, uma coisa é preciso ver desde logo, na sua bella mensagem: a reacção contra o desleixo literario da nossa actual geração de romancistas. O estylo é discreto, escoreito, terso. Um estylo de escriptor feito. Evidentemente *Ciro dos Anjos* apparece como um dos valores melhores da sua geração: vem, no seu primeiro livro sem hesitação nem timidez, com o passo seguro, com a visão firme, com a medida e o equilibrio de um romancista authenticico, na plenitude de todos os seus dons.

PEREGRINO JUNIOR

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

Nenhum pedantismo e nenhum ranço de inferioridade provinciana no primeiro numero da Revista que põe em destaque a actividade da Academia Paulista de Letras. Dirige-a René Thiollier, um gentleman que sempre fez litteratura com a polidez e o gosto de sociabilidade proprio dos francezes de que procede, e entre os seus collaboradores encontram-se articulistas perfeitamente senhores da nobre arte do jornalismo: Rubens do Amaral e outros. Vê-se que essa publicação possui um bom sentido de modernidade, sem prejuizo da elevação humanistica que ainda é o melhor oxygenio para os que assim trabalham pelos direitos imprescriptiveis do espirito.

Fernando de Azevedo — *A Educação Publica em São Paulo* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Eis ahi o resultado de um inquerito conduzido pelo sr. Fernando de Azevedo, com a proficiencia que todos lhe conhecem, no tocante aos factores pedagogicos da Paulicéa. Foi uma auscultação directa ás fontes de vida da intelligencia de lá. Educador dos mais prestigiosos, já tendo passado com brilho pela Directoria de Instrução da Prefeitura do Rio, o sr. Fernando de Azevedo nada ignora do que diz respeito ás casas em que se formam espiritos jovens. É um estheta, um artista do verbo, dos que se emocionam ainda ao ouvir os nomes de Petronio e Sallustio, mas, em se tratando de servir ás gerações que ahi vêm, ninguém mais dedicado, mais sobrio de attitudes, mais penetrado de submissão ao interesse commum.

Vieira da Silva — *Consolação* — Rio.

Pertence o autor á Academia Maranhense de Letras e é prosador e poeta. Versejando, publicou ha muitos annos um soneto intitulado *Cigana*, que se celebrou pelo Brasil inteiro, tanto quanto a *Cegonha* de Annibal Theophilo. Escrevendo em prosa, ainda o faz com elegancia e clareza, havendo uma bella cultura a aviventar as reminiscencias em que se expande a proposito dos dias da juventude e resuscita as bellas figuras de Coelho Netto e Humberto de Campos. O livro conclue com um vibrante estudo de Oliveira e Franklin, que se mostra um agudissimo critico da personalidade e da obra de Vieira da Silva.

Olbianio de Mello — *Communismo ou Fascismo?* — Irmãos Pongetti — Rio.

Trata-se de um escriptor que nunca se alheiou aos movimentos destinados a enriquecer de elementos novos a nossa politica constructora. O jogo de idéas sociaes sempre o encontrou desperto para uma actividade de que são prova brilhante os seus livros e os seus discursos. Os Irmãos Pongetti, editores dos mais meritorios, andaram bem em apresentar a segunda edição deste volume victorioso, fazendo jús a eguaes applausos pela divulgação do livro em que L. Nogueira de Paula enumera as *Precauções a serem tomadas nos Contractos de Compra e Venda de Bens Immoveis*, e da monographia em que Luis Roque Gondera fala das *Theorias Antigas e Modernas sobre a Moeda, o Credito e os Ciclos Economicos*.

Viagens, Descobrimientos e Grandes Riscos do Poeta no Mar

Para DANTE MILANO

No dia do nascimento de Christo descobrimos a capitanea das ilhas que tomou o mais bello dos nomes.

Descobrimos então outras ilhas povoadas

e viajando para oeste penetramos nos mares sem fim.

Lançamos as rêdes sobre os mares revoltos

e pescamos os sonhadores esquecidos

e as mulheres repudiadas que se suicidaram sob reis legendarios.

Mergulhadores trouxeram a notícia de que o fundo do oceano era raso.

E os marinheiros sonhadores concordaram.

Vimos as trilhas dos grandes navegadores errados que descobriram

todas as Indias do mundo e levaram a cruz para as terras pagãs.

Vimos os thesouros famosos dos piratas servindo de ninhos

às gaivotas e aos pinguins.

Mergulhadores trouxeram a noticia de que o fundo do oceano

estava juncado de settas atiradas pelas constellações celestes.

E os marinheiros sonhadores sondaram com seus olhos distantes

a profundidade da verdade

e concordaram com os mergulhadores do barco.

Viajamos então varios dias nos guiando pelo vôo dos passaros

e vimos pescadores de perolas suando sob as aguas

como os mineiros suam sob os tuneis das minas.

Então os marinheiros perderam a fé na justiça de Deus:

e uma grande tempestade se formou.

Jogamos por isso um propheta nas ondas

e a fé regressou tão profunda

que as montanhas do fundo do mar se elevaram

e boiaram no seio das vagas.

Lançamos as rêdes e pescamos na maré prea-mar

um livro milenar ainda humido da saliva de Deus.

E lemos este livro á tripulação do barco que o esqueceu

e adorou o boneco da prôa.

E por isso uma grande tempestade se formou.

Jogamos outro propheta nas ondas;

e a Fé regressou mais profunda que o mar.

Mandamos mergulhadores que trouxeram ramos de algas verdes

e outros signaes de alliança com Deus.

E nos guiando pelas correntes sábias descobrimos

as mais recuadas ilhas para as bandas de oeste

e deixamos uma cruz em cada praia sem nome.

Os mergulhadores viram as invenciveis armadas

hospedando peixes voadores.

Os marinheiros sonhadores sondaram a verdade

e concordaram com os mergulhadores do barco.

Sabei pois que andamos viajando sem machina

e continuamos a descobrir varias ilhas;

que por terra ou por mar ainda teem tempo para navegar

dai noticia aos demais viajantes

JORGE DE LIMA.

Eduardo P. C. de Vasconcellos — *Biographias dos maiores vultos do Brasil* — Livraria Francisco Alves — Rio.

Apostolos como Anchieta e Nobrega, bandeirantes como Fernão Dias e Antonio Raposo, poetas como Basilio da Gama e Santa Rita Durão, ahi se acham honestamente historiados pelo sr. Eduardo P. C. de Vasconcellos. Tambem são uteis as paginas allusivas ás heroínas Joanna Angelica e Maria Quiteria. O volume traz na capa uma expressiva allegoria em que surgem Pedro I e José Bonifacio.

E. Vilhena de Moraes — *Novos aspectos da figura de Caxias* — Rio.

Caxias é o assumpto do sr. E. Vilhena de Moraes. Não por apropriação indebita e sim por legitimo direito de propriedade. Sabe elle tudo, leu tudo e tudo controlou sobre o destruidor de paraguayos e estadista constructor da paz. Além do resto, adora o seu thema, illuminando-o com a intelligencia do coração. Prova elle que Caxias foi bravo, mas foi bom. Foi sagaz, mas não desconheceu a ternura. Muitas são as novidades, realmente novas, que apresenta o nosso historiador a proposito do seu modelo preferido.

DE LISBOA

Uma synthese historica das missões portuguezas, os jesuitas e Gilberto Freyre

E' pena o pouco que escreveram sobre as suas missões, exceptuando jesuitas e raros franciscanos, os missionários portuguezes das diversas ordens. Só compulsando os *in-folios* das chronicas regulares, que não se editam nem divulgam, se pode respigar alguma coisa do muito que fizeram aquelles missionários. Por isso, nas bibliothecas publicas, a quem pede para consultar livros que tratem de missões portuguezas, apresentam-se unicamente trabalhos sobre missões da Companhia, os quaes muito glorificam Portugal, mas estão longe de ser a vasta obra missionaria dos portuguezes. Os documentos dos nossos ricos archivos nacionaes soffrem para os que logram ocios da falta de informação impressa e é por isso que os historiadores e ensaistas modernos tão interessantes nos apparecem.

Jayme Cortezão, por exemplo, tem fornecido inspiração até a alguns franciscanos authenticos, em theses de congresso, sobre a mystica franciscana das Descobertas; Armando Cortezão, o fundador do *Boletim da Agencia das Colonias* poz muito em relevo a parte missionaria da nossa obra de colonização; do coronel Albuquerque Felner não poderá já prescindir quem intente elaborar a historia definitiva das nossas missões de Angola. «S. L.», de Broteria, que diz ter prevenido lealmente o autor da *Dilatação da Fé no Império Portuguez* nessa prevenção acautelava o dito autor contra o historiador de Angola, que não indicava sequer no fundo da pagina os documentos a que allude... Ora esta prevenção apenas parece indicar que o leal preventor não leu bem o livro de Felner: Angola.

Gilberto Freyre, a quem «S. L.», em recente artigo em Broteria por se tratar de «um ensaista», nega valor para «a Historia» (lê-se e não se acredita), revolveu varia documentação ethnographica e social, para ir focando os elementos de formação do grande povo brasileiro. Topou, como não podia deixar de ser, com o ensino e a actuação dos diversos missionarios. Julga e critica estes elementos segundo a sua propria ideologia, mas em geral sympathicamente. Mas, como prefere os methodos e o espirito dos franciscanos, mais sympathicos com o indigena e mais levados a adaptar-se-lhe do que a adaptal-o, é logo para «S. L.» «um inimigo, embuçado» na *Casa Grande e Senzala* «desmascarado», nos *Sobrados e Mucambos* da pobre Companhia de Jesus!

O autor das *Missões Catholicas Portuguezas* e da *Dilatação da Fé no Imperio Portuguez*, ao reproduzir a comparação estabelecida por Gilberto Freyre

entre a tendencia pedagogica dos jesuitas e a dos franciscanos, por lhe parecer justa nas linhas geraes (na Igreja de Deus ha genios e feitos muitos e varios), chamava a attenção para o exaggero da critica de Freyre e dava razão aos jesuitas em quererem destruir no *colomim* o que fôsse inassimilavel ao espirito christão. «Pois querem sober? — comenta simplesmente «S. L.» na *Broteria*. — Para o Sr. Padre Alves Correia... a grande autoridade é o Sr. Gilberto Freyre. «inimigo da Companhia!»

Não nos interessa a qualificação de grande ou pequena autoridade collada posticadamente sobre o nome de um autor. *Magister dixit* faz-nos pouca impressão. O que nos interessa é a quantidade de elementos que um autor nos fornece; sob este ponto de vista o autor da *Casa Grande e Senzala* e do *Sobrados e Mucambos* é de uma riqueza admiravel e de uma ordem e disposição verdadeiramente raras. Quanto a sectarismo, cremos que são precisos oculos de augmento para o vêr nas descripções pittorescas e flagrantes pelos jesuitas nos collegios ou servida pelo mestre régio, horripilante e hilariante ao mesmo tempo para os beneficiarios da pedagogia nova, é sempre a pedagogia do tempo do «Caraça» e da barbara Santa Luzia de muitos «olhos», que o Padre José Agostinho de Macedo não descreve entre nós com menos pittoresco rancor. E que o rancor, aliás leve e contido, de Gilberto Freyre não era contra os jesuitas, mas contra os costumes pedagogicos do tempo, dil-o claramente, a pagina 99 de *Sobrados e Mucambos* — logo depois do quadro tragi-comico dos padres fazedores de bachareis e desconjuntadores de punhos e phalanges — este periodo e os que lhe seguem: — «Entretanto, nunca será exaggerado accentuar o valor que tiveram, para a sociedade brasileira nos seus periodos mais difficeis de integração — o seculo XVI no littoral todo, o seculo XVIII na area mediterranea, periodos com tanta tendencia para excessos, rebeldias e desmandos e de preponderancia dos valores materiaes sobre os immateriaes e dos interesses de familia ou chefes de familia sobre os geraes — os seminarios e collegios de padres».

E que não é por lhe cheirar a padre que Freyre cauteriza a velha pedagogia, mostra-o ainda claramente o amor com que elle sauda a nova num precursor admiravel, o Bispo Azeredo Coutinho, psychologo fino, de coração delicado, de senso pratico a toda prova, que inflectiu direcção nova e humanissima á educação de rapazes e á das mocinhas.

Em verdade não achamos que Gilberto Freyre seja um inimigo da Companhia de Jesus. Podia ser mais. Podia ser um fervoroso namorado, cego aos defeitos ou adorando os proprios defeitos, mais da época do que dos pedagogos jesuitas. Mas do amor apaixonado cremos que devem defender-se todos os investigadores de historia, ainda os simples «ensaistas», obrigados pelo officio a uma certa austeridade...

Insistimos, porem, em que não vamos a reboque de autoridades: de Gilberto Freyre reproduzimos a comparação do feitio de duas ordens religiosas; de Felner e da sua *Angola* não citamos uma unica pala-

Novidade ARIEL

de R. A. GUZMAN

CIUME

5.^a edição — 12.000 exemplares

Tradução de GASTÃO CRULS

vra, porque ainda não conhecíamos aquelle gigantesco trabalho, que não anda ainda nas livrarias, que jaz escondido no porão da Imprensa Nacional. Se o tivessemos citado, teríamos de certo rebatido algumas conclusões mais largas que as premissas documentaes.

Quanto ao sr. marquez do Lavradio, não vemos que grande peccado fosse o vir concorrer para o esclarecimento da historia de Angola e da escravatura com alguns dados fornecidos pelo archivo da casa Lavradio, nem que isso mostre infidelidade as tradições de familia e a amizade de um illustre avô pela Companhia de Jesus. A amizade por uma corporação não nos obriga a suppor a a pairar tanto acima da organização social dos seculos em que viveu, que fosse isenta das necessidades criadas pelo ambiente, da mão de obra, por exemplo, para a cultura das suas propriedades, num tempo em que a unica mão de obra existente era a de escravos.

Ninguém atira pedras á Companhia de Jesus, como nem aos Benedictinos do Brasil, por terem tido escravos negros. O que se lamenta é que a pobre Africa fosse sacrificada, não pelos missionarios, mas por instituições que eram superiores a elles, a criação do Brasil e das colonias da America.

Em Historia, não julgamos as coisas por amizades, como nem por autoridade e por nomes de escriptores. O autor da Dilatação não quer, elle proprio, ser autoridade nenhuma, senão um obreiro que

vae carreando factos e aprendendo o que pode dos documentos. Póde ás vezes illudir-se na interpretação de uns e de outros. Então agradecerá que o esclareçam. E' o que faz desde já ao grande pesquisador sr. Padre Ruela Pombo que, pela publicação encetada do III volume das *Guerras Angolanas*, de Cadornega (pagina 15), mostrou que era errada a supposição de que houvesse uns missionarios *Mariannos* em Angola differentes das outras ordens religiosas que lá trabalhavam. Os *Mariannos* eram os mesmos que os Carmelitas.

O Sr. Dr. M. Alves da Cunha, a maior autoridade do nosso tempo em coisas de Angola, poz em duvida que ainda em 1804 se tivessem ordenado na diocese 30 indigenas. Melhor leitura do documento depressa mostrou com effeito que tinha havido optimismo na interpretação. Autorização para ordenar 30 indigenas não é o mesmo que ordenação effectiva de tão afortunado contingente!

A historia das missões portuguezas é trabalho que está por fazer. Os elementos são muitos. Feliz de quem pudesse coordenar-os e insuflar-lhes vida!

Seja quem fôr esse afortunado, será um obreiro de amor, mas não poderá ser pusillanime que, por medo de scandalizar amigos ou inimigos de Christo, deixe de trazer a luz as miserias como as glorias dos cruzados da Fé e da Civilização.

PADRE J. ALVES CORREIA

SHAKESPEARE PARA NUNCA MAIS ACABAR

Jorge de Lima acaba de publicar um artigo, em que faz considerações bem interessantes a respeito do livro — *Shakespeare, a marxist interpretation*, by A. Smirnov.

Como não se poderia escrever a historia humana sem Shakespeare, um systema de interpretação materialista da historia teria de dar um geito para não o repudiar.

Foi preciso metter-lhe o pensamento num leito de Procusto para fazel-o caber dentro das gerações de revolucionarios, que desde o começo do mundo vem fazendo a humanidade caminhar para o socialismo.

E a conta de chegar foi tão bem feita que aquella zombaria do grande homem em relação ao povo, o seu chamego escandaloso pela nobreza, desaparecem como por encanto.

Pode-se perfeitamente odiar um homem de genio sem deixar de admirar-o.

Pode-se fuzilar um genio contra-revolucionario sem que isto importe em desconhecer-lhe a genialidade. Só me pareceu que Jorge de Lima enganou-se em algumas affirmações contidas no artigo, pois

ensina-nos ter sido Shakespeare filho de uma nobre com *um grande burguez e ter vivido regularmente bem vestido e bem comido sem nunca ter conhecido difficuldades*.

Isto me pareceu parcialmente em desaccordo com o que está até agora acceito como sendo a vida de Shakespeare.

«Well: this is our poor Warwickshire Peasant, who rose to be Manager of a Playhouse, so that he could live without begging, (Carlyle, *Heroes and Hero-Worship* — Lecture III — the hero as poet).

... His father, a glover and small farmer of Stratford-on-Avon, was forced by poverty to lay down his office of alderman, as his son reached boyhood; and stress of poverty may have been the cause which drove William Shakespeare to London and the stage (John Richard Green — *A Short History of the English People*).

O ensaio de Goethe — *Shakespeare und kein end* — recentemente traduzido para o francez e publicado na N. R. F. tambem não traz dados biographicos do poeta. Artigo ultimamente publicado em *The Criterion* apenas cuida da poe-

tica shakespeareana, da authenticidade da obra e outras sybillinas discussões entre escolas inglesas de critica.

Lang, nos seus *Problemas da Historia*, trata apenas da questão Shakespeare-Bacon e me parece tel-a resolvido para sempre.

Si ter nascido numa casa miseravel, filho de um pae que fôra alguma cousa, ter sido preso como caçador furtivo e obrigado a fugir para Londres, ter guardado cavallos á porta dos theatros, ter sido duramente ridicularizado pelos seus contemporaneos, chamado por um (Greene) *Shakescene*, an upstart crow beautified with our feathers», por outro «Johannes factotum or Jack of all trades» ter visto morrer no cadafalso seu amigo e protector Conde de Essex, é não ter difficuldades na vida, não sei então o que são difficuldades.

E' verdade que esses contratempos não lhe encheram a vida inteira. Seu testamento não deixa duvidas sobre o bem estar de seus ultimos dias. O documento falla em grande taça de prata, em moveis, prataria, joias, dinheiro.

Mas nada disso impede que a affirmação de Jorge de Lima seja pelo menos parcialmente infundada.

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA

EÇA ROMANCISTA

(TRECHOS DE UMA CONFERENCIA)

1 — PERSONAGENS QUE ESPELHAM O AUTOR

Já por d. Quixote, visionario, aventureiro e imprudente ser um pouco de auto-retrato e auto-biographia de Cervantes — aprende-se que o romancista é o irmão igual do poeta, nisso de confidenciar impressões e sentimentos. O programma impessoalista de Flaubert encontra ali a sua cilada subtil. Flaubert, como Eça como todos, revelou-se na confissão ficcionista. E Eça de Queiroz contrariou-o ainda mais dotando personagens de traços seus.

Já no *Crime do Pe. Amaro*, aponta um jornalista despeitado, anti-clerical, que o lembra muito.

Outras figuras de primeiro plano, porém, mais o revelam. *Fradique* é um typo ideal, resumo do homem civilizado *fin du siècle*: teria o mordomo inglez e os habitos do nosso Eduardo Prado — mas foi um pretexto para a deliciosa expansão de Eça commentador intellectual, um pouco pedante como accusaram ao homem, mas leve, brilhante, fino: «temporal e espiritualmente fiquei simplesmente um turista» — eis uma confissão de Fradique e que é de Eça também. E esse humano, integral *Gonçalo* Mendes Ramires tem muito de um inconsciente auto-retrato: o exaggero, a tendência a generalizar; o medo encolhido das soluções violentas, no homem que no entanto fala e accusa com verve audaciosa: *Gonçalo* ao Governo Civil e Eça a todo Portugal; ambos de origem nobre, no entanto o personagem e o autor recebiam os plebeus por sua vocação igualitaria, mas conservando distancias, pelo amor ao requinte, ao fidalgo, ao limpo: *Gonçalo* ignorava os seus parentes nobres e era amigo do Videirinha fadista.

Eça de Queiroz, consul em Paris, foi homenageado com um jantar no *Restaurante Voltaire*, por portuguezes — e para convivas nas reuniões mensaes logo ali projectadas, elle o glorioso, o fino astista, o consul admirado, o companheiro do Principe de Galles lembrou dois typographos portuguezes que o costumavam procurar no consulado: este homem é *Gonçalo* preferindo Titó e Videirinha. Essa impressão sempre foi tão nítida, que se lê *A Illustre Casa De Ramires* como que assistindo ao romance «de dentro de *Gonçalo*».

Só ao fim, é que o autor perceberia a analogia do individuo, com o comportamento do portuguez como o povo — e forçou-o a tornar-se symbolo, nesse romance de tão séria belleza. E o entediado Jacynto é o mesmo consul melancolico, odiando a Inglaterra, desilludido da França, que se recolhera a Neuilly, em Paris.

O mais flagrante auto-retrato, comtudo, o pintado intencionalmente, é o João da Ega, satânico, bohémio, com um gosto de chocar e a fascinação brilhante na palestra; tem também do Eça, a elegancia em grande estylo, os projectos de livros sempre adiados, os resumos de desprezo sobre Portugal: de um sujeito asnatico endividado dizia ter os dotes necessarios para ser Ministro de Estado.

A scena do baile de mascaras, pagina vivissima e comica, onde o ridiculo não afoga a sympathia

estruante de João da Ega, expulso do palacete pelo marido enganado que tudo descobrira — Eça de Queiroz viveu-a, sim.

Foi em Leiria, onde elle era o Diretor do Conselho; num baile, na residencia duma familia de destaque, foi elle encontrado, com uma senhora, num aposento do interior da casa.

O mesmo cynismo audacioso de João da Ega, o mesmo escandalo; depois a mesma fuga abatida e raivosa e o mesmo apello a um amigo para assistir nas primeiras horas. E a admiração assustada pelo conservador e pelo mundano — as senhoras tributavam a João da Ega e a Eça de Queiroz.

Esse é um claro retrato, que resultou na figura mais viva, já que não é a mais profunda, de sua galeria.

2 — CONTEMPORANEOS QUE SUGGERIRAM CARICATURAS

Mas serviu-se de contemporaneos, para a sua farandula de fantoches.

Na *Cidade e as Serras*, ha um escudeiro de Jacynto que o seguia desde menino, fiel, cumpridor resignado — e que foi creado com reminiscencias do escudeiro preto que pagiava Eça menino e que sabia historias, como o Grilo. E o agricultor de Tormes de resto tão parecido com o rendeiro da *Illustre Casa* — é José Pinto de Souza, rendeiro da quinta de Eça, em villa Nova; o romancista lhe communicou, numa carta que o ia botar num romance — e elle se orgulhou disso e dizia-o a toda a gente.

O conde de Abranhos foi o conde d'Avila; Carlos da Maia veio do conde de Rezende.

Quem não gostou muito do retrato foi Bulhão Pato, poeta romantico, portuguez exuberante, patriota que falava com um vozeirão e grandes gestos quando lhe vi a photographia, certa vez, identifiquei na grande cabelleira branca, no rosto moreno de traços viris, nos olhos brilhantes — ao poeta Thomaz de Alencar que lá está, personagem d'*Os Maias*. Ao apparecimento do livro elle se reconheceu; aliás, durante a confecção d'*Os Maias* Eça foi varias vezes a Portugal: dahi ser o livro uma galeria de vivos, e contar mesmo reportagens como a corrida de cavallos e o saráu litterario, dos melhores trechos, depois do passeio a Cintra, e que se deram na verdade e foram assistidos pelo autor.

Bulhão Pato escreveu uma satyra irada, aliás com a vehemencia e a mediocridade do proprio personagem, e nesta polemica elle desceu por vezes ás baixezas que o retrato tão fiel de Alencar, já fazia prevêr. Eça negou, numa carta, em que cobriu o poeta de um fino ridiculo, convidando-o afinal a sahir de dentro do seu personagem, «porque onde Alencar recita versos máus, Pato recitaria bons versos e onde Pato tem pêra, Alencar só tem queixo!»

Fradique não é Eça, nem Eduardo Prado, nem Ramalho Ortigão como propõe desencontradamente — é um typo ideal, construido com dados de todos elles. Mas ao conselheiro Accacio, Theophilo Braga diz que o conheceu em Coimbra. E a mim proprio

lendo um folheto de D. Conceição d'Eça de Queiroz, prima do romancista, pareceu-me reconhecer nella, aquella prima alcoviteira de Gonçalo Ramires, sem pouso proprio; o mesmo orgulho da descendencia fidalga, a mesma vaidade das relações honrosas, o mesmo logar indefinido entre parentes e dama de companhia, nas casas a que aportava.

E ha no Eça uma figura que a muitos passa despercebida e que eu gosto de surpreender humilde, esbatida em sombras de tundo, e de trazel-a para a luz e de lhe suspeitar a historia. E' um cocheiro, triste na sua piléca, da mesma tristeza parada do seu cavallo sob a chuva.

E' sempre o mesmo e surge em varios trechos — nos *Maias*, no *Fradique*, n' *A Capital*. E' servil, quasi intimo, quasi entre os domesticos. Discreto nos adulterios, paciente nas longas esperas e comedido nas contas, trepado á boléa envolto numa manta.

Occupa um logar recuado, no palco de Eça de Queiroz; mas eu suspeito que elle viveu, apagado e silencioso e foi seu cocheiro em Lisboa, ou de algum dos amigos, dos vencidos na vida, Serviu-os como lá está, nos livros: triste, recurvo, humilde...

3 — EÇA PSYCHOLOGO:

Mas todas estas figuras nos deixam uma impressão total de pessoa apresentada inteira: Eça offerece-nos sempre, syntheses psicologicas, isto é, personalidades. Não foi, como Machado, um subtil miniaturista de estados d'alma, um microscopista de perfidias e fraquezas. Todos temos comnosco, numa videncia quasi physica, Rachel Cohen, a Carlos da Maia, a Zé Fernandes, a Pacheco: mas não lhe guardamos uma anedota de analyse psychologica. Ao contrario, sobre Machado de Assis, não sei como lhes dar uma impressão viva e corporea de Quincas Borba ou de D. Casmurro, sem ser pelo caminho da disecção, da anedocta analysta, á maneira da do Almocréve.

A força de psychologo de Eça era poderosa. O *Primo Basilio*, esse *Madame Bovary* em lingua portugueza, tem no typo torvo de Juliana, na paixão de Luiza, no cynismo sem brilho de Basilio, uma galeria de gente mediocre, que vive pela forte construcção interior. E o conto *No Moinho* é um flagrante psychologo magistral que não fica longe das obras primas no genero, como *Boule de Suif*, de Maupassant. — Comtudo, Eça de Queiroz não evitou surpreender e acompanhar, analyticamente, a trajectoria mysteriosa do nascimento dos desejos e dos projectos: Gonçalo Ramires ao lançar mão do ignorado poema dum tio, para o estirar em prosa, tem um raciocinio para se pôr em paz com sua consciencia, em que sophisma e se argumenta e acaba por se convencer de que lhe é licito fazel-o — de um modo tão sinuoso que me lembrou Machado de Assis.

O proprio de Eça de Queiroz, comtudo, não foram taes escaphandrismos. Objectivo, o seu campo era a exterioridade, a figura, os gestos; na psychologia, em vez de um recanto a analysar, preocupou-se com a personalidade a retratar.

Sua objectividade permittiu-lhe pôr homens ficticios, circulando ainda hoje entre nós, fantasmas a que a nossa convicção empresta vida e que se fizeram

cousas. O Padre Amaro ou o Conselheiro Accacio, si não foram desmontados peça a peça — é porque foram creados como depoimento de uma sociedade como noticias humanas, como reportagens sociaes.

4 — O ANNOTADOR — PROCESSO DE TRABALHO

Porque Eça de Queiroz foi um grande reporter. E mesmo nos pequenos progressos da confecção, muitas vezes ia adaptando as scenas ficticias a outras, a que assistira. Já disse que a corrida de cavallos e o saráu litterario, d'Os *Maias*, elle os havia assistido em Lisboa, antes de os descrever. Aquelle jantar de Jacynto, em que um peixe assado encalha no elevador — deu-se em casa de Eduardo Prado.

Aliás será apenas repetir, dizer que o romance tem sempre experiencias pessoais arcabouçando o imaginario. «Sobre a nudez forte da verdade, o manto diaphano da fantasia».

Já agora é impossivel assignalar o que ha da sua vida, na sua obra. Certas recordações de Coimbra; o club republicano, d' *A Capital*, talvez tenha sido visto nas reuniões operarias, a que Antero de Quental o levou; e de um ou outro trecho, já conhecemos as origens: «a ligação — que elle conta em carta a Ramalho — com uma desavergonhada (apesar da sua sinceridade animal do seu instincto amoroso, o rigor da critica obriga-me a chamar-lhe uma desavergonhada) que lhe ia complicando a vida... não teria sido depois, contada com um sabor tragi-comico e alterada, naquelle enredo de Zé Fernandes, com uma costureira lubrica e mercenaria, de *A Cidade e as Serras*?

O seu extraordinario senso do ridiculo fazia-o um annotador de minucias que geralmente passam despercebidas, mas que são da vida quotidiana. Sua obra está cheia destes flagrantes ironicos: na chronica sobre Suez, elle conta como o sr. Lesseps que cavara o canal, vencera pestes, tivera intrigas da Inglaterra, questões com trabalhadores, problemas técnicos, a tarefa de levar o Occidente ao Oriente, occupações todas estas, superiores e longas — e no entanto em Ismailia tinha perdido e «procurava ansiosamente o seu paletot»; em Cintra, o poeta Alencar relembra uma historia de amor, recita versos com uma lagrima na voz — e enquanto o grupo soffre um silencio commovido, o poeta lyrico se abaixa para amarrar os cadarços da ceroula; findando *Os Maias*, João da Ega expõe que, na vida, elle há de esperar que as cousas venham a elle, não levantará um dedo, fatalista como um arabe — e vae expondo ainda enquanto corre atraz do bonde...

CLOVIS RAMALHETE

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49
São Paulo

Rua da Bahia n. 1502
Bello Horizonte

DE LISBOA

Aspectos da Litteratura Brasileira

II - OS PROSADORES

Tendo-se debruçado sobre o escaparate duma livraria, a Rua do Carmo, a fariscar volumes brasileiros, — um meu amigo, em quem os mysticismos da admiração não excluem o reverso de ser dicaz, dizia para mim: — Estes cariocas são extraordinarios! Chamam-se Epaminondas da Silva e Pythagoras de Aguiar, e, *apesar disso*, a abarrotarem de talento!

...talento dynamico, explosivo, coruscando fulgurancias de sete-estrello e a gargalhar espumas rebeldes, subversivas, de cachoeiras; com acres resinosos de floresta e poalha de oiro, reverberando oxydos outonaes de crepusculos; com abandonos de melancolia epopeica e audácias esbeltas de mocidade...

Olavo Bilac, esse Principe da Renascença, transmigrado num bom-senhor alto, esguio, de côco e lunetas, que atravessou oceanos e continentes, só p'ra vir beijar, num largozinho morrinhento, com árvores absortas, recortadas em zinco, a *Verdade*, do monumento de Eça, — Olavo Bilac, quando escreveu os seus versos, a proposito da *música do Brasil*:

*Es samba e jongo, chiba e fado, cujos
Accordes são desejos e orphandades
De selvagens, captivos e marujos.
É em nostalgias e paixões consiste,
Lasciva dor, beijo de três saúdades,
Flor amorosa de três raças tristes...*

synthetizou todos os possiveis emotivos, toda a mistela de arranques e de êxtases (migalhos translucidos de vitraes, ressoantes ainda de ecos lithurgicos de órgãos, a par de um cisco malsão de vulgaridades; primitivismos ingenuos a contrascenarem com requintes opimos de imprevisto) que ressumam as cinco ou seis linhas mais desprevenidas de não importa que moderno prosador da sul-América.

E' já uma verdade aphoristica, que só não agradará aos pintalegreses espurios da Tradição, que no Passado vêem apenas uma sombra estagnante, que empeça, e não o potencial fremente de porvir, que, de facto, elle representa, — é já uma verdade comezinha, que há muito as gerações mentaes que acampam sob o fulgor embruxado do Cruzeiro do Sul, em meio da estrugida bárbara da planicie equatorial, deixaram de ser um feudo da produção portuguesa, libertando-se por uma vez, do seu voluntarioso marechalato, como irrequietos irmãos mais novos, aos quais já não *dissessem nada* o pigarro admoestador e a férula peguilhenta do irmão mais velho.

Agora já não era possivel vir um critico affirmar, com a sisudez inteiriçada de quem esclarece uma proposição euclydiana, que a consagração máxima de Catullo Cearense lhe adveio do «beijo de luz» que na face lhe pôs Julio Dantas, o Rei-Ubu dos insinceros, que tem passado a vida a estragar as qualidades fulguraes que tinha de cinzelador de monographias historicas, bichanando ao ouvido de *Madame X*... coisas que positivamente lhe não interessam, e que ella tem a obrigação de esquecer, ao voltar de uma página para a outra página.

Comparando-se grande parte dos escriptos que

tem saído ultimamente dos sensórios lusiadas, com as amostras prosisticas da phalange nova, brasileira, temos de assentar nisto: que onde, na verdade, explode o *genius* inventivo; donde irrompe, toda vibrante de pessoalismo, a haste lindissima dos conceitos e das imagens, que illuminam a phrase como um grande prisma de sortilégio, — é dessas amostras.

E, não nos podemos furtar á apreensão de que quasi tudo o que se publica por essas revistas do cotovello grazina da Peninsula, onde nos embebedamos de azul e por onde arrastamos um manto enfatico de Cesares discricionarios do sol, — tresanda a quartos de aluguer com collarinhos sujos por cima das mesas e o focinho da locatária a lembrar no fim dos meses que «não admite mais atrasos».

E' uma litteratura que deve ao padeiro e que não entra nos restaurantes, para comer um bom bife, *por não ter trôco*; que evita passar por aquella loja da esquina, porque o «dono do estabelecimento» á certa há-de pensar que o quidam esquisito, em farfalha estroina de *lavallière*, é muito mais um valdevinos caurineiro de que um Apollo de magicas cadências e roçagantes orgulhos, tropeçando em fimbrias rôtas de Sonhos...

Como é diferente nos nossos irmãos de além-Atlantico!

Raro o que não tenha tido o estímulo escarlata das viagens!

Raro o que não haja deambulado a existencia pelo *hall* retininte dos grandes hoteis de todas as civilizações!

As malas deste e daquelle são *puzzles* diversissimos de etiquetas dos mais antipodas embarcadouros.

Solenissimos paquetes de tres canos, amorosos perdidos das Distancias, que sabem de cór todas as feitiçarias do mar-alto nupciando com céus de occaso, em asceses de lilaz e oiro, — abrigaram-nos a quasi todos elles, e nas manhãs de cinza fluida, em que andam pelo espaço a esfolhar às mancheias de jasmims e geranios brancos, — viram-nos de olhos cravados na esphinge das cidades multitudinárias que se silhuetam nos longes, moldadas subtilmente em Imprecisão e Bruma; viram-nos com um boné de *touriste*, bolsa do binoculo a tiracollo, a mordiscarem um cigarro impaciente...

Assim, tudo o que escrevam, por força que ha-de trair a saude moral e a *feita* dos organismos que vivem euphoricamente a vida, e para os quaes existir é um refractar polyédrico de recordações, atochadas de mundos sempre novos, de perspectivas renovadas sempre.

A anthologia critica, em que já falei, referindo os aedos galhardos da «nova poesia», menciona uma farta ruma de prosadores moços.

A sensibilidade de todo esse feixe de esplendidas audacias, desse *terço* fascinante de magnificadores do estylo, pode-se dizer que entronca no encanto superiorissimo de Graça Aranha, o mestre dos mestres no modo de eleganciar os periodos, de vestir dos terciopelos mais ricos o nu intrinseco e afflictivo das palavras...

...entronca na fresca e rebrilhante, na inultrapassável captivância de Graça Aranha, o mais europeu, quanto a mim, de todos os sensacionistas do moderno exprimir, portuguez.

Transcrevo, como um paradigma desta sua qualidade excelsa de demiurgo da escripta, o que elle entreteceu em chama de Fantasia, tal um Dionysos da côr, sobre o carnaval no seu livro: *Viagem Maravilhosa*:

«Carnaval, maravilha do ruido, encantamento do barulho. Zépereira, bumba, bumba. Falsetes azucrinam, zombeteiam. Viola chora e espinoteia. Melo-peia negra, melosa, feiticeira, *candomblê*. Tudo é instrumento, flautas, violões, recos-recos, saxofones, pandeiros, latas, gaitas e trombetas. Instrumentos sem nome inventados subitamente no delirio da improvisação, do impeto musical. Tudo é canto.

Os sons sacodem-se, berram, lutam, arrebatam no ar sonoro de ventos, vaías, klaxons e aços, estrepitosos. Dentro dos sons movem-se as côres, vivas, ardentes, pulando, dançando, desfilando sob o verde das arvores, em face do azul da bahia, no mundo dourado. Dentro dos sons e das côres movem-se os cheiros, cheiro negro, cheiro mulato, cheiro branco, cheiro de todos os matizes, de todas as excitações e de todas as nauseas. Dentro dos cheiros, os movimentos dos tactos violentos, brutos, suaves, lubricos, meigos, allucinantes. Tactos, sons, côres, cheiros que se fundem em gostos de gengibre, de mendobim, de castanhas, de bananas, de laranjas, de boccas e de mucosas.

Libertação dos sentidos, envolventes das massas frenéticas que maxixam, gritam, tresandam, deslumbram, saboreiam, na unidade do prazer desencadeado. Carnaval. Glória da mulher. Ella, para ella e por ella. Inversão universal. Homens-fêmeas. Mulheres-machos. Retôrno ancestral ao culto lunar, ao mysterio nocturno. Desforra da fêmea. Ressurreição das bacchantes, das bruxas, das diabas. Missa regra, tragedia negra, magia negra. Triunpha a negra, triumpho a mulata.

Musica, fanfarra, prestito, maxixe, samba. No nocturno da Praça Onze, o negro e o castanho dominam os vermelhões das caras, das mascaras e das vestimentas alacres, vibrantes...

...Os cheiros doidos alvoroçam-se e embriagam... Sobre os corpos pretos, a iluminação do ouro, da prata, das contas e das roupas, de onde as côres saltam em delirio, amarelas, vermelhas, azues, verdes. Musica de coreto. Cantoria infinita, confusa, das bôcas pretas, abysmaes. Melo-peias plangentes para palavras canalhas. Fura a mobilidade ondulante um grupo de bahianas, dançando, cantando, saracoteando a grossa luxuria negra...

...cheiram a cravo, a baunilha e a fêmea... Suspendem as saias rodadas e dançam, nos requebros das ancas, no arranco das umbigadas. A sensualidade é religiosa. O rythmo dos ranchos é sacerdotal. E' o drama sacro, grave e profundo. Na base da magia, o culto. O carnaval espiritualiza-se. No seu immenso manancial recebe as correntes das crenças, dos cultos, que se transformam em festas...

São, na verdade, uma turma victoriosa de *alguens*, esses moços brasilicos, com que os bonzos fa-

cilmente cansados do lugar-commum, os lusos tati-bitates das normas pre-estabelecidas, que ajuntam um substantivo a um adjectivo como quem pesponta calcanhares de meia ao de cima do fastio resignado dum buzio; com que os «paus mandados» do sedição *cá vou indo* estylistico, deviam tentar aprender a serem vivos, integros, alertas, doidejantes, irregulares, e orgulhosamente indiferentes aos «ihs!» espantadiços dos que têm na «opinião» um dente podre, e atroam tudo com o seu catarro murcho de valetudinarios.

Deixo aqui alguns dos seus nomes, como quem enuncia, numa avenida consagrada de estátuas, legendas cyclicas de heroes: Alvaro Moreyra, Amando Fontes, Barreto Filho, Erico Verissimo, Jackson de Figueiredo, Jorge Amado, o autor ardente de *Jubiabá*, José Lins do Rego, cuja obra toda é um hymnário das coisas simples, que o Talento alcandorou à cumiada dos symbolos eternos; Américo de Almeida, Luiz Delgado, Mario de Andrade e Marques Rebello, que numa scena de rua tem este *guache* lépido, zebrado de intensidade: «o vehiculo comia ruas, cortava praças, atravessava avenidas, jogando casas para traz, barulhento e desengonçado», e, focando o pae da personagem central na *Oscarina*, inventou isto, como um instantaneo «memento» da jocosidade inçada de bonhomia: «...era baixo, curioso, e terceiro official no Ministerio da Marinha»; Oswaldo de Andrade, Plinio Salgado e o ternissimo Jaime Ballão Junior, ourives-miniaturista desta pequenina obra-prima do compadecimento:

«O Alcides Silva fechou, immediatamente, a porta da sala, dardejando sobre mim uns grandes olhos.

Todos me devoravam com os olhos. Olhos! Olhos! Eu senti o cheiro da vela de cera tantas vezes queimada em nossa casa. Dona Leonor Coelho generosa, olhou-me com uma lagrima. Ninguém me dizia nada, nada. Eu só vi olhos de fogo sobre mim. Todos me devoravam. Andei tonto, somnambulico, pelos encantos.

— Pobrezinho! — exclamavam. Olhei; era «Nha» Maria, a nossa empregada velha.

Pobrezinho! Tive impetos de perguntar porque me olhavam tanto. Quiz recuar, apavorado; e para onde eu corria, affluia a onda de olhares ardentes como velas funerarias. Até nos cantos onde eu me escondia, iam electrizar-me os olhares de fogo.

...Flores pisadas no chão. Silencio.

— Onde está meu pae? — foi a unica pergunta que fiz, tremulo, sem resposta. O Alcides, incendiou-me com os olhos. Olhos! Só olhos! Ninguém me disse nada, nada, nada, — mas meu coração sentiu, sim, sentiu que meu Pae estava entre flores, na sala, morto. Eis ahi o romance da vida de meu Pae».

CARLOS PARREIRA.

— Philippe Amiguet dedica um livro dos mais sympathicos a *Otto de Habsbourg, espoir de l'Autriche*. Nascido nas pompas da corte viennense, mesmo quando esta já se sentia ameaçada pelo inevitavel declinio, Otto conheceu depois os amargores do exilio, viu o pae morrer-lhe ainda joven, participou dos sonhos e delirios dos sobreviventes da estirpe no sentido de ser restaurado o throno dos seus á margem do Danubio. Reinará elle ou continuará a vagar melancolicamente por terras alheias? Amiguet, que não se crê um temperamento de propheta, deixa a resposta ao futuro...

APOLOGOS DO JÉCA

A ONÇA

— Você nem pode imaginar... Vi uma onça... Que onça! Um bicho tão brabo e tão damnado que, só de enxergar, dava medo.

E, ao dizer, o Pereira fazia trejeitos desconformes. O Marcondes, então, coçando o queixo mal amanhado na barbicha esphacelada, obtemperou:

— Isso de onça é coisa que aqui no matto nós estamos a encontrar a tres por dois. Que historia, seu Pereira!... Uma onça é sempre igual a outra onça.

— Lá isso é. Mas essa que eu vi, não era, não.

— E onde foi isso?

— Foi na semana passada quando estive no Rio.

— Ah!... então é algum bicho estrangeiro que V. tomou por onça. Quem sabe si não é a mesma que eu vi?

— Bem póde ser que sim.

— Não era uma que estava numa gaiola?

— Está ahi uma coisa que eu não vi, foi gaiola.

— Andava solta na rua?

O Pereira embatucou:

— Espere ahi, seu Marcondes. Eu vou lhe dizer...

— Não diga mais nada, homem. Vou-me com esta.

— Não, não vá. Fique ahi. Eu me explico. A onça que eu vi, não era onça...

— Boas... Responda só para acabar com isto: Comia gente?

— Gente, não; mas comia. E que guéla... Também de que é que havia de viver?

— Urrava?

— Também não. Isto é, devia miar como gato, ou coisa que o valha. Mas também como é que ela havia de se explicar?

— Tinha rabo?

— Devia ter e peor do que chicote; mas estava atraz e eu não vi.

— Quatro patas?

— Claro... duas e duas, quatro. Como é que ella havia de andar?

— E os dentes? De fóra?

— Não, de dentro, fechados e antes de arrastar.

— Era malhada?

— Devia de ser. Mas estava escuro e eu não contei as pintas.

— Está vendo? era onça. Com certeza não era cachorro

— Cachorro? Homem... quem sabe lá?

— Em que ficamos? Era onça? era pombo? era bezouro? era peixe?

— A bem dizer... Para ser franco... Isso de ser onça, depende...

— Você está maluco, seu Pereira. Depois que voltou do Rio, emalukeceu!... Era, ou não era. Está ahi uma coisa que não depende sinão de ser onça ou de não ser onça alguma.

— Eu lhe digo e repito: Depende...

— De que, homem?...

— De quem vê. A mim me pareceu onça, e feroz; porém tanta gente dizia que não era, que eu fiquei na duvida. Quando o bicho comia um, era onça para este, mas para o outro que não foi comido, era borboleta. Quando ella roncava, era onça braba para quem estava ouvindo, mas para quem não ouvia e tinha medo, era até patativa. Quando passava a unha, era sussuarana para os arranhados e espatifados, mas para os outros, de longe apreciando, era uma dama de luvas de pellica. Vê você, seu Marcondes, que ser onça depende.

— Pois sim. Faça de conta que entendi. Mas de você para você, que tal?...

— Era e é mesmo, porque agora estou por aqui. Mas lá... qual nada... Até achei que era pomba rôla misturada com veadinho de mama.

DOMINGOS RIBEIRO FILHO.

UMA NOTA A-PROPOSITO. — Uma forma de estylo litterario que lastrou e vem lastrando entre nós, consiste em reproduzir, phonographando, tão accentuadamente quanto é possível á paixão da cor local, o linguajar dos nossos roceiros, pretos, indios, gallegos, plebeus, &c., pela desfiguração violenta de quasi todas as expressões que elles empregam. Formam-se, assim, parallelamente á lingua falada no Brasil diversas outras linguas inacreditavelmente mutiladas e de todo incompreensíveis. Porque essa pratica contorcionista?

Efetivamente o « jeca », o plebeu, o inculto falam mal; já se sabe. O escriptor não deve falar igual ou peor. Reproduzir-lhes os erros prosodicos, apenas por um triste amor á exactidão é, não sómente corroborar essa distorsão phonologica, mas ainda enxovalhar a lingua nacional, anciosa de cultura, caricaturando-a violentamente para effeitos banalissimos de bellettrismo.

Ha, no animo artistico dos escriptores dessa nova algaravia de arremedo, um entendimento inexato do que é o linguajar sertanejo, ou plebeu. Dá-se a confusão entre as formas syntaticas que elles usam e a morphologia do vocabulario de que se servem. Reproduzir as primeiras é sinceridade litteraria; forçar a nota da segunda é pura armação ao effeito e não mais litteratura.

O escriptor é, naturalmente, livre de exercer e de se exprimir como melhor imagina que sua arte o traduz e impressiona os outros. Igual licença desfruta o cabotino e o hospede que o editor e o jornal acolhem numa commovedora intimidade que rapidamente se transforma em tolerancia. E esse

Edição Ariel:

SEM RUMO

Novella gaúcha de CYRO MARTINS

EM TODAS AS LIVRARIAS

arrivista quem encontra no linguajar sertanejo um motivo litterario capaz de o tornar interessante ao leitor mal avisado. A lingua? Que se lha dá?

E- possivel ser um honesto e probo reproductor do linguajar de nossa gente inculta sem lhe repisar servil e arbitrariamente a prosodia malbaratada. E' inutil martellar nos *ocês*, nos *cadê eles?*, nos *maginá* e nos *muéis*; é perfido reproduzir os solecismos do lavrador, os barbarismos do vaqueiro, e triste phonographar o prodismo cantante e arrastado do « jeca » espezinado, explorado e inculto.

Phrases inteiras de palavras incriveis não dão a idéa feliz nem são a phonographia honesta do que é a lingua pobre mas sincera do roceiro. Termos proprios, regionalismos, brasileirismos, &c. são uma coisa; esses mesmos termos violentamente caricaturados em fancarias litterarias, e mesmo em livros recomendaveis, são coisa diversa.

O sertanejo precisa de grammatica; em vez della, tiram-lhe até a possibilidade de esperar alguma, porque a lingua que lhe attribuem não é absolutamente lingua alguma.

Estimavel será que esmoreça e pereça de vez essa pratica infeliz.

D. R. F.

EDIÇÕES DA LIVRARIA DO GLOBO

Excellentes as ultimas edições da grande casa de livros de Porto Alegre. Erico Verissimo, romancista admiravel, narra-nos *As Aventuras de Cibicuera*, que são as aventuras do proprio Brasil. E' um processo de contar a historia da nossa terra com bastante amenidade para os garotos. De Karl May temos uma novella de sensação. Angelo Guido prosegue no seu empenho de reconstituir os dados essenciaes da mythologia amazonica e dá-nos agora o volume *No Reino das Mulheras sem Lei*, que deve ser lido por quantos conhecem as obras de ficção de Alberto Rangel, Gastão Cruls e outros, e carecem de vêr como se encara scientificamente um assumpto que aquelles trataram com tanto fulgor litterario. Rivadavia de Souza offerece-nos um punhado de chronicas brilhantes, *Pé de Moleque*, e Maria Eugenia Celso, tão familiar aos leitores deste *Boletim*, apresenta-nos *Alma Varia*, versos entre enternecidos e ironicos, de uma factura sempre correcta e forte. Os entusiastas de René Fullop-Miller reencontram-no no trabalho *Os Grandes Sonhos da Humanidade*, relativo a conductores de povos, sonhadores e rebeldes de todos os tempos, e os devotos de Emil Ludwig não perderão ensejo de acompanhá-lo numa excursão, simultaneamente historica e geographica, pelas aguas de um rio sagrado, *O Nilo*.

Aristoteles — *A Republica Atheniense* — Editora Mandarino — Rio.

Surpresa para quantos percorrem livros destes é verificar-lhes a palpação de actualidade com que o genio dos gregos se incorpora perfeitamente a nós outros, melhorando-nos a cultura, ennobrecendo-nos o sentido da vida. Aristoteles, encanto de arabes e latinos, mestre de Averróes e mestre de Santo Thomaz, é philosopho em que se reconhecem todos os séres pensantes de hoje. Em genero mais gracioso, para a clientela feminina, a mesma casa editora vem de estampar um volume de Jules Sandeau, *Vingança de Mulher*, e outro de Octave Feuillet, *Beatriz*, ambos excellentemente traduzidos.

Nosor Sanches — *Canção da felicidade* — Rio.

O sr. Nosor Sanches é um bom poeta lirico e uma das suas composições foi bastante divulgada, graças á suggestiva interpretação da cantora Bidú Sayão. Evitando as notas verbaes muito ostensivas, o autor da *Canção da felicidade* conserva-se um romantico, se bem que não de todo insensivel ás trepidações da hora presente. No grupo capitaneado pelo sr. Guilherme de Almeida cabe-lhe um lugar dos mais distinctos. Lel-o importa em verificar que certos motivos essenciaes do amor não envelhecem nunca e que não ha data obrigatoria para tudo quanto se prende á historia do coração.

O HOMEM DE OURO

Aquelle homem era todo feito de ouro.

Um dia, quiz conhecer o mundo. Disse adeus aos paes, deixou o lar. Poz-se a percorrer a terra. Toda gente, que o avistava, punha-se a contemplá-lo, deslumbrada.

A principio, arisco, elle fugia dos homens. Depois mais confiado, deixou que os curiosos viessem examinal-o de perto. As mulheres o beijavam, fazendo-o estremecer de luxuria. Os feios, muito despeitados, procuravam ridicularizá-lo. Então, elle sentiu ódio. Os ambiciosos o apalpavam, mercadejando-o com olhos ardentes de cubiça. Os commerciantes procuravam raspar-o a canivete, desconfiando de algum embuste debaixo do envólucro dourado. Offereciam-lhe preços, ensinando-o a vender-se. Os mesquinhos o adulavam, envaidecendo-o. Satisfaziám-lhe os menores desejos. Elle ficou ocioso, cheio de caprichos. Deixou-se proclamar rei, sentindo a vertigem do poder. Os crédulos, tomando-o por santo, o puzeram num altar. Elle sentiu prazer em mystificar a multidão.

Um dia, exausto, decidiu voltar para casa.

Quando avistou os paes, foi beijá-los. Os paes ficaram surpresos, olhando aquelle desconhecido. Era um homem todo feito de pedra.

CARVALHAL RIBAS

Lewis Hanke — *Handbook of Latin-American Studies* — Cambridge — EE. UU.

Temos neste volume uma segura demonstração de quanto os americanos do norte se vão interessando pela cultura latina dos que procedem de hespanhoes e portuguezes. O livro é um guia de primeira ordem para os trabalhos publicados na America do Sul durante o anno de 1936, nos dominios da historia, da sociologia, da ficção. Tudo foi arrolado attentamente e com o desejo de bem discernir a essencia de cada escripto, dentro dos mais rigorosos methodos de classificação bibliographica. Alegria-nos que assim seja, especialmente porque realizações dessas são as unicas verdadeiramente confraternizadoras, mais que as de caracter economico ou diplomatico. Só a intelligencia poderá crear, nas terras que Colombo deu ao christianismo, aquella unidade de almas visionada por Walt Whitman. Dos que trabalharam pela confecção deste manual devemos destacar, com especial carinho, o nome de Samuel Putnam, que é historiador e critico igualmente brilhantes das nossas lettras, conhecendo os nossos classicos e estando em dia com os prosadores e poetas mais jovens do Brasil. Putnam, ensaista e humanista dos melhores, tornou-se um dos mais perspicazes e vibrantes pregoeiros da nossa cultura junto ás bibliothecas e ás universidades do paiz de Roosevelt.

Alberto Rangel — *No Rolar do Tempo* — Livraria José Olympio Editora — Rio.

«Opiniões e testemunhos respigados no archivo do Orsay», declara o sub-titulo. Declaração, a nosso vêr, excessivamente modesta. Porque não se trata de producção de um homem que nos forneça apenas a copia de tediosos papeis antigos. Trata-se, sim, de uma intelligencia curiosa e operosa como poucas, das que emprestam aos manuscritos bichados e poeirentos esse fremito de vida que é a melhor critica, a melhor philosophia de acontecimentos extinctos. Tudo quanto disseram de interessante, sobre homens e factos do Brasil, os diplomatas francezes que para aqui vinham sobrecarregados de preconceitos raciaes e sociaes, revive ao toque dos dedos de Alberto Rangel, que sabe animar, com uma especie de reactivo chimico, dezenas de calhamaços aos quaes nenhum outro brasileiro foi ainda perguntar coisa alguma. Um livro precioso, que é bem da maneira de Alberto Rangel, na segunda phase, a phase de inquirição historica que se seguiu ás suas prodigiosas pinturas da Amazonia.

DE LISBOA

Do limite da responsabilidade dos povos - II

Um dos aspectos do desconhecimento do homem — desconhecimento que o dr. A. Carrel poz na tela da discussão — é o da fronteira entre o dominio proprio da collectividade e o campo soberano do individuo. O homem social, elemento inexoravelmente franco á acção dum conjuncto e, elle mesmo, centro actuante sobre esse conjuncto, é muito menos conhecido que a unidade «animal humano». Os enigmas que maiormente nos perturbam não são já os da natureza, nem os da biologia, são os dessa coisa movediça, alógica ou contradictoria, que é a consciencia collectiva. E é com ella que se faz a historia e é ella que cria o clima espiritual em que tem de viver o individuo, ainda o de mais rica personalidade. O equilibrio, que é necessario fazer-se entre o individuo, unica realidade e o corpo social, abstracção grosseiramente concretizada nas pessoas que o encarnam e lhe imprimem os seus proprios individualismos, os «empregados publicos», como dizia Spencer, chamente, tal equilibrio tem de se fundar sobre uma clara delimitação entre a consciencia individual e a collectiva. O dr. Charles Blondel exemplificou em formas simples da percepção, da memoria e da vida affectiva como a par das condições physiologicas se encontrava sempre o sello do meio social. Mas a renuncia por parte da multidão á complexidade dos seus direitos e deveres civicos e politicos, a toda a armação juridica do Estado e a toda a alta vida de responsabilidade, de liberdade, de critica e collaboração, o seu menosprezo dos valores da cultura, todas as manifestações de pecorismo e idolatria barbara, a que os meios technicos modernos dão umas proporções e uma repercussão sensacionais — isso tudo poderia significar talvez que o seculo XIX ergueu a vida humana a um nivel tão elevado e tão exigente que o homem medio, o homem colectivo, o homem-massa de Ortega y Gasset, não pode attingil-o, porque ultrapassou o limite da sua personalidade. Para viver plenamente e conscientemente a vida moderna, para exercer todos os direitos que ella concede, para cumprir todos os deveres que ella reclama, para usufruir todas as vantagens e commodidades que ella proporciona, para se defender dos seus riscos, é necessaria uma riqueza de aptidões e um poder de discernimento, que não andam muito longe da intelligência que nos criou esse alto theor da vida. Ha um pequeno exemplo que pode dar-nos idéa da complexidade absorvente da vida moderna. Quando mudamos de paiz e nos installamos numa grande capital desconhecida, temos de fazer uma longa e por vezes nada facil aprendizagem da organização typica da vida dessa cidade, sem o que a existencia se nos torna impossivel; e impossivel chega a ser para alguns espiritos, que, muito bem dotados embora, não têm o necessario poder de adaptação, a paciencia e a memoria requeridas. Daqui provém que nalguns paizes se tenham desenvolvido faculdades especiaes para a aquisição e pratica dessas normas de vida, virtudes secundarias que fazem baixar o nivel da vida para uma conformada adaptação a organizações complexissimas, onde não ha lugar para a variante individual, menos ainda para a aberrante heterodoxia.

O progresso das sciencias e o progresso, seu derivado, da technica de applicações têm larga margem de desenvolvimento e de ambição — toda a distancia que vae até ás fronteiras do conhecimento. Mas o poder de adaptação do homem medio não acompanha esses progressos, porque são muito limitadas a sua memoria, o seu senso critico, a sua faculdade de synthese, de desinteresse e especulação pura, o seu dominio dos mobeis vulgares da vida vegetativa. O augmento prodigioso do saber influe muito reduzidamente sobre a constituição da consciencia. O especialista, obreiro do tesouro do saber, não attingiu a elevação moral correspondente. Como ha limites para o Universo, como ha limites para a intelligencia que conhece, ha limites que recortam o caracter do homem medio em face dos horizontes que a sciencia lhe offerece e ha limites para a personalidade dum povo ante as oportunidades e privilegios que o saber e as faculdades inventivas dos melhores lhe podem criar. A restauração de muitas idéas do seculo XVIII mostra que ainda hoje se crê que se altera a personalidade dum povo a golpes de decretos bem intencionados. O que se pode é favorecer ou contrariar a expansão dum caracter e a affirmação duma personalidade, mas seguindo sempre os trilhos do seu typismo, como uma planta segue sempre a evolução da sua especie, cultivada ou não.

O dr. Toulouse, comparando o comportamento diverso dos povos europeus ante a crise contemporanea, concluiu que os povos não têm todos a mesma idade mental. Trouxe para a discussão do problema um criterio biologico e uma metaphora dos «tests» pedagogicos, mas util metaphora porque o levou a proclamar, sob o estimulo daquella emoção dos acontecimentos, a que alludia nas primeiras linhas deste ensaio, a necessidade dum estudo scientifico dessas anomalias de conducta para edificar uma biotypologia ethnica, que um dia viria em auxilio dos homens publicos e dos diplomatas. Afigura-se-me que o problema se pode pôr de maneira diversa, ainda que um pouco sceptica: desde o seculo XVIII que se presume demasiado das capacidades do homem medio; a civilização liberal pede demais ao homem commum, que é só uma cadeia de interesses e de paixões, com um grau de intelligencia que não excede a tactica da defeza e da adaptação aos meios de luta pela vida; impoz-se aos povos um figurino de estruturação politica e social, que sem resolver o essencial, economica, criava complexidades accessorias de pharisaismo politico, que iam cahir fora da zona demarcada pela tal fronteira ideal: *o limite da personalidade*.

4 — DO METHODO

Personalidade dum povo seria o conjuncto de manifestações activas e mentaes, com que esse povo se ergue acima do condicionalismo geographico e physiologico, e se afirma especificamente no concerto humano. Seria uma zona de liberdade que se mediria pela distancia entre a média do seu caracter nacional e o limite provavel da sua originalidade criadora. Essa originalidade na criação e na reacção affirmar-

se-ia principalmente no elaborar duma cultura scientifica, philosophica, litteraria e artistica, duma pedagogia e duma politica de clara recordação dum passado commum e de projecção activa para um programma de futuro, isto é, no pensamento e na acção. O caminho para chegar a esboçar essa linha ou essa faixa do limite da personalidade dum povo só poderá ser o dum inquerito em profundidade sobre as suas manifestações collectivas e individuaes nesses campos alludidos, rigorosamente criticadas, interpretadas e avaliadas com methodos que excedam a intuição divinatoria da escola de Fouillée. A singela leitura da historia será importante, porque nos faz assistir á genese da personalidade que buscamos e á sedimentação de experiencias que a compõe, mas é insufficiente e pode ser enganosa, porque se exerce sobre physiognomias ephemerias. E não só isso: exerce-se sobre a historiographia, não sobre a historia (viva, isto é, utiliza a interpretação da historia pelos historiadores ou a visão deformada da memoria collectiva — o que é o mesmo que dizer que trabalha com materiaes incompletos e de segunda mão. Por isso, não por qualquer preocupação de applicações immediatas, o campo de investigação preferido terá de ser o estadio actual da carreira dos povos. No seculo presente, quasi todos attingiram uma relativa estabilidade de tipos, têm a mesma idade adulta, diria, se não fosse o receio de contradizer o dr. Toulouse; estão já fora do risco das grandes mudanças da historia: migrações, cruzamentos, conquistas, epidemias, descobrimentos deslumbradores no campo do saber e no scenario geographico.

Por uma série de «tests», habilmente conduzidos, o psychologo chega a fixar os topos ou marcos junto dos quaes ha de correr a linha fronteira do perfil psychologico do individuo observado; por uma serie de inqueritos e sondagens da vida collectiva, de observações sobre a quantidade das manifestações collectivas e individuaes nos dois campos da cultura e da politica, com a collaboração da estatistica, poder-se-á tambem desenhar a linha approximativa da fronteira ou limite da personalidade dum povo. Digo approximativa, porque a consciencia nacional é susceptivel de bruscas e profundas modificações. Um pequeno povo de lavradores, que foi Portugal nos seculos medievos, torna-se depois um viveiro de navegadores e conquistadores; da sua sangrenta intolerancia religiosa do seculo XVII extraiu o povo inglez o supremo character individualista das duas civilizações anglo-saxonicas. Frequentemente essas diferenças, que achamos de uma epoca para outra, são menos profundas do que parecem, porque significam o apparecimento, o crescimento e a affirmação da propria personalidade. Assim, o Portugal agrario da Edade Média tem seu bem definido character colectivo, mas não tem ainda personalidade, porque esta só se desenha no seculo XV, depois do Infante D. Henrique. A vida dos povos, como a dos individuos, não é por força ascendente e regular na sua continuidade. Soffre recuos, perplexidades e contradicções, porque não é a intelligencia que dirige as reacções collectivas do homem medio, é o interesse, é a paixão, é o subconsciente que pouco têm de racionais. Mas, através dessas alterações, nota-se a sequencia fundamental dum *abstractum* permanente, tanto no individuo, que o deve á base physica

do seu temperamento, como nos povos, que o devem á mesma base biologica e ainda á constancia do quadro da sua vida geographica e economica. Por vezes, revolucionam-se os conceitos basicos, os juizos e valores que conduzem os homens, mas são como tempestades em rios velhos, que ha muito cavaram e fixaram o seu leito. As grandes aventuras da historia europeia cessaram. A da Italia na Etiopia foi talvez a ultima e já com todo o character de anachronismo.

Esta noção de limite da personalidade não será só approximativa, deverá ser tambem modesta, para se desinteressar de todo o trabalho explicativo da origem e permanencia de tal ou tal indice psychologico. Evitará assim as nebulosidades da metaphysica e da metahistoria. A sua determinação é que levanta problemas de methodo, sobre os quaes os psychologos de profissão deveriam pronunciar-se. Eu não sou mais que um amator ou um espectador philosophante, a meio caminho entre os sabios e os ignorantes, como dizia Platão que eram as gentes dadas a philosophar... Não creio, comtudo, muito difficil criar uma notação ou systema de mensuração — talvez porque os amadores do meu typo, no seu proposito de tudo reduzir a idéas, crêem as coisas mais simples do que ellas são.

Os dois campos sobre os quaes se deve exercer a observação, que procura delinear a zona superior ao character colectivo, isto é, a personalidade, são a cultura e a politica: o pensamento puro, o pensamento artistico, a technica das applicações, a educação e a vontade de realização. Antes teria de ser organizada a tabella das perguntas para o questionario geral. Em lugar de tentar «tests» impossiveis, fazia-se destinar a vida collectiva nessa alta zona, fluir em toda a sua espontaneidade ante o espelho desse questionario. Os dados obtidos em resposta seriam classificados sob o duplo ponto de vista *de quantidade e qualidade*. Alcançava-se assim um desdobramento, que nos proporcionava duas séries de ordenadas; hierarchizando o elenco das perguntas ou titulos dos indices, constituíamos a serie das abscisas. Ligando os pontos de cada uma das duas classes, quantidade e qualidade, teríamos duas curvas, das quaes, evidentemente. Preenchendo a *côr* o espaço entre as duas curvas, constituiríamos uma zona de oscillação, em que o ideal seria a sua suppressão pela coincidencia das duas linhas. Repetindo para varios annos o inquerito e sobrepondo os seus resultados, chegaríamos a uma imagem composta dessa zona — que seria a fronteira ou o limite da personalidade do povo estudado.

Iniciada a investigação neste campo, o mais urgente será definir ou formular uma tabella de indices, coisa semelhante ao que, após tentativas porfiadas, significa para os «tests» a tabella Binet-Simon. O mais é apenas a applicação do alvitre de Rossolimo a esta noção, que proponho. Mas, conseguido tudo isso, principia outra difficuldade maior e essa permanente, porque é insusceptivel de se reduzir a methodica impessoal: a leitura interpretativa do graphico. O radiologista chega a ser um simples operador, como o topographo e o cartographo. Mas o medico, ao ler a radiographia, e o engenheiro e o estrategico, ao ler a carta geographica, fazem um trabalho superior de intelligencia pessoal, de livre destreza e responsavel iniciativa. Tambem a leitura desse graphico, com as

SERGIPANAS E FRANCEZAS

(A proposito do ultimo livro de Amando Fontes)

Esta *Rua do Siriry* do sr. Amando Fontes, a gente passa por ella, entra nas casas das mulheres perdidas e sae sem commetter peccados. O que a gente traz nalma depois é uma immensa pena, um grande amor por todas aquellas infelizes.

Tambem naquellas tristissimas «pensões alegres» não se ouve um só nome feio, uma só palavra inconveniente, — cousa aliás consideravel se concluirmos que em companhia de outros romancistas do momento teriamos que tapar os ouvidos mesmo visitando a casa paterna...

E' curioso notar como a arte, quando é verdadeira, é bôa e christã, por mais realista que seja. Christã, mesmo que tenha sido feita alguns seculos antes de N. S. Jesus Christo.

O sr. Amando Fontes, por exemplo, sem ser nem de leve um moralista, sem qualquer intenção, é um evangelizador. Porque é um bom. E sobretudo porque não deforma a realidade. O que elle diz é a realidade no tempo e no espaço em que elle a collocou. Noutra epoca e noutro logar a realidade seria outra. Teria outros accidentes. Apparencias talvez oppostas.

Mas isso não é culpa do artista. O artista deve trabalhar o seu pedaço de realidade e no fim dar-nos uma cousa genuína. E' bastará uma porção authentica da vida, qualquer que elle seja, imantada pela arte, para fazer os homens comprehender o Resto e o todo.

Essas considerações nos occorrem por causa de uma coincidência singular. No dia em que sahia o livro do sr. Amando Fontes os jornaes do Rio de Janeiro traziam repor-

tagens illustradas acerca do desaparecimento da bella Ivonne, a Pierrot, que fôra sequestrada, e era possuidora de muitas centenas de contos, ganhos paulatinamente no exercicio continuado e methodico da sua profissão.

E puz-me a considerar como essas «francezas» são differentes daquelles «brasileiras» de Sergipe. No meio da degradação e do vicio aquellas brasileiras do Norte da *Rua do Siriry* não perdem o eterno lyrismo da raça. E têm vivo o senso da queda. Quando são bellas passam como um meteoro, victimas da irreflexão com que vivem a sua vida como a trefega Djanira. Mais feias, como a mulata bôa da Mariana, viuva do soldado que morreu no contestado, vivem mais, têm uma agonia prolongada.

As «francezas» (até sem sangue gaulez...) vão viver, adoecer e morrer assim. Ellas caem na vida mas ja como membros de uma corporação onde há chefes que lhes administram a vida. Exploram-nas esses tyrannetes mas impõem-lhes uma disciplina salutar: obrigam-nas a procurar periodicamente medicos e dentistas para que a mercadoria se não deprecie. Quando porventura adoecem baixam incontinentemente ao Hospital. Depois de alguns annos de vida sobem de categoria, vão a donas de casa e terminam socias do negocio.

Como a Pierrot dos jornaes possuem, afinal, centenas de contos.

Emfim, é assim mesmo. Nos mundos em que Christo está ausente só vivem bem as cousas e as profissões disciplinarmente organizadas, com capitães ou caftens valerosos. Só pode haver ordem e progresso de verdade, limpeza e

hygiene nas organizações totalitarias.

Comtudo, na falta de Nosso Senhor Jesus Christo, como eu amo aquellas mulheres da rua do Siriry que do peccado, em seguida, conhecem a sanção... Como eu prefiro mil vezes a desgraça sem remedio dos que se abandonam ao erro sem as cautelas que a prudencia de Satanaz ensina aos homens de má vontade.

J. FERNANDO CARNEIRO.

Lima Figueiredo — *Oeste Paranaense* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

E' uma descripção, conduzida em tom despretencioso e ameno, de tudo quanto existe de interessante numa das mais bellas e fertéis regiões do Paraná. A Companhia Editora Nacional anda muito bem incluindo na sua «Brasileira», já agora definitivamente victoriosa no gosto dos homens cultos do Brasil, esse genero de monographias estadoaes, de uma importancia bem superior ao que parece á primeira vista. Nada do que diz respeito ao nosso paiz pôde ser-nos indifferente. E em se tratando de uma unidade da federação como a que deu Nestor Victor e Rocha Pombo, a nossa curiosidade não será de modo algum ludibriada, tantas as attracções e riquezas da chamada terra dos pinheiraes.

Geraldo de Rezende Martins — *Cananéa* — Rio.

Quem quer que pense nas maravilhas dos futuros destinos do Brasil não deixará de ler com emoção estas paginas de Geraldo de Rezende Martins. Sem vaidosa preocupação de recamos litterarios, descreve-nos elle, em linguagem que é depoimento directo haurido nos factos, uma região paulista de que poderá ainda advir muita grandeza economica para nós outros. Região impregnada das mais bellas reminiscencias historicas e enriquecida por mil thesouros que administradores somnolentos ainda não trataram de recolher, Cananéa rebrilha nesta brochura de caracter honradamente objectivo, sem illusorios fulgores de El-Dorado, mas com muitas antevisões de uma grandeza que não deve tardar.

suas oscillações, e a comparação delle com os de varios povos pelos criticos sociaes, pelos homens publicos e pelos educadores seria coisa bem mais difficil que a sua determinação. Sobretudo, seria um erro extrair dessa leitura uma concepção estatistica da vida dos povos. Só o aborrecimento quantas oscillações não introduz nessa zona fronteira! Mas essas oscillações não podem ter grande amplitude. A vida é mediocre, irremediavelmente mediocre, porque fica sempre muito distante dos nossos egoismos ou

muito abaixo das nossas aspirações. O seu encanto principal está nos artificios com que o homem lhe foge, segundo os seus meios: a religião, a philosophia, a sciencia, a litteratura, a arte, o amor, o sonho, o alcool, o café, o tabaco... A personalidade verdadeira dum povo é o esforço de fuga ás confinações mediocres da vida e ao seu aborrecimento. Mas este esforço tem para cada povo formas typicas e limites intransponiveis, o da condição humana e o da sua personalidade.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

A mathematica na educação secundaria

Nenhuma sciencia tem tanto prestigio e ao mesmo tempo, é tão malsinada como a mathematica. Prestigio que dá á immensa multidão dos que a ignoram impressão de mysterio e exoterismo e má sina porque, na totalidade de seu conjunto, ficou privilegio de muito poucos.

Entretanto é bem conhecido aquelle pensamento de Henri Poincaré: que alguém não retenha um conceito ou uma demonstração mathematica comprehende-se, mas que não a entenda é demais...

A culpa deste estado de cousas, deve correr por conta do ensino.

De ha muito se fazia necessario uma revisão critica da mathematica em relação á educação, nos seus fundamentos, no seu desenvolvimeto e nas suas consequencias.

E' o que acaba de realizar o prof. Euclides Roxo, em formoso volume da collecção *Actualidades Pedagogicas* sob a alta direcção de Fernando de Azevedo.

Autor do movimento de renovação do estudo da mathematica na escola secundaria, professor moderno, dono de solida cultura geral e especializada, de ha longo tempo vem reunindo grande somma de material sobre a educação mathematica, em todos os seus aspectos.

O livro em apreço, com o ser uma apresentação do quanto se tem feito sobre o assumpto, na Europa e na America por isso mesmo que o autor tantas vezes se occulta, mantem do primeiro ao ultimo capitulo uma linha continua da mais perfeita unidade de concepção e realização, dentro do panorama actual das doutrinas em voga de psychologia e de educação, vasado em forma sabia e correcta, que augmenta o prazer de sua leitura.

Começando pela evolução do pensamento mathematico e de seu ensino, em exposição historica e critica, chega aos objectivos da educação mathematica, discute com intelligencia, clareza e ao mesmo tempo com rara coragem em atacar pontos delicados, onde a tradição impôz conceitos definitivos. Estuda a escolha e organização da materia, em si e em connexão com as outras disciplinas de curso secundario, a importancia das applicações na educação mathematica e

AGORA E DEPOIS

*Não quero que existam
pedaços das coisas que não foram ditas totalmente
e que estão tapando amplitudes*

*Vamos lavar os olhos
das manchas dos olhares
que não tiveram coragem de ser totaes
e ficaram fluctuando mortos
na superficie das retinas.*

*Vamos jogar fóra
restos de laços
que eram debeis
e que estão pendendo grotescamente das mãos...*

*Para podermos pôr as mãos
em outros laços
para enchermos os olhos
com. outras imagens.*

GERALDO MORETZ-SOHN.

em um capitulo de rara belleza, necessario e actual a «humanização do ensino da mathematica».

Em artigo da revista *L'Enseignement Scientifique*, o lucido Marcel Boll mostrava que o verdadeiro espirito scientifico consiste em ter a faculdade de substituir um conceito por um numero, uma interdependencia por uma função e um raciocinio por um calculo.

Sobram, pois, razões ao prof. Euclides Roxo em dar como idéa axial da educação mathematica a noção de função.

Ha, em cada capitulo, um resumo em itens claros e topicos para discutir.

No momento em que S. Paulo e o Districto Federal cuidam da formação de professor secundario o livro do eminente mestre do Collegio Pedro II e do Instituto de Educação chega opportuno e a hora.

Na renovação dos processos e das idéas educacionais no curso secundario no Brasil o volume em apreço conquista desde logo um lugar de relevo, contribuindo para que a gloria maior do espirito humano, que é a mathematica, venha a ter a boa sina a que faz jús e que uma tradição de estudo estacionaria tem mantido com vestes antipathicas e desamaveis.

Que destino melhor, poderá ter um livro?

FRANCISCO VENANCIO FILHO

— Edmond Jaloux e G. Charensol elogiaram *Le Maître du Logis*, de P.-J. Lounay, romance de muita «possança visionaria» e inicio de uma carreira artistica que será, sem duvida, fecunda.

— *Comme le Temps passe* é de Robert Brasillach, que tem feito a critica de livros na *Action Française*, trabalhando ao lado de Léon Daudet e Charles Maurras. Dizem os jornaes que nesse volume existem seis romances num só: a infancia, a aventura, a volupia, a tentação, a guerra e a lembrança.

— A collaboração que Charles de Chavannes manteve com o famoso explorador Brazza é narrada em *Le Congo Français*. Os dois andaram desbravando desertos de 1886 a 1894 e conservaram-se amigos até 1905, anno da morte do intrepido civilizador que levou o nome da França a tantas recuadas zonas da Africa.

— Versalhes foi um dos assumptos predilectos de Pierre de Nolhac, tambem forte admirador da Italia. Maria Antonietta não encontrou um biographo mais affectuoso e commovido. E esta *La Résurrection de Versailles* salva do esquecimento muitos detalhes que effectivamente mereciam permanecer na memoria dos poetas.

— Morreu Jean de Brunhoff, creador da série dos *Babar*, que fez a delicia dos garotos da Europa. Houve quem, a proposito desse divertidor da petizada, trouxesse á baila o nome de Walt Disney.

— Raul Ponchon, membro da Academia Goncourt, vem de morrer bastante velho. Primeiro levou uma queda e depois sumiu-se do planeta, deste planeta em que bebeu tantos vinhos e escreveu tantas canções bacchicas de primeira ordem. Ponchon foi um grande amigo de Jean Richepin e era um prodigioso chronista rimado da vida parisiense. Marcel Coulon, que o admirava enormemente, lançou um florilegio desse mestre da poesia á gauleza e collocou-o entre os classicos da França que deu Villon e Béranger.

FALANDO DE POETAS

Alleluia, livro de Ivan Ribeiro, me parece um grande livro de poesia pelo seguinte: porque seu poeta é verdadeiramente um poeta e porque a sua poesia é elevada, expressionista e impressionista como neste *Poema da Renúncia* em que há, de facto, um sentimento de renúncia: «Mais valerá deixar a lua perpetuamente apagada, e as marés paradas, si os teus cabellos louros estão sendo offerta no thuribulo de ouro do rei-traidor»!!

Agora, os analysts tomariam estas palavras do poeta e chegariam a dizer o que certos poetas reconhecem como poetas que são: poesia é coisa de maluco ou poesia é uma doença. Eu digo que poesia não é coisa de maluco nem tampouco nenhuma doença. No caso de ser uma doença seria, mais que propriamente uma doença, seria um syndrome. E syndrome é coisa complexa, muito complexa. Mas os poetas são os únicos capazes das definições que precedem a sciencia, que definindo tambem, nunca conseguiu definir primeiro que a poesia. Si poesia fosse matéria de experimentalmente resolver o que vem a ser este laboratorio, de provas e contra-provas, poderíamos experimentalmente resolver o que vem a ser este estado poetico ou a doença ou o syndrome poesia, detendo individuos de todas as idades e de todas as sensibilidades diante de palavras, phrases escriptas, quadros, retratos, e verificando o que resolveriam taes individuos assim obrigados a este estado de coisas. Muitos não chegariam à commoção, muitos não interpretariam nada, muitos ficariam amolladissimos com a prisão a titulo de experiencia, muitos fariam, exemplificando, palavras cruzadas (sentimento de composição, quem sabe?) com as palavras experimentaes «sonhos», «limitação», «evasões», «recem-nascido», nunca chegariam a concluir nada com estas palavras e o experimentado teria a noção exacta de taes individuos — prova que ainda não tinham attingido uma perfeita sensibilidade poetica como o padrão Ivan Ribeiro que no *Grito Alado* escreveu: «Voltae vós todos porque os sonhos têm uma limitação, porque as evasões cabem na mão dum recém-nascido»!

A qualidade do poeta está na escolha das palavras que refletem um certo sentimento: o que valeria um poeta compôr bem as palavras com um sentimento artificial daquellas que compõem problemas de palavras cruzadas, si estas palavras não revelam sem o «transe» (uns querem inspiração) forçado por uma excitação externa, exterior, mas de muita machinação sentimental como um filme horroroso de propaganda facista italiana é capaz? Eu conheço poetas legitimos que fazem poemas de que outro camarada nem tinha se lembrado, diante de «foxes-jornaes» e «filmes» pequenos que se custa acreditar serem determinantes de uma poesia a qual eu daria o nome de poesia do século — indiscutivelmente — do cinema. Isto esclarece o que os dois poetas quizeram á maneira de uma pedra atirada num lago que estava quiêto — com o «restauremos a poesia em Cristo». Por quê? Porque esta poesia falliu? Ou porque a Bíblia é um manancial poetico inestancável? Ou porquê faz parte da acção catholica, da litteratura cathólica?

Então houve a restauração dos anjos, dos carneiros, dos pastores do bucólico, dos salomões, dos davis, das magdalenas, etc., — raça de coisas anuladas pelo progresso e pela força das coisas mais modernas que entupiram a cabeça do poeta que tinha tambem poesia em businas de automóvel, em cavallos do Jockey-Clube, em perfumes, em asphalto, em bondes de Santa Thereza, em foxes-jornaes, em zepelins, em elevadores Otis, em parallelepipedos, — tudo mudando a maquillage da poesia antiga que não conhecia a maquillage moderna que seu poeta tambem adoptou. A poesia começou a fazer gymnastica, Manuel Bandeira cantou as tres pequenas do sabonete Araxá, cantou coisas tristissimas como aquella poesia do beco das Carmelitas; Jorge de Lima enquanto andou em Alagoas tirou poesia até do sururú, Murillo Mendes com a *Historia do Brasil*, etc.

Hoje muita gente, artificialmente, acompanha os modelos já passadistas e transformados na actualidade. Por exemplos Jorge de Lima e Murillo Mendes lançaram o grito «Restauremos a poesia em Cristo», (boa politica) e Manuel Bandeira anda escolhendo os seus poemas talvez com um certo pudor.

Ivan Ribeiro appareceu sem maquillage porque é moço, traduzindo assim que sua poesia não a tem; poderia, por infelicidade, aparecer com maquillage de Olavo Bilac, caracterizações que mereciam lástimas eternas. Não; restaurando a virgem escreve neste «Virgem ó Virgem» que é de uma belleza rara: «As leis da gravidade se annullaram e um poeta que saltou para o alto em busca da estrella que faltava em seus poemas, foi subindo eternamente, subindo... Esse poeta será teu anjo ou teu consorte, ó virgem?»

No poema que chama «Poema sobretudo alegre» tem, eu lhe disse por telephone, um fundo alegre-trágico como podem verificar: «Serei o que vós chamaes de um camarada alegre? Quem quer dansar conmigo este samba, antes de eu estourar ou a minha cabeça ou a rolha de mais uma garrafa de champagne?» Eu observo uma superposição de imagens, com a força de comparação do poeta entre uma garrafa de champagne e sua cabeça vae um mundo enorme. Affirmando o que mais acima escrevemos vem o poema que trae aos que pensam que o poeta não procura poesia no tempo, nas coisas que nos cercam, dando-lhe côres pessoas, onde a dóse de sentimento é a exacta. Vejam: «Parae um pouco, um minuto apenas, parae um pouco porque o photographo quer fazer um grupo de vós todos, para levar as gerações que vierem como um «souvenir» social, como a photographia espantosa de um grito!» (Poema documentário).

Poesia alta, altamente inspirada, elevação, muita força — quando não é poesia alta, é poesia longinqua, vivendo em paragens mysteriosas, terras ou mares, poesia de predestinado como se póde confirmar com o «Canto de amor de uma sereia do Pacifico» onde há subtilezas assim: «Só tu que caminhas sózinho, só tu, que não tens sobre ti a presença de alguém velando, a bocca de alguém rezan-

do, trarás uns olhos sem lágrimas e uma bocca virgem de gritos angustiados».

Ivan Ribeiro é o typo do poeta predestinado, privilegiado de intelligencia que pôde dizer: «Minha mão está sem flores, meu abraço está sem côres, mas eu sou o mensageiro, sou o primeiro que ouviu os gritos e que amparou os orgulhosos; nos meus calcanhares viajam as sementes das procellas, fuge, amada, do aniquillamento! (Aviso) Ou então: «Meus cabellos caíram no mar sem nenhum crepusculo e o perfume do mundo que se desprendia delles suffocou sem misericórdia as sereias e os peixes luminosos» (Celeste). A explicativa segue-se: «Deves saber que sem os peixes luminosos o mar se negará a conduzir-me até teu reino. Sem meus olhos não encontrarei tua bocca! (Idem).

Ivan Ribeiro neste «poema ao inimigo» parece que ouviu o «restauremos a poesia em Christo» e escreve: «Toma uma chave, Caim, e parte, toma meus olhos e meus pés e acertarás com a porta». Mas isto não diminue o poeta em nada. Elle é um grande poeta. Tem visão, tem sentimento, tem intelligencia, imaginação rara e é um camarada feliz porque pôde morar com Deusas, entende virgens, sereia do Pacifico, suicidas, reis-traidores, deusas-transparentes, uma raça de coisas que só o poeta entende!

HELIO LIMA CARLOS

— *Pages inédites contre un tyran* é o titulo de uma série de cartas de Diderot a Frederico II, em quem elle enxergava um temível oppressor de almas e consciencias. Mais de um seculo estiveram essas missivas ineditas, escapando ao interesse dos fervorosos admiradores do philosopho, aos catadores de manuscriptos seus. Aliás é sabido que o amigo de d'Alembert nunca fez questão de uma larga publicidade em torno dos seus trabalhos, deixando muito e muito do que produziu atirado a um canto...

— Em traducção de Flora Klee-Palyi e Fernand Marc, temos a apresentação franceza do *Essai sur les Marionnettes* de Heinrich Von Kleist. Este poeta, extremamente romantico, levou existencia das mais atormentadas e veiu a finar-se num drama horrivel. Mas o seu ensaio, a proposito dos bonecos de titereiro que inspiraram a Goethe a sua obra-prima, é dos mais legiveis e de um senso critico simplesmente encantador.

— *Souvenirs de guerre*, de Alain: eis ahi um volume que não deixará ninguém indifferente. Alain, antigo professor de Maurois, é um pensador da melhor linhagem grega e é tambem da familia espirital de Descartes. Logica e esthetica são igualmente da sua perfeita intimidade. Escreve sempre com aquella concisão que era o privilegio dos moralistas francezes do seculo XVII e que por vezes desesperava, no desejo anñado de obter-a, o allemão Schopenhauer.

— Jean Bonnerot apresenta a *Bibliographie de l'œuvre de Sainte-Beuve*. São 530 paginas a demonstrar quanto trabalhou, quanto pensou e escreveu o maior dos criticos francezes. Tem-se ahi, bem nitida, a carta geographica de um grande espirito. Sainte-Beuve é manifestamente um dos paizes mais ricos para os que excursionam no mundo das idéas. Quantos volumes somos dispensados de percorrer ao percorrer-lhe os magistraes resumos! Elle leu, comprehendeu, julgou por milhares de creaturas preguiçosas ou sem tempo de voltar-se para as letras.

— Tendo corrido a Africa central para abastecer o jardim zoologico de Washington, F. G. Carnochan e H. C. Adamson viram muita coisa curiosa em materia de mammi-feros, passaros e repteis. Num volume agora traduzido por Germaine Delamain, *L'empire des serpents*, narram elles, numa especie de reportagem brilhante, o que ouviram de homens deante dos quaes as cobras mais perigosas se immobilizam em completa submissão. E' livro que nos revela muitos segredos e mysterios do Continente Negro.

«SOL NASCENTE»

Ahi está o titulo de um quinzenario cultural de litteratura e critica, da cidade do Porto. Dirigem-no Carlos F. Barroso e J. Soares Lopes e nas suas columnas ha sempre vasto espaço para a critica dos livros, sendo que os nossos autores ahi são acolhidos com um carinho perfeitamente fraternal. O que acima de tudo nos encanta em publicações como o *Sol Nascente* é o tributo prestado a todos os altos problemas da cultura, num sentido desafogadamente mundial, e ao mesmo tempo a graça, a finura, a leveza com que é redigido qualquer topico de ordem secundaria, verificando-se que escrever bem não exige quasi esforço a esses herdeiros do Cavalleiro de Oliveira, de Eça de Queiroz e do Visconde de Santo Thyrsó.

— Querem um livro sobre dois paizes americanos? Pois leiam *Pérou et Chili*, de Roger Boutet de Monvel. O autor é de uma estirpe illustre que tem dado diversos prosadores e desenhistas á França. E ha muitas qualidades de pintor, de paizagista neste volume, onde a ironia se mescla por vezes á emoção, onde não ha nenhuma vontade de caricaturar ou diffamar os paizes visitados. Monvel é um lucido discipulo de Paul Morand.

— Sae um romance posthumo de Marguerite Audoux, que foi tão elogiada por Octave Mirbeau: *Douce Lumière*. Sabe-se que *Marie Claire*, posta nas nuvens por Mirbeau, é ainda hoje reputada a obra prima daquela escriptora, uma pobre operaria que redigiu o seu volume de estréia entre esfalfantes trabalhos de costura, e se viu celebre de um momento para o outro, graças ao prestigioso padrinho que a coroou de adjectivos entusiasticos.

— O peruano Ventura Garcia Calderon, que foi diplomata aqui no Rio, publica *Explication de Montherlant*. Calderon é popularissimo nos meios litterarios de França e conseguiu até metter-se na intimidade de Paul Léautaud, um cidadão feroz que não elogia ninguém e desanca sem pena os parentes e os amigos.

RECORDE
COM ATENÇÃO
A FABULA

A CIGARRA
E A FORMIGA

1/2
4%
AO ANO

JUROS
CAPITALISADOS
DE 6 MESES

CAIXA
ECONOMICA

A proposito de uma these de Direito

O Sr. Mario Neves Baptista, candidato a um concurso para a cadeira de livre docencia de direito romano da Faculdade de Direito do Recife, offereceu uma these que está a merecer um registro especial.

Ainda numa idade de estudante, o sr. Mario Baptista apresenta-se pretendendo o titulo de professor de um estabelecimento de ensino das brilhantes tradições da Faculdade do Recife.

Considerando as difficuldades da materia escolhida para o seu estudo, elle se julgou no dever de, inicialmente, dar uma explicação, solicitando a benevolencia dos professores de direito.

Trata-se na realidade, de um rapaz de 23 annos que mal acaba de sair dos bancos academicos e que, entretanto, discute a exegese dos commendadores romanos, levando controversias em face de fragmentos de Paulus e Ulpianos.

Da *Separatio Bonorum* é o titulo da sua dissertação e sobre esse beneficio concedido pelos romanos em favor dos credores hereditarios, o sr. Neves Baptista escreve uma monographia verdadeiramente severa, onde demonstra grandes leituras e faz citações que pela sua abundancia são improprias da sua idade. E nem sempre os autores são chamados para lhe servir de apoio. Comparecem, ao contrario, para serem contestados.

Admira o seu folego para tão longos mergulhos no Digesto, nas Institutas e em outros trechos romanos de tamanha profundidade, onde elle vae a procura de soluções para os problemas que examina. E' que a sua predisposição para os estudos graves veio de um curso de humanidade bem tratado, onde a pratica da lingua latina disciplinou-lhe a intelligencia para commentimentos de tão larga envergadura.

Vê-se dahi que aprendizado do latim está para as intelligencias novas, como pratica do remo para os musculos: — cada um na sua esphera elastece forças desconhecidas, alarga o ambiente das possibilidades, de modo que o argumento e o murro de taes campeões são de entontecer o adversario. E' que o latim tem um alto valor

educativo, no ensino de humanidades. Ha em todos os paizes de maior padrão de cultura um pronunciado interesse pelo seu estudo.

E, entretanto, nós apenas lhe consagramos os dois ultimos annos do nosso ensino secundario. Mas nesse caso seria preferivel exclui-lo totalmente, seria melhor do que besuntar as creanças de uma tintura, que em se tratando de latim chega a ser humoristica.

Todavia, é no ensino classico que se encontra a base de uma boa formação intellectual. Aquella formação, por exemplo dos nossos estatistas do imperio, o solido preparo das velhas gerações que no exercicio salutar da syntaxe latina preparavam a intelligencia para essa faculdade elementar, mas que se vae tornando, hoje, rara: a de compreender e a de se expressar com exactidão. Sem isso, perguntamos: o que vale o numero ency-

clopedico de materias determinado pelo programma secundario que se ensina actualmente, nos nossos estabelecimentos de instrucção? Vale como sobrecarga dolorosa, um armazenamento sem proveito. E um programma assim inacessivel e deshumano, não pratical-o é agir em legitima defesa. Defendem-se, portanto os alumnos não estudando, defendem-se os professores relaxando a disciplina e o governo concedendo exames por decreto.

O rebaixamento da instrucção a que desgraçadamente chegamos, reside, pois, em grande parte num programma em desacordo com a capacidade dos alumnos. Aquelles, porem, que não se orientam por um tal methodo, têm a ventura de conseguir como o joven Mario Neves Baptista formar o seu espirito dentro de uma disciplina mental que o habilita para os estudos serios e as graves investigações que se revelam na these com que se apresenta ao concurso de livre docencia da Faculdade de Direito do Recife.

LUIZ CEDRO

Acaba de apparecer um
grande livro

“Um estadista do Imperio
--- Nabuco de Araujo”

sua vida, suas opiniões, sua época

Por seu filho

JOAQUIM NABUCO

Nova edição completa em
dois tomos e accrescida de
um indice alphabetico
por 50\$000

Em todas as Livrarias e na

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua 7 de Setembro, 162 — Rio de Janeiro

— Francis Jammes, que vive nas suas montanhas, realizou uma conferencia em Paris, com grande successo. Francis Mauriac esteve a seu lado, durante a palestra, no palco do Theatro dos Campos Elyseos, o que não impediu o conferencista de tecer algumas picuinhas á Academia Franceza, de que Mauriac faz parte.

— Fernand Hayward não hesita em ver em *Léon XIII* o maior papa dos tempos modernos. Seu livro é escripto para devotos e artistas.

— Marcelle Tinayre passa os seus mezes mais numerosos numa casa de campo de Gros-Rouvre, á beira da floresta. Foi ahi que a notavel romancista escreveu tantos livros finissimos, a partir de *La Maison du Péché*.

— *La vie de Pio XI* é nobremente retratada por um catholico fervente, Alfred Pereira. Não falta ao livro o «imprimatur» das autoridades ecclesiasticas, evidenciando tratar-se de uma interpretação biographica perfeitamente orthodoxa. E Alfred Pereira não podia encontrar melhor modelo. Além de pastor irreprochavel de um rebanho de crentes em que figuraram ou figuram homens como Chesterton, Belloc, Massis, e o nosso Tristão de Athayde, Pio XI é um bibliophilo apaixonado e assim, mesmo fóra de qualquer preocupação religiosa, é elle mestre dos que encontram nos livros o refugio e o conforto para uma época em que se perpetram tantos fratricídios pelo mundo.

O Ultimo Premio Goncourt

O premio Goncourt deste anno offerece a particularidade de ter sido conferido, pela primeira vez, a um escriptor estrangeiro, belga, Charles Plisnier, pelo seu livro *Faux Passeports*, e publicado por um editor brasileiro, nosso collaborador Roberto Alvim Corrêa, que fundou, ha alguns annos, uma casa editora em Paris, hoje bastante conhecida pela qualidade dos autores por ella trazidos a publico, como Mauriac, Maritain, Du Bos, Jaloux e muitos outros. A respeito do mesmo assumpto achamos, portanto, que ninguem melhor que Roberto Alvim Corrêa estaria em condições de nos dar uma opinião sobre a maior competição litteraria do anno, e da qual um dos autores editados pela sua casa acaba de sahir victorioso.

«Na verdade, escreve Roberto Alvim Corrêa, não nos é facil conceber a immensa repercussão que têm esses grandes premios, que se chamam em Paris «os premios do fim do anno», o Femina e sobretudo o Goncourt. Muitas semanas antes da attribuição desses premios, vem-se fazendo uma campanha de publicidade gratuita na imprensa sobre a iniciativa dos proprios jornaes que rivalizam entre si para despertar a curiosidade do publico, dar os nomes dos ultimos favoritos que, assim como nas corridas, não são sempre os mesmos que chegam em primeiro lugar. Nos ultimos dias que precedem o dia da escolha, só se fala e só se pensa, nos meios litterarios e nas casas editoras, dos candidatos e das suas possibilidades de vencer. Naturalmente cada casa tem seus competidores e defende-os com ardor, pois o premio representa uma sahida enorme de exemplares vendidos e para o autor é um meio unico, sem falar do lado material, de ficar conhecido de um dia para o outro. Os nomes de Marcel Proust ou de André Malraux, para só citar celebridades, o comprovam.

Mas o que seria sobretudo util accentuar aqui é o seguinte: Creio que a França é actualmente o unico paiz do mundo onde um escriptor estrangeiro pode vencer numa competição dessa importancia, isto é, onde se reconhece a supremacia soberana do espirito e do merito pessoal sobre qualquer outra qualidade ou vantagem. Esse facto, aliás, corresponde a uma forma particularmente intelligente do sentimento nacional, pois o escriptor de valor que pede a consagração de um paiz como a França, não somente indica esse mesmo paiz á admiração de todos, como ainda, tornando-se escriptor francez, enriquece o seu patrimonio nacional.

Tambem se deve ver na competição do premio Goncourt a prova da magnifica vitalidade do paiz. O leitor francez, digno desse nome, é essencialmente activo, critico nato, e, por isso mesmo

participa da vida litteraria. Essa attenção effectiva da parte do publico torna-se uma condição indispensavel para que uma obra litteraria nasça e viva. E graças ao estímulo de sabermos que o nosso esforço encontrará uma resonancia nos outros, que poderemos progredir na tarefa ingrata, aspera, e difficilima de escrever.

No momento em que se manifesta em todo o paiz a vontade de exprimir as forças espirituas da nação, é indispensavel estudar os meios de suscital-as. Um delles seriam os premios assim como os concursos organizados pela imprensa; mas o estímulo que mais precisam actualmente os nossos escriptores é o da traducção e, para tal fim, justo seria que se creasse um premio investido dos meios e do prestigio necessarios não só para que fosse traduzida a obra premiada, mas tambem editada no estrangeiro. Não nos faltam os homens capazes de levar a bom exito um empreendimento que, graças aos nossos jovens escriptores — alguns dignos successores dos maiores que tivemos — constituiria uma das maiores propagandas em beneficio do Brasil.»

ROBERTO ALVIM CORREA.

— Um volume em que o dramatico não exclue certas notas burlescas é *Anne de Boleyn*, de Marcelle Vioux. Reapparece-nos ahi a favorita que Henrique VIII elevou ao throno e depois mandou decapitar. A documentação é boa, sem nada dos romancistas de capa e espada que desfiguraram o lado rigorosamente historico do assumpto.

— Excelente retratista de mulheres é Emile Henriot. *De Marie de France à Katherine Mansfield* representa uma galeria deliciosa. Quantos perfis suaves e mesmo quantos retratos pormenorizados com uma impecavel technica de historiador! Não ha como fugir á attracção de Ninon de Lenclos, amante de Richelieu; de Lucile de Chateaubriand, a adolescente melancolica que vagava nas praias da Bretanha como uma exilada da época dos druidas; de Henriette Renan, sublime figura de irmã-inspiradora; da condessa de Noailles, que unia a grandiloquencia de Hugo aos fervores eroticos de soror Mariana Alcoforado...

— Quem evoca *Le Drame de Marcel Proust* é Henri Massis. Ninguem desconhece o espirito de extrema severidade deste escriptor, que julga os confrades como do alto de uma cadeira de magistrado implacavel.

— Albert Peyre offerece-nos uma anthologia de *Leconte de Lisle*. Ha um bello estudo introductorio e a selecção conclue com o discurso que Leconte pronunciou na Academia Franceza ao tomar posse da cadeira de Victor Hugo.

— Francis de Croisset, morto não ha muito, esteve aqui no Brasil. Croisset era pseudonymo e o azedo Léon Daudet não deixava de indignar-se com o facto de um escriptor belga, por elle reputado absolutamente mediocre, comprometter assim o recanto da Normandia em que Flaubert escrevera a *Madame Bovary* e outros romances prodigiosos.

Ultimas Novidades

ARIEL

Cyro Martins
SEM RUMO

Gastão Cruls
VERTIGEM
(2.^a edição)

A. da Silva Mello
PROBLEMAS
DO ENSINO MEDICO
E DE EDUCAÇÃO

José Simplicio
RETRATO
POPULAR DE
UM HOMEM

René-Albert Guzman
CIUME
5.^a edição
12.000 exemplares

Stendhal
DO AMOR
Traducção de
Marques Rebello
e Correia de Sá

Alberto Ramos
PROSAS DE ARIEL

“NORDESTE”

O sr. Gilberto Freyre dirige uma collecção de documentos brasileiros, que se está tornando uma bibliotheca admiravel de livros bem feitos materialmente e, sobretudo, ordenados com um grande senso de harmonia. A collecção foi inaugurada com *Raizes do Brasil*, de Sergio Buarque de Hollanda que é um forte ensaio de interpretação historico-social. Seguiram-se-lhe as *Memorias* de Oliveira Lima, livro azêdo, maldizente, cheio de perfidias, mas ainda assim excellente porque franco e corajoso. Aliás não revelam essas recordações senão o caracter que sempre todos notaram no «don Quixote gordo de Parnamerim». O numero 3 da collecção coube a Octavio Tarquinio de Souza com a sua aguda analyse biographica de Bernardo Pereira de Vasconcellos. E depois deste estudo vem o *Nordeste* de Gilberto Freyre. Exactamente sobre tal livro é que vamos demorar agora as nossas atenções.

Esta nossa região brasileira é rica dos mais pittorescos motivos de commentario e quem se volte para o seu passado ha-de encontrar um acervo fabuloso que chega a confundir o critico. Não é possível fazer-se obra unica; a diversidade de assumptos correlacionados impõe que se adopte um sistema de explanação por partes. Um livro com o titulo *Nordeste* se pensa que seja completo, isto é, que se occupe do algodão e da canna, do cangaceiro e da politica e da sêcca, da miseria chinesa em que vivem as massas, da sua historia de luctas e sublimes sacrificios; uma obra enorme desdobrada em varios volumes. Por isto é que o sr. Gilberto Freyre achou bem avisado collocar o sub-titulo que não passa de um aviso-orientação: aspectos da influencia da canna sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil.

E' sobre a canna que elle fala, sobre a sua civilização, sobre a aristocracia que dotou Pernambuco, creando uma estirpe de gente nobre e que deu ao nosso paiz os mais illustres homens de Estado. No Segundo Imperio é que se observa a preponderancia dessa gente porque na Republica a decadencia se torna indisfarçavel. O ban-

guê, que era o homem, cedeu lugar á usina, que é a machina. E a monocultura produziu os seus effeitos fataes através do tempo. Eis a razão porque o autor declara que esse exclusivismo pode-se dizer que caracterizou, como nenhum outro facto, a civilização do assucar no Nordeste, depois de ter condicionado a sua colonisação e a sua conquista pelos portuguezes. «A monocultura latifundiaria e escravocrata e, ainda, monosexual — o homem nobre, dono de engenho, gosando quasi sosinho os beneficios de dominio sobre a terra e sobre os escravos — deu ao perfil da região o que elle apresenta de aquilino, de aristocratico, de cavalheiresco, embora um aristocratism, em certos pontos, morbido, e um cavalheirismo ás vezes sadico».

Não se pode exigir mais complexidade na apreciação de um panorama exacto na sua feição social. «O perfil da região é o perfil de uma paisagem ennobrecida pela capella, pelo cruzeiro, pela casa-grande, pelo cavallo de raça, pelo barco á vela, pela palmeira imperial, mas deformada, ao mesmo tempo, pela monocultura latifundiaria e escravocrata; esterilizada por ella em algumas de suas fontes de vida e de alimentação mais valiosas e mais puras; devastada nas suas mattas; degradada nas suas aguas». Pegando a ultima palavra, realmente a agua se mostra tudo na vida agro-social nordestina. Póde dizer-se mesmo que ha uma mystica da agua. Então na zona sertaneja, attingida pela secca, é que se nota bem o phenomeno, pois que se mostra como causa de tudo: sangue e nervo do homem, cuja resistencia tem um fundo innegavelmente religioso. Dahi a mystica como resultado dessa conjugação de temperamento e necessidade material. Não se diga que o autor, analysando os aspectos dessa civilização, se colloque em attitude contraria á canna.

Elle insurge-se apenas contra o mal da monocultura. «Não que a canna fosse aqui um intruso ou um indesejavel como o coelho foi na Australia, onde perturbou todo o equilibrio entre a vida animal e a das plantas; como o cambará, levado do Brasil para o Ceylão,

foi na Indo-China e na India. Ao contrario: a canna é um dos casos de transplantação mais felizes. Encontrou aqui terra optima. O drama que se passou e se passa no Nordeste não veio do facto da introdução da canna, mas do exclusivismo brutal em que, por ganancia de lucro, resvalou o colono portuguez, estimulado pela Corôa na sua phase já parasitaria». Aliás, hoje em dia tudo está por se reajustar sob o ponto de vista agrario: sente-se que a nossa vida social precisa de um reajustamento para que haja mais ordem e orientação productiva. A monocultura de certa forma cedeu muito. Já se pode dizer que agora temos um pouco de polycultura bem florescente, embora em algumas zonas o mal continue sem solução, prejudicando a collectividade a ponto de, venha o exemplo, Pernambuco atravessar actualmente uma das phases mais criticas de sua existencia economica.

E não resta duvida á ninguem que o colapso resulta exclusivamente da monocultura intensiva e absorvente. A canna de assucar é tudo para o Estado pernambucano. A reacção se torna inadiavel. O café deixou São Paulo de tanga, mas logo os seus homens o reconstituíram porque tiveram o bom senso de abandonar a politica que vinham desde muito adoptando. Foi preciso, porém, que se processasse um movimento revolucionario para que os rumos se modificassem e, agora, temos um S. Paulo polycultor.

Voltando ao nosso commentario anterior, o sr. Gilberto Freyre expõe as vantagens e desvantagens de uma civilização, cujas raizes são profundas e que nunca teve um destino pre-estabelecido. O Nordeste criou-se á vontade. Só uma grande força economica preponderou na sua vida: a cultura da canna de assucar. Mas desorganizada e com intuitos concretos, ganancia confessada sobre o lucro e mais nada. Eis porque o autor escreve acertadamente que os primeiros colonos brancos do Nordeste vieram a desprestigiarse sob varios aspectos, uma vez que actuaram com uma intensidade que foi maior em nossa zona do que nas outras re-

giões brasileiras, intensidade desfavorável ao homem que só plantou canna, excluindo as outras culturas de subsistência. Intensidade na realização do latifúndio e no sentimento escravocrata. No patriarcalismo monossexual. «Condições e meios insubstituíveis na primeira época da colonização portuguesa do Nordeste, embora pudessem ter sido atenuados depois. Principalmente a monocultura, causa de tantas fomes numa região agrária onde chegou a se assistir a este absurdo: as senhoras trocaram joias de ouro por punhados de farinha».

O livro encara, como ficou demonstrado, a civilização da canna, os seus resultados desde o poderio à decadência, por isto mesmo teve que estudar a sua influência sobre a terra, a água e a mata, os animais e o homem. Estudo essencialmente ecológico. A sua revolta contra a monocultura é justa e resiste a qualquer assalto. «Aqui, como em Cuba, a indústria de asucar quasi só tem feito crescer «territorialmente», ao mesmo tempo que o homem vem sendo diminuído por ella, que as águas vêm sendo degradadas pelas usinas, as mattas devastadas pelo sistema monocultor». No Nordeste já se estuda sob um sentido pratico. E' que o methodo historico-cultural nas pesquisas sociologicas revela muito mais vastas perspectivas para o tombamento das condições que servem de factores dos alicerces sociais de uma região. E esse methodo ninguem melhor do que o sr. Gilberto Freyre vem adoptando com os mais reaes e beneficos resultados.

ADEMAR VIDAL.

Edição Ariel:

VERTIGEM

Romance de GASTÃO CRULS

2.^a Edição

Homossexualismo e Endocrinologia

Acaba de apparecer, em edição da Livraria Francisco Alves, o volume do professor Leonidio Ribeiro, intitulado *Homossexualismo e Endocrinologia*, no qual apresenta o resultado das suas interessantes pesquisas e observações realizadas no Instituto de Identificação.

Do «Prefacio», de autoria do professor Maraño, de Madrid, extraímos o trecho seguinte:

«Ahora quiero dedicar unas palabras al libro de Ribeiro. Sus características son: la copiosa información; la vasta experiencia personal; y la tendencia sintética con que está escrito. Por cada uno de estos motivos y por el equilibrio de los tres, puede considerarse la monografía que comentamos como única en la literatura contemporanea. Y habria que añadir a los meritos expuestos otros dos, acaso de no menor categoria: la pulcritud con que se toca un tema lleno de escabrosidades; sin dejar nada por decir; pero sin que nada aparezca, ni remotamente incorrecto; y la prosa clara, escueta, eminentemente didactica, pero no arida, con que estan redactados los capitulos del volumen. A este respecto debo consignar el mucho mayor escrupulo con que los hombres de ciencia del Brasil cuidan de la pureza de su portugués, que la mayoría de los de habla española, su castellano. Esto es evidente; y seria motivo de una digresion aqui inoportuna pero que no lo será en otra ocasion; y espero que se me presente algun dia.

En muy pocas páginas expone Ribeiro el aspecto medico de la homossexualidad; es este capítulo una perfecta reseña histórica, muy bien criticada del problema; empresa nada facil; porque solo quien posea una competencia singular puede ir separando lo que es realmente ciencia, en la bibliografia del homossexualismo. El tema es minuciosamente estudiado a la vista de las fuentes originales de los autores contemporaneos, ente ellos algunos de sus compatriotas como Afranio Peixoto que ha tomado posición en la contienda, con el copioso material de su erudición y de su perspicacia.

Tras una muy completa revisión del homossexualismo frente a los Códigos, hallará el lector los capítulos que constituyen el mérito esencial de la obra de Ribeiro: sus datos de observación personal, recogidos con fino espíritu de naturalista. Es cierto que hasta ahora no poseíamos un material objetivo, documentado, casuístico, sobre la homossexualidad como el que nos aporta el autor.

Nos dá desde luego, una visión local de la perversión a través de los rasgos que el trópico impone en la psicopatología sexual. Pero, sin duda, el valor de sus observaciones es netamente universal. La perversión está demasiado cerca de la raíz del instinto, para que influyan sobre ella, aquellos matices que van diferenciando el amor en sus etapas sucesivas y más altas, segun las razas y los países. Es esta una de las conclusiones más interesantes que el lector extrae de estas páginas, llenas de realidad directa. En nada se parecen los amores de Dafnis y Cloe a los de una pareja de novios del New York actual; ni los de

esta pareja a los de dos amantes italianos o españoles. Pero en cambio, el homossexual de las eras biblicas es el mismo que nos descubre Ribeiro en el siglo XX, o el que hemos estudiado sus contemporaneos en Europa; y el mismo en el mundo culto que en los pueblos de civilización primitiva, tan estudiados desde este punto de vista por antropólogos y viajeros. Observación ésta, interesante que surge de cada lectura de estos temas y que demuestra, una vez más que es á una etapa evolutiva retrasada, no diferenciada, a la que pertenece la tendencia homossexual. Todos hemos conocido, claro está, homossexuales de talento y aun geniales; pero su diferenciación cesa en cuanto nos describen los rasgos e incidencias de su inversión; el contrario del amor normal, que es lo que más diferencia y sublima a los hombres; aun a los socialmente vulgares.

Por estes capítulos de observación, el libro de Ribeiro es uno documento de interes permanente; y puede hacersele, sin temor a error, la facil profecia de que, dentro de muchos años, cuando esté olvidada la casi totalidad de la literatura medica contemporanea, seguirá citandose a esta monografia como fuente invariable de conocimientos.»

Jorge Amado — *Jubiabá* — Ediciones Iman — Buenos Aires.

A tradução, o prologo e as notas são de Raul Navarro. Este nome, enunciado assim, não dirá muito aos que não tenham, como nós outros, acompanhado o fervor, o gosto esclarecido com que o illustre publicista argentino divulga em lingua castelhana os poetas e romancistas brasileiros. Cultor do ensaio á moderna, sabe elle muito bem o nosso idioma, investiga minudentemente quanto ás escolas e personalidades essenciais daqui, e tudo o que diz a nosso respeito, sem idéa de remuneração de qualquer ordem, vale pelo carinho, pela autoridade espiritual, pela precisão da cultura. Lá para as bandas do Prata não possui o Brasil interprete mais seguro, exegeta de maior nobreza no bello intercambio das coisas do espirito.

Molière — *A Escola dos Maridos* — Athena Editora — Rio.

Magnifica tradução em verso, devida á penna de Jenny Klabon Segall. O prefacio de Guilherme de Almeida, tambem traductor que não falseia os originaes interpretados, assignala judiciosamente as difficuldades de trazer-se Molière, tão peculiarmente francez, á nossa lingua. Ainda nos recordamos todos, com um certo tremor de medo, da naturalização um tanto violenta com que o portuguez Castilho converteu as figuras versalhezas do mestre em cidadãos do Minho ou do Alemtejo. Mas Jenny Klabon Segall soube acclimar perfeitamente os typos molierescos á zona dos tropicos. E os alexandrinos, mesmo transportados ao nosso idioma, conservam-se de pé na corrida rythmica a que os forçou a comicidade genial do creador de Tartuffo.

A situação presente dos estudos de historia social no Brasil

Foi com a publicação de *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, que se começou a levar a sério, entre nós, a história social do Brasil. Não vale a pena perder tempo com os precursores, acaso tenham existido. Com boa vontade, é possível descobrir um precursor para tudo. Há pouco, li um livro nacional, aliás bem aproveitável no conjunto, onde se fazia o histórico das tentativas de vôo dos tempos... prehistóricos.

Um crítico norte-americano — Samuel Putnam — registava no *Handbook of Latin American Studies* de 1937 a attitude de certos críticos ultramontanos do Nordeste, que condemnaram vehementemente a obra de Gilberto Freyre, considerando-a anticatholica e nefasta ao patriotismo. Seria o caso de lembrar-se quão perigoso é para um crente ser mais catholico do que o Papa... De vez em quando, o *Index Librorum Prohibitorum* acolhe as obras desses exaltados.

Ao contrario de alguns autores nacionaes, que, segundo uma expressão feliz de Peregrino Junior, procuram se tornar donos de um latifundio scientifico, ou litterario, Gilberto Freyre tem sido o grande animador das pesquisas sociologicas no Brasil.

Difficil seria estabelecer uma lista completa dos actuaes pesquisadores da nossa história social. Os de maior mérito estão todos vivos e felizmente, porque aqui, mais do que nunca, se applica o velho brocardo «ars longa, vita brevis». No entanto, além de Gilberto Freyre, salientam-se alguns nomes.

O estudo negro no Brasil está sendo feito pelo Sr. Arthur Ramos, que vem continuando e ampliando as pesquisas de Nina Rodrigues. Dispondo de abundante material, na sua mór parte contemporaneo, o autor do *O negro brasileiro* tornou-se uma autoridade no assumpto. No entanto, prejudicam um pouco a sua obra, que já abrange varios volumes, a preocupação de propôr explicações psychanalyticas dos phenomenos culturaes, principalmente religiosos. Hoje, ninguém mais dá importancia aos devaneios de Freud em materia ethnologica. Além disto, vemos como consegue

o professor Arthur Ramos reunir num todo coerente as theorias contraditorias de Lévy-Bruhl e Freud.

Outro nome, de bem maior projecção dentro e fóra do nosso paiz. O Sr. Pedro Calmon, escriptor e conferencista que honra a nossa Academia, principiou muito moço a sua carreira de historiador. Publicou, de inicio, um trabalho interessante sobre a *História da Independencia do Brasil* (1926) e, com o correr dos annos, aprimorou o estylo, pouco augmentando a sua erudição. Mesmo assim, o seu *Esprito da Sociedade Colonial* tem muita cousa aproveitavel. Pena é que o historiador sacrifique muitas vezes a verdade historica ao prazer das generalizações sedutoras e brilho litterario.

Escrevendo as *Raizes do Brasil* (1936), Sergio Buarque de Hollanda (não é nosso parente, apesar do nome) procurou esboçar as directrizes da evolução histórica brasileira. No *Boletim do Centro de Estudos Históricos* consagrou-lhe Eremildo Vianna uma longa e penetrante apreciação. Sem discordar dessa critica, creio poder affirmar que as melhores paginas das *Raizes* são aquellas dedicadas

à psychologia politica do nosso povo. O estylo do autor, cuja cultura litteraria é extensa, agrada pela fluencia e naturalidade. Mas, contestaveis são muitas das generalizações do Sr. Sergio B. de Hollanda, que parece ter deixado de lado as fontes manuscriptas.

Muito se deve esperar do Sr. Affonso Arinos de Mello Franco, que se está dedicando, já faz varios annos, ao estudo do exotismo inspirado pelo Brasil, particularmente pelos indigenas da nossa terra. Receia-se, ás vezes, que o Sr. Affonso Arinos se deixe levar pelas uiaras da physiologia da historia, que já perderam tanta gente boa. Mas, o contacto directo com a documentação original impedirá que tal succeda.

Não podemos concluir sem insistir na necessidade de serem vasculhados os archivos de aquém e além-mar, que contêm tantos documentos inétidos e, até hoje, não aproveitados. Aliás, só se poderá escrever, de modo completo, a história social do Brasil, quando for melhor conhecida a nossa historia religiosa. Ora, depende o conhecimento desta principalmente de pesquisas nos Archivos do Vaticano. Digno de uma Universidade seria enviar a Roma alguns pesquisadores, cuja mocidade não os fizesse recuar deante do vulto do trabalho, afim de procurar nos papéis amarellecidos e empoeirados esse importante capitulo do passado nacional.

GUY DE HOLLANDA.

Collecções encadernadas do

BOLETIM DE ARIEL

COM O INDICE DE ARTIGOS E
CITAÇÕES

Temos á venda collecções de
todos os annos

Preço do volume enca-

dernado 40\$000

Pedidos a

ARIEL EDITORA LTDA.

Rua 7 de Setembro, 162-1.º and.

RIO DE JANEIRO

— Autor de *Le Roman d'un Malade*, Louis de Robert reflectia nesse volume as suas proprias impressões e os seus proprios soffrimentos de enfermo arrancado á morte por um regimen dos mais estoicos. Foi elle amigo e secretario de Pierre Loti e concorreu bastante para a publicação do primeiro romance de Marcel Proust, ainda então perfeitamente incomprehendido pelos editores francezes. Mas agora, duas ou tres decadas depois da sua cura miraculosa, Louis de Robert vem de desaparecer definitivamente do mundo, sem que os fabricantes de necrologios se preocupassem muito com isso.

— Está sendo derrubada em Paris a chamada Ponte das Quatro Estatuas, que Barbey d'Aurevilly tantas vezes atravessou, quando ia fazer companhia á baroneza Amaury de Maistre, a quem o ligava uma velha paixão platónica.

NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

ARNALDO CARNEIRO LEÃO	Ciencias Fisicas e Naturais	10\$000
REBELO GONÇALVES	Dissertações Camonianas	8\$000
DENNIS WHEATLEY	O Eunuchos de Stamboul	5\$000
REBELO GONÇALVES	Filologia e Literatura	15\$000
WILL DURANT	Filosofia da vida	16\$000
MONTEIRO LOBATO	Reinações de Narizinho	10\$000
C. DE MELLO LEITÃO	A Biologia no Brasil	10\$000
A. C. TAVARES BASTOS	O valle do Amazonas	12\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL - Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes : CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 7 de Setembro, 162—Rio de Janeiro—Rua da Imperatriz, 43 Recife-Pernambuco

A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal

Livraria José Olympio Editora

Telegrammas

OUVIDOR, 110
23-2389

JOLYMPPIO

1. MARÇO 13
23-2831

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE DEZEMBRO

H. G. Wells — PEQUENA HISTORIA DO MUNDO — com 54 illustrações — Vol. cartonado — Trad. de Gustavo Barroso	22\$000
Affonso Arinos de Mello Franco — O INDIO BRASILEIRO E A REVOLUÇÃO FRANCEZA — (N.º 7 da Coll. «Documentos Brasileiros»)	20\$000
F. Nitti — A DEMOCRACIA — Trad. do Prof. A. Piccarolo	15\$000
Tasso da Silveira — ESTADO CORPORATIVO	7\$000
Ranulpho Prata — NAVIOS ILLUMINADOS — Romance	7\$000
D. Xiquete — VI, LI, OUVI — (Distribuição)	7\$000

NOVIDADES DE NOVEMBRO

Humberto de Campos — DESTINOS — 5.ª edição	6\$000
Octavio de Faria — CRISTO E CESAR	12\$000
Alberto Rangel — NO ROLAR DO TEMPO — N.º 6 da Col. Doc. Brasileiros)	12\$000
José Amerio de Almeida — A BAGACEIRA — 7.ª edição	8\$000
Minis. da Educação — AUTOS DE DEVASSA — 6.º vol.	5\$000

NOVIDADES DE OUTUBRO

General E. Leitão de Carvalho — A CONFERENCIA DO DESAR- MAMENTO	20\$000
Humberto de Campos — DESTINOS 5.ª Edição	6\$000
Cyro de Anjos — O AMANUENSE BELMIRO — Romance	8\$000

NOVIDADES DE SETEMBRO

Jorge Amado — CAPITÃES DE AREIA — romance	10\$000
Jorge Amado — JUBIABÁ — 2.ª edição — romanc	10\$000
Jorge Amado — PAIZ DO CARNAVAL — 2.ª edição — romance	8\$000
Plinio Salgado — CAVALEIRO DE ITARARE' — Romance — 2.ª edição	10\$000
Plinio Salgado — A Vóz do Oeste — romance — 2.ª ed.	8\$000
Plinio Salgado — O EXTRANGEIRO — romance — 3.ª ed.	8\$000
Amando Fontes — A RUA DO SIRIRY — romance	10\$000
Edison Carneiro — CASTRO ALVES	6\$000

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S/A

EDISON CARNEIRO	
Negros Bantus	7\$000
M. FISCHBEIN e W. A. WHITE	
Porque os Homens Falham	6\$000
PAULO GUSTAVO	
O Religião do Pecado	6\$000
J. M. DE MACEDO	
A Moreninha — Col. Sip.	2\$000
LEÃO TOLSTOI	
O Canto do Cysne — Col. Sip.	2\$000
GUSTAVO BARROSO	
Os Protocolos dos Sabios de Sião	7\$000
MANOEL BANDEIRA	
Poesias escolhidas	7\$000

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 Rio de Janeiro
Venda directa ou pelo serviço de re-
embolso. Peça instrucções. Envia-se
catalogo gratis.

O TEMPO CORREU PARA TRAZ...

Aquella idéa assaltara-o de repente, ao dirigir-se para o laboratório do Instituto de Chimica:

— E si o bonde estivesse correndo para traz?

Immediatamente formou-se-lhe a convicção intima:

— Está. O phenomeno não se passa assim para os meus sentidos, porque são aparelhagem da organização humana. Mas para um sêr superior, que perquiria a essencia da phenomenologia e dos sêres — está.

Teve a intuição luminosa de que tudo se perturbava e subvertia: os automoveis, os homens da calçada, começaram a andar para traz, com movimentos contrários. Um sujeito, ao seu lado, fazia menção de cuspir fora do bonde, mas era a cusparada que lhe vinha de fora, subindo do chão, e lhe entrava na bocca...

Fechou os olhos e viu a imagem de Dagmar, no fulgor dos seus dezenove annos, pelle setinosa e rosada como si a sua carne tambem fosse feita do mesmo tecido de uma rosa virgem entreaberta. Dagmar sorria-lhe com os seus dentes pequenos e perfeitos atravez dos labios rubros e olhava-o serenamente com os seus bellos olhos verde-marinhos...

Era assim que lhe apparecia sempre.

O bonde parou.

Philemon desceu. Caminhava agora com naturalidade automatica, no cumprimento dos seus mistêres diarios. Transpoz o portão e a alameda de acacias, que estavam amarelando os festões, na promessa da primeira florada.

O porteiro entregou-lhe a correspondencia. Entrou no vestuario e tomou o seu avental de laboratório.

Tinha um vigor extraordinario naquelles cincoenta e poucos annos de velho batalhador da sciencia. O bigode era-lhe grisalho e a cabeça, grande, mais grisalha ainda, com uma desordem arrepiada de cabellos longos e mal penteados em que se encobriam ligeiras deformidades craneanas. Perfil de aguia, fronte erguida, pelle bronzada como a de um marítimo e principalmente uma ruga constante de sobrecenhos, denunciando força selvagem em explosão contida por effeito de uma vontade quasi sobrehumana.

Trabalhou conscienciosamente, afastando ainda, por duas vezes, a figura de Dagmar, que teimava em perturbá-lo, mettendo-se no fundo dos cadinhos aquecidos ao branco e no menisco das buretas de precisão.

Dgmar era uma paixão recalcada, inexplicavel e violenta, que Philemon não queria confessar siquer a si mesmo e que apenas transparecia na expressão «talismán bemdito», vindo-lhe á mente sempre que avistava algum vulto gracil, recordando o da pequena... A's vezes o chimico surprehedia-se a rosnar as estrophes do soneto romantico de Castro Alves:

«Si ainda houvesse talismán bemdito...»

Mas reagia: Dagmar era uma loucura impossivel. Elle tinha 54 annos... Para que pensar nella? Trabalhar! trabalhar!...

Philemon Corrêa adquirira no seu continente de poucas culturas especializadas,

reputação firmada em pesquisas scientificas inatacaveis. O seu nome irradiava e pertencia, acatadamente, a institutos da Inglaterra, da Allemanha e da França.

Tambem, desde a adolescencia enfiou-se nos livros e metterá-se nos laboratorios, sahindo apenas para excursões ao sol, no meio dos seres da natureza, sózinho ou acompanhado de raros discipulos, no eterno afan das pestuizas e da volupia espiritual de desnudar e escarpelar algum novo segredo da Natureza-Mater.

Paixões, entraram-lhe bastantes pela mocidade. As mulheres tinham mesmo passado por algum tempo, devastando-lhe a vida, e a capacidade de amar, como as vagas successivas e destruidoras de um maremoto.

Nunca lhe deram a satisfação procurada. Por isto, libertou-se dellas cedo, refugiando-se selvagemmente no trabalho obstinado dos perseguidores de modernas pedras philosophaes e na solidão do seu caracter esquizoide, sabendo-se o julgando-se cada vez mais um grande incompreendido.

Fôra um bello homem e as mulheres sempre admiraram o talento que o mundo proclama, dispostas a dar-lhe a sua carne. Não lhe faltaram, pois, caprichos insistentes a voejar-lhe em torno — caprichos de hystericas que pretendiam ser notadas a fina força e que muitas vezes chegaram a tomal-o de assalto, na energia espasmodica das mulheres que querem...

Mas todas eram para logo inexoravelmente afastadas e elle permanecia sózinho, na rocha de crystal do seu mourejar continuo.

Dagmar... Elle nem sabia mesmo como pudéra conceber tal sentimento, em dias tão tardios, por uma menina que elle quasi vira nascer, netinha linda do medico Celso Faria, seu amigo de infancia, agora aposentado de chefe em uma das secções demographicas da Saude Publica.

Porém, Dagmar tinha que passar tambem.

Tres annos antes fôra sua alumna e Philemon, que já pouco frequentava a casa dos amigos, maravilhou-se de surpresa observando a transformação da pequena. Ella sentia prazer de ser notada e approximava-se frequentemente do mestre, para mostrar trabalhos ou pedir notas, com um sorriso meigo nos olhos claros e nos labios rubros, que descobriam os dentinhos brancos da sua bocca humida e virgem.

Parecia gosto e proposito. Fôra desde creancinha o mimo do avô, que lhe trazia todos os regalos e gulodices, não sahindo do collo delle e gostando de brincar com os seus bigodes que encaneciam. Philemon apparecia muitas vezes de visita a Celso Faria. Trazia bombons e brinquedos e a menina festejava-o, atirando-se a elle e rodeando-lhe o pescoço com os bracinhos roliços. Philemon ria contente, como ensaiando tambem a arte de ser avô...

Depois a Ilza e o Dr. Santinho, paes de Dagmar, andaram mudados para o Rio Grande do Sul. Quando voltaram,

a creança roliça estava transformada naquella linda moça.

Derrotas, teve-as. Porem jamais capitulára. A sua vida fôra e continuava a ser luta constante contra a natureza e o instincto.

Muito longe, na infancia, acostumara-se a ouvir: — Não faça isto, Philemon, que é muito feio.

Na escola descobrira uma secreta volupia solitaria, a que se abandonava com prazer e verdadeiro frenesi. Um dia Dona Adelina o surpreendeu, sentadinho na sua carteira, offegante, vermelho e suarento, a agitar-se, a penna entre os dedos borrando o caderno de *pausinhos*, olhos injectados e linguinha apertada no canto da bocca...

Dona Adelina deixara sahir os outros meninos e prégará-lhe um sermão, em particular:

— Philemon, isto é muito feio! é proprio de um menino, Philemon?!

Elle não sabia. Mas sahiu cabisbaixo e nesse dia começou mais uma batalha, que havia de durar a vida inteira, com vergonhas de derrotas e orgulhos de vencedor muito mais vezes.

Depois, era como si Dona Adelina se lhe apresentasse todas as vezes em que cedia a qualquer cousa agradavel, na vida:

— Philemon, isto é muito feio!... Isto é proprio de um moço, isto é proprio de um homem, Philemon?!...

E elle recommençava a luta de Hercules, a esmagar a hydra dos novos instinctos que repontavam.

Venceu-os quasi todos, embora as cabeças da hydra ameaçassem renascer ou se agitassem sempre ameaçadoras, comquanto cada vez mais esmorecidas e languas...

E assim foi pouco a pouco se encastellando em si mesmo e formando a consciencia do seu proprio valor — de homem capaz de sobrepôr-se ás proprias leis da natureza humana.

Quando largou o magistrado e decidiu riscar definitivamente o vulto de Dagmar, começou a ter sonhos em que voava de continuo sobre a mesma paisagem conhecida.

Nos sonhos ha sempre uma confusão horrivel — mas esse caracter do vô era-lhes constante. Philemon nem se espantava mais ao largar da terra no alôr sereno das proprias azas, habituado que já estava a aquella volupia de subir...

Nesse tempo lançou-se entusiasticamente em pesquisas experimentaes relativas a aguas pezadas, com viagens maritimas para colheita de aguas profundissimas, destillações, centrifugações, electrolyses, analyses de esctrogrammas de massa, estudos e experiencias de tanta sorte e natureza, que julgou chegar victoriosamente a conclusões scientificas originaes, de capital importancia.

Consignou-as nos seus cadernos de laboratório, em apontamentos onde se liam destes resultados: «Nem todos os compostos classificados como *aguas pezadas* encerram o hydrogenio de pezo atomico 2 ou *deuterio*, mas existem ainda dois

compostos, de propriedades diferentes entre si e das da água commum, encerrando o hydrogenio e o oxygenio normaes quanto ao pezo, encontrando-se porém (ahi o oxygenio com a sua valencia modificada (para 3 e para 4. Em summa, ha duas *aguas peçadas* correspondentes ás formulações H_3O e H_4O , diferentes da água H_2O e das que encerram o deuterio. Estas ultimas não têm as propriedades extraordinarias que lhes attribuem e são muito semelhantes á água commum. Provarei tudo isto, quando tiver reunido quantidade mais apreciavel desses compostos rarissimos.»

Quando attingiu a essas conclusões, Dagmar chegou a desaparecer completamente do seu trabalho.

Então, uma noite, quando voou, o seu sonho tomou outro singular aspecto: Philemon plainava, afastando-se vertiginosamente da terra, cujos aspectos continuava entretanto a observar de perto. De repente viu que o tempo parava e depois começou a correr para traz. O eixo terrestre diminuia a marcha. Parou e logo girou vagarosamente na direcção opposta. O sol e as estações também retrogrediram. Tudo parou por um momento dentro de um estupor enorme, e depois o tempo começou a mover-se para traz... para traz...

Tudo começou a correr para traz.

«O tempo não existe: é uma função da velocidade. Si o sol fosse o mostrador de um relógio e um observador partisse de lá ao meio dia, com a velocidade de 300.000 kilometros por segundo, que é velocidade da luz, e se afastasse do sol na direcção que segue a curvatura do espaço, chamada direcção rectilínea, em qualquer ponto do percurso seria sempre meio dia naquella relógio, porque o observador seria acompanhado e sensibilizado exactamente pela mesma onda luminosa que lhe affectou a retina no momento da partida. Portanto, não haveria tempo.

Si a velocidade do observador fosse superior á da luz, elle iria encontrando no caminho as ondas emitidas antes da sua partida e o ponteiro do sol-relógio andaria para traz, com velocidade tanto maior quanto fosse a differença entre a velocidade do observador e a da luz.

A massa é, entretanto, também uma função da velocidade, crescendo com ella, de modo que á velocidade da luz a massa dos corpos torna-se infinita. Portanto, essa velocidade não pode ser attingida pelos corpos, dentro do universo sensível.

Mas quem nos diz que em alguma região do universo intelligivel não possam existir seres sem corpo material, isto é: sem corpo capaz de gerar o campo electro-magnético que lhes determina o coeeficiente de inercia ou *massa* — gozando entretanto das faculdades humanas de percepção e intelligencia?

Platão o admittiria, como philosopho, e eu também creio possam existir taes seres, porque sou espiritualista, apesar dos meus estudos positivos.

Si, pois, elles existem — quem nos dirá que não são capazes de velocidades superiores á da luz?

E então um desses seres superiores, observando a Terra e afastando-se della até o infinito, notaria com naturalidade

esta phenomenologia, que sómente é maravilhosa para as contingencias da pobre humanidade: notaria que, para elles, *verdadeiramente o tempo corre é para traz.*»

Philemon escrevera essas palavras no seu caderno de laboratorio, no meio das notas dos seus estudos sobre as aguas peçadas, dois ou tres dias depois da singularidade do seu sonho.

O doutor Fausto era quasi meu collega. (Os chimicos sempre foram os cultores de uma sciencia altissima, que abre olhos profundos sobre os segredos da natureza e dos seres.) O Doutor Fausto era quasi meu collega — pensava Philemon — e rejuvenesceu pelo poder de Mephistopheles, para a volupia do amor humano e cheio de miserias, de Margarida.

Si ainda existisse Mephistopheles... Eu não queria...

Eu não preciso delle nem de Margarida, porque iniciei o meu espirito na natureza dos seres superiores, vencendo em mim os instinctos e a materia, para sobrepôr-me ás contingencias da minha propria humanidade.

Assim, eu já não sou mais apenas e simplesmente um homem.

Alguns dias depois as acacias já tinham florido abundantemente as suas chuvas de ouro, contrastando, num berro vegetal de patriotismo brasileiro, com o verdejar da grama dos canteiros, os leques verdes das palmeirinhas e coqueiros multiformes, as frondes sombrias, redondas e inalçadas, que formam, subindo para a montanha, o emolduramento florestal de todo aquelle bairro do Jardim Botânico.

Quando Philemon chegou, percebeu de repente que o Antonio, o porteiro, ao fazer menção de entregar-lhe a correspondencia, *falava para traz*, aspirando os sons e as palavras e produzindo uma linguagem desconhecida, que elle entretanto entendia perfeitamente.

Sorriu, sem dizer nada, daquella descoberta. Compreendera a capacidade dos seres superiores, de perceberem a ambivalencia dos phenomenos que se desenvolvem no tempo em dois sentidos. Lembrou-se disto por varias vezes no laboratorio, sorrindo sempre, serenamente senhor das suas faculdades extraordinarias.

Dagmar já não o torturava mais. Ia perdendo a importancia e apenas fugazmente se lhe cruzava na memoria, como lembrança esbatida de uma vida ou de passado longinquo...

Sahira a aposentadoria, mas Philemon continuava a frequentar o Instituto de Chimica e a metter-se benedictinamente nos laboratorios, no desenvolvimento das suas pesquisas.

Não é debalde que se empregam mais de trinta annos de vida dedicada a uma instituição ou trabalho, para que um homem se possa arrancar dalli repentinamente. Ha trabalhadores a quem a aposentadoria adoece, pela segregação do ambiente e das companhias a que se habituaram. Mas Philemon não precisava de adoecer: o Instituto era ainda a sua casa velha, onde podia entrar e sair, como trabalhador voluntario.

Os collegas sempre o julgaram excelente companheiro, embora um tanto exquisto no seu isolamento entre espectroscopios, balanças, cadinhos e buretas. Estavam acostumados a troçá-lo, de bom humor, na presença do homem á hora do café, ou depois que elle virava as costas, com invenções de aneddotas jocoscificas que corriam desopilantemente o circulo dos chimicos. Philemon riase também e cada vez se importava menos com o julgamento dos outros. Parece entretanto que, depois de aposentado, as suas attitudes foram sendo mais notadas e os commentarios alegres tornavam-se mais serios entre o pessoal da casa:

— O Dr. Philemon nunca foi certo, mas parece que está ficando maniaco...

Seus dois sobrinhos, moços, filhos de Hortencia, a unica irmã que tivera prole, casada, que morava no Rio Comprido, começaram a apparecer mais frequentemente na casinha em que vivera isoladamente em Paula Mattos, tendo apenas um gato e uma velha cosinheira-arrumadeira, para cuidar da casa e sumir-se depois do serviço.

A principio Philemon irritou-se contra os perturbadores do seu socego e estudos. Depois sorriu, aturando-os melhor, comprehendendo que uma attitude superior deve envolver ainda grande benevolencia em relação ás impertinencias das moscazinhas humanas...

E um dos sobrinhos — O Sylvio, que jera o mais velho e ajuizado — acabou por instalar-se discretamente na casa.

Philemon já se desinteressava dos trabalhos scientificos. Começou a julgar os mesquinhos e quando os continuava era só pela força dos habitos adquiridos.

As vezes quedava-se sentado numa cadeira de braços na varanda do fundo da casa, olhando para a cidade e a bahia que se estendiam, magnificas, vistas daquella altura de Santa Thereza.

Mas não se sentia absolutamente empolgado pelo espectáculo do mar com a serra aculeando o azul nas denteações longinquoas da Serra dos Orgãos, semeado de ilhas verdes e marchetadas, pintalgado de barcos e vapores, recortado pela projecção dos morros e dos edificios altos da cidade polychromica, trepada, confusa, que se dilatava, estendia, espalhava lá em baixo, entre o estrondejar de machinas guinchantes, timpanos de bondes, rolar de vehiculos, uivos e regougos de carros e sfrenas, na bruta symphonia barbara da era industrial do trabalho...

Philemon meditava e sentia actual em todas as partes, as mais escusas, daquelle ambiente exagitado e enorme, a nova e extranha phenomenologia verdadeira do universo; que os outros não comprehendiam; que se occultava aos seus proprios sentidos de homem — mas que a sua essencia superhumana descobrira.

Na ladeira em baixo, trabalhadores derribavam uma antiga mangueira, talvez para prepararem o lugar de nova casa. Os machados faziam voar os cavacos do lenho e com pouco a velha arvore rangia partindo as fibras, inclinando-se, tombando e despedaçando os galhos num fragor de estalidos e fartalhada enorme...

Mas Philemon percebeu que os seus sentidos o enganavam e que para elle as cousas não podiam ser assim: a mangueira é que se levantava da terra, pou-sando-se erecta sobre o tronco e estendendo os braços folharudos, enquanto os dois homens, batendo-lhe com o machado, faziam colar-se nelle os pedaços de casca, que voavam do chão para a arvore...

Sorriu-se muito tranquillo, olhando a cidade e inebriando-se bem no novo sentido dos seres e dos movimentos...

A vida — que estranha cousa, mas não surpreendente, se lhe afigurou a vida e os seus aspectos!... Contemplava os homens serem tirados da terra, dentro de caixões, que os amigos trazem para as casas, andando, assim como os vehiculos, ás arrecuás. Abre-se o caixão, aos esforços musculares proprios para fechalo, contrariando a gravidade, que tambem corre para traz projectando a tampa para cima; tira-se de dentro um defunto que, depois de velado, vive dahi a pouco. A vida dos homens desenvolve-se de traz para diante, assim como todos os seus gestos... Pedras sahem da terra e vem parar nas fundas; balas voltam vertiginosamente para os canhões, comprimindo as explosões em polvora... As irradiações regressam; os equilibrios thermicos, electricos, dynamicos, realizam-se em sentido contrario: no sentido da condensação, de regressão á potencialidade e do desequilibrio energetico universal...

Por onde andarão os physicos e o mundo de Newton?... E quem estabeleceria a physica desse novo universo?...

As geleiras arrastam-se pelas montanhas acima e as ondas propagam-se da praia para o largo. Os homens velhos tornam-se vigorosos e remoçam. Os rios, as aguas, correm para cima. A chuva sóbe da terra para as nuvens, enquanto os vapores descem, invisivelmente...

O homem desalimenta-se, tirando a comida da bocca com um garfo; os animaes vomitam a herva e outros animaes; as plantas diminuem até tornarem-se sementes; as creanças enchem de leite o seio materno, diminuindo de tamanho até serem sepultadas, a força, no ventre feminino, que vae diminuindo, diminuindo...

Philemon permanecia immoto horas inteiras, contemplando todas estas cousas interiores, enquanto Sylvio o observava curiosamente, serio. Sabia muito bem que o seu espirito era superior ás contingencias ambientaes e que, tendo vencido os instinctos e a humanidade terrena, todo o seu ser se afastava do planeta com velocidades superiores á da luz. Que importavam as apparencias?

Às vezes as suas meditações de espiritualista projectavam-se mais longe. Então, no mundo dos espiritos, elles sahiem do reino da immortalidade e entravam na terra, donde emergiam no corpo dos cadaveres... Depois desapareciam no ventre das mães. A finalidade da vida era o aniquilamento das almas, que tinham sido immortaes no passado... Nirvana.

— Tio, vamos jantar.

Elle se levantava sem protesto e acompanhava o sobrinho, com um sorriso de condescendencia seraphica.

Estava dando cuidados, mas o seu vigor physico era excellente. Dona Hortencia

vinha sempre e até se deixava ficar o dia inteiro, enchendo-o de desvelos, a observalo disfarçadamente, com uma curiosidade entre esperançosa e inquieta:

— As esquisitices do Philemon haviam de passar. Aquillo era estudo demais. Bem bom, que elle não fosse mais ao laboratorio e ficasse sentado naquella cadeira, olhando a vista da cidade.

Com a presença de Hortencia, surgiam visitas das velhas amizades que o misanthropo esquecera. Revesavam-se, enchendo a sala e a casa, entre a inalteravel paciencia do dono, que os recebia sempre risonho, com a bondade protectora dos seres bem formados aos ignorantes e ás creanças. Sorria sempre. A benevolencia de Philemon era abysmal como os oceanos de infinita luminosidade em que o seu espirito mergulhava.

Um dia revelou certa agitação, que não deu maiores sustos: foi quando Dona Hortencia annunciou, numa sexta-feira, que o Dr. Celso Faria mais o genro, o Dr. Santinho, tinham promettido vir domingo, com a familia.

Sabbado, passeou muito pela casa, com a cabeça inclinada e os braços cruzados sobre as costas. Não dormiu. Sylvio notou que o tio revirava-se muito na cama, falando sózinho, e que se levantou por duas vezes. Chegou a lembrar a Dona Hortencia uma consulta ao Dr. Juliano Moreira ou ao Dr. Austregesilo. Mas Philemon levantou-se completamente calmo, apenas mais pallido e olheirado de insomnia, com a mesma tranquillidade e sorriso protector que se lhe estereotypára na mascara.

Almoçou regularmente. As visitas deviam chegar pelas tres horas. Barbeara-se e fizera-se elegante para recebê-las. Chegava á janella ou sentava-se um pouco na sala, que estava muito bem arrumada, mas de repente sahia rapido, para a sua cadeira da veranda, que olhava para o horizonte amplo e a cidade, lá muito em baixo...

O choque foi á chegada do Dr. Santinho.

Philemon estava á janella e os viu saltar do bonde. O marido ajudou a Ilza a descer e o velho Celso Faria, ainda agil e cavalleiroso, estendeu a mão a Dagmar, que appareceu setinea e rosea, com seu eterno e expressivo sorriso de juventude nos labios vermelhos, erguendo o sereno olhar verde-marinho por baixo das grandes abas de tule do seu chapéo branco, de verão.

Entraram na sala. Enquanto as se-

nhoras se abraçavam e Sylvio se desmanchava em amabilidades com todos, Philemon postou-se de repente, rígido, olhos arregalados a braços estendidos, diante de Dagmar:

— Talisman bemdito! Vieste aqui?! Eu não preciso de Mephistopheles para rejuvenescer!... O tempo corre para traz e eu sou superior á essencia humana... Ouviste? Eu sou superior á essencia humana! Eu!

Voltou-se de subito e sahio batendo com as portas, fechando-as por dentro, indo refugiar-se na sua cadeira de braços que via a cidade aos pés do Morro de Santa Thereza.

O doutor Juliano veio. Tiveram que leval-o. A nova passagem de Dagmar subvertera completamente a serenidade interior da alma que se superpuzera aos instinctos e contingencias da humanidade, fazendo resurgir o conflicto.

Não era um doente perigoso. Deixavam-no perambular no grande pateo do hospicio. Observava os phenomenos ao redor, com os seus olhos vagos e interpretava-os com o tempo correndo para traz.

Tinha crises e remissões, ora afastando-se da terra com velocidades superiores á da luz; ora sentindo que cahia de repente no barro commum sem poder libertar-se do amor de uma menina.

Às vezes as duas personalidades se misturavam, agitando o seu espirito. Sobrevinha o delirio. A vida, o universo que a sua superioridade idealizara e contemplava serenamente, tornava-se de subito, para a sua humanidade, um mundo tragico, incompreensivel, em que tudo se sentia arrastado para o passado com uma força turbilhonante, doida: o homem desalimenta-se, tirando a comida da bocca com um garfo; os animaes vomitam a herva e os outros animaes; as plantas diminuem até transformarem-se em sementes; as creanças enchem de leite o seio materno, até serem sepultadas no ventre feminino...

Dagmar... Mas tudo caminha da satisfação para a insatisfação: Somno, que traz dia e cansaço; desalimentação, que traz fome; anti-amor, que traz desejos que morrem sózinhos... Todos os movimentos são de regressão e renuncia...

E em tudo isto, onde está a vida?... Dagmar... Onde está o homem?... Talvez em todas essas renunciadas haja uma regressão de louco, de loucura... O universo está louco.

Então acalmava-se: mas eu sou um ente superhumano, que não pode ser atingido pelas apparencias nem pela loucura do universo.

Olhando para fora, pela janella gradeada do seu quarto, viu Dagmar, que passava sorrindo, uma, duas, tres, quatro vezes, na calçada fronteira.

O demonio continuava a perseguil-o, para fazel-o voltar á interioridade terrena. Desgostou-se e sahio agitado para o parque.

A presença de Dagmar sempre lhe trazia o delirio: Tudo caminha da satisfação para a insatisfação... Desalimentação que traz fome... Somno, que traz dia e cansaço... As creanças, sepultadas no ventre materno... Todos os mo-

Em edição ARIEL:

PAULO GUANABARA

A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance da creança

VIDA LITTERARIA

Cyro dos Anjos — «O Amanuense Belmiro» — Romance — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte — 1937.

A leitura deste livro sugere para logo o exame da influencia de Machado de Assis em nossa litteratura. Ninguém dirá que essa influencia tenha sido muito grande. Figura maxima de nossas letras, o autor de *D. Casmurro* não fez escola, não deixou discipulos. Se é certo, como notou o sr. Tristão de Athayde, que elle marcou entre nós pela primeira vez o primado do espirito sobre o ambiente, os que depois d'elle seguiram esse caminho não lhe continuaram as pegadas, filiando-se de preferencia a influencias estrangeiras. Quem em nossa litteratura pôde ser apontado como continuador de Machado de Assis?

Até agora ninguém. O *Professor Jeremias*, de Léo Vaz, publicado ha uns quinze annos, deixava patente a preocupação do modelo machadiano. Preocupação excessiva, mais de imitador do que propriamente de influenciado. No sr. Graciliano Ramos (aliás com protestos seus) houve quem visse affinidades com Machado de Assis, coincidencias com a maneira deste, a narrativa despojada de ornatos, o gosto da introspecção, o mesmo horror ao «excesso de palavras», ao «excesso de natureza». Influencia decisiva, porém, influencia indisfarçavel de Machado de Assis, modelo e guia, é a que demonstra *O Amanuense Belmiro*, do sr. Cyro dos Anjos. Machado está presente nas paginas deste livro do começo ao fim, a sua sombra se projecta nelle, a sua technica litteraria, o habito do seu espirito.

Fazendo de partida esta affirmação, ponho muito mais louvor do que restricção. Certo, o sr. Cyro dos Anjos perde em originalidade, em invenção, em novidade; mas ganha em qualidade. Porque, por immensa que seja a influencia machadiana no seu livro, nunca será de um imitador habil. Não ha aqui pastiche, não se trata de qualquer «a la maniere de». O sr. Cyro dos Anjos é um escriptor que surge feito e terá o seu lo-

vimentos, de regressão e renuncia... O universo está louco...

Andavam uns homens a podar copas de arvores. Viu as tesouras mechanicas na ponta das grandes varas. Estavam bem afiadas...

E si elle se matasse, para ficar livre da perseguição de Dagmar e da loucura do mundo?

Mas sentiu que se mataria para traz; que o golpe o faria reviver; que o sangue se precipitaria da terra sobre a ferida...

Era tragico! Irremediavel! Levantou os braços, urrando de desespero. Depois sahio correndo com a cabeça entre as mãos. Os enfermeiros accorreram, levando-o para cima e vestindo-lhe uma camisa de força. Mas o homem gritava tanto, que o medico ficou com pena: deu-lhe uma injeção para fazer dormir.

Somno. Bemdito somno. Sem sonhos, pezado, plumbeo!

ALMEIDA COUSIN.

gar. Machado de Assis marcou-o indelivelmente, mas o escriptor se manifesta em traços que não são exclusivamente machadianos e lhe dão, máo grado a influencia apontada, physionomia propria, personalidade autonoma.

Insistir, pois, sobre as affinidades, as semelhanças, os encontros com Machado de Assis não é propriamente diminuir o valor do livro do sr. Cyro dos Anjos e poder-se-á dizer com acerto que, em meio das tendencias do actual romance brasileiro, oscillante entre um certo naturalismo retardatario, uma subordinação excessiva ao documento, e uma introspecção, uma interiorização, que chega por vezes á deshumanização, por falta de vida em alguns dos seus elementos mais importantes, o romancista mineiro reage salutarmente contra uma e outra tendencia para seguir o exemplo de Machado de Assis, que soube equilibrar, segundo o mais perspicaz dos seus criticos, o local e o humano, o contingente e o terno, procurando dentro de um ambiente, vistos como meio e não como fim, «os conflictos psychologicos, os dramas da vida interior nos quaes o homem de todas as latitudes revela uma grande identidade.»

Commum a Machado de Assis e ao sr. Cyro dos Anjos é o processo litterario. Se, a despeito de contestações que não me parecem justas, Machado de Assis foi por vezes um verdadeiro creador, mais frequentemente em seus livros elle se patenteou um annotador sempre lucido, aqui e ali surpreendente, cujo olhar penetrou almas, viu o avesso das creaturas, sentiu o que havia nestas de mais constante e mais significativo. Tambem no sr. Cyro dos Anjos ha um fino annotador de estados d'alma, que não despreza minucias psychologicas e adivinha os dramas que se frustram na comedia do quotidiano.

Haverá por ventura em *O Amanuense Belmiro*, embora contido, disfarçado, abafado, um lyrismo maior do que na maioria das obras de Machado de Assis; mas ha, como nos livros do autor de *D. Casmurro*, a mesma monotonia, que não exclue mobilidade, monotonia e mobilidade que são proprias da vida transposta pelo escriptor.

Belmiro é um homem que tem medo de viver, que se deixa ficar á margem dos acontecimentos e, por falta de coragem, quer refugiar-se no passado, como se fosse o presente, como se fosse o futuro, no seu passado da Pequena Villa Caraibas, todo illuminado da presença de Camilla.

Para fixar-se no passado é que elle intentou escrever o seu diario, mas o presente se vae insinuando, o presente encarna sob novas formas o passado e domina-o, transfigura-o, faz de Camilla, a virgem caraibana, essa outra Carmelia, a moça de Bello Horizonte, fantasiada de Arabella, todas tres reaes e irreaes, tão dentro de Belmiro, tão integradas no seu sonho, que lhe parece escusado disputar Carmelia a Jorge de Figueiredo.

A nota lyrica não impede que o livro

do sr. Cyro dos Anjos tenha pé na realidade quotidiana, fixando com precisão o ambiente da casa da rua Erê, onde Belmiro vive com duas irmãs, uma louca, outra que não se abre nunca com elle, mas cujo convívio de qualquer modo lhe é necessario.

Nos noventa e quatro pequenos capitulos ou paragraphos de que se compõe o romance, todos com titulos que lembram os de certos livros de Machado de Assis, numa linguagem, num tom, num estylo em que é manifesta a influencia machadiana, Belmiro busca incessantemente analysar-se e interpretar-se, decompondo os seus estados d'alma, o mesmo tentando a respeito das creaturas que o cercam.

Uma das maiores qualidades do romance do sr. Cyro dos Anjos é sua igualdade. Salvo quando narra a prisão de Belmiro ou no capitulo denominado «Onde apparece o Doutor Angelico», trechos que quebram a harmonia do livro, todo elle é unido, bem tramado, sem altos e baixos ou descidas.

Livro de estréia de um escriptor que não taceia, de um escriptor a que não falta sensibilidade, *O Amanuense Belmiro* revela algúem que deve ser tomado a sério em nossa precaria e des- arvorada litteratura.

OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA.

(Do «O Jornal», de 31-10-936.)

— Um que exerceu grande fascinação sobre os contemporaneos foi *Philippe Berthelot*, agora lembrado pelo seu amigo Auguste Bréal. Embora trancado nas suas funcções do Quai d'Orsay, Philippe fortissimo em todas as questões diplomaticas da Europa e do resto do mundo, sabia muito e muito de letras e artes e foi, quando necessario, um epigrammista subtilissimo. Homem talvez superior ao seu destino, só a musica de Wagner o entediava um pouco, mas tudo quanto fosse problema, de intelligencia o regalava.

— *Catherine Empereur* é uma peça de Maurice Rostand em que resurge a amarete do general Potemkine, aquella que completou a obra de construcção do imperio russo, iniciada por Pedro o Grande.

— Gonzague Truc escreveu o seguinte sobre o autor de *La Poule*: «Henri Duvernois encantou seus contemporaneos; elle instruirá a posteridade, fará reviver nos tempos futuros um momento do tempo que passou, illustrará a historia não talvez á maneira dos grandes pintores, de um Poussin ou de um Delacroix, mas á maneira desses desenhadores agudos que foram um Callot e um Forain.»

— *Touristes de Jadis*, de Georges Barraud, accentua a evolução do senso turistico através dos tempos. São recordadas as viagens de La Fontaine, que em tudo procurava assumpto para satiras veladas aos homens; de du Bellay, poeta suavissimo, sempre saudoso da sua França; de Erasmo, espirito avesso a fronteiras de qualquer genero para as bellas letras...

NEGRINHA

Negrinha era uma pobre orphã de sete annos. Preta? Não, fusca, mulatinha escura, de cabellos russos e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros annos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre farrapos de esteira e trapos immundos. Sempre escondida, que a patrão não gostava de crianças.

Excellente senhora, a patrão. Gorda, rica, dona do mundo, amimada pelos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo no céu. Entaladas as banhas no throno — uma cadeira de balanço na sala de jantar, ali bordava, recebendo as amigas e o vigario, dando audiencias, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em summa — «dama de grandes virtudes apostolicas, esteio da religião e da moral», dizia o padre.

Optima, a dona Ignacia.

Mas não admittia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viuva sem filhos, não a callejara o choro da carne escrava. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo, nervosa:

— Quem é a peste que está chorando ahi?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? A mãe da criminoza abafava a boquinha da filha e afastava-se com ella para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões desesperados:

— Cale a bocca, peste do diabo!

No entanto, aquelle choro nunca vinha sem razão. Fome quasi sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrophiada, com os olhos eternamente assustados. Orphã aos quatro annos, ficou por ali, feita gato sem dono, levada a pontapés. Não comprehendia a idéa dos grandes. Batiam-lhe sempre, por acção ou omissão. A mesma coisa, o mesmo acto, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Apreendeu a andar, mas não andava, quasi. Com pretexto de que, ás soltas, reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão de porta.

— Sentadinha ahi, e bico, hein?

Negrinha immobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos, a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. O relógio batia uma, duas, tres, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vel-o abrir a janella e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se, então, feliz um momento.

Puzeram-na depois a fazer croché e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que idéa faria de si essa criança, que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisco, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo — não tinha conta o numero de appellidos com

que a mimoseavam. Tempo houve em que foi — bubonica. A epidemia andava na bérria, como novidade, e Negrinha viu-se logo appellidada assim — por signal que achou linda a palavra. Perceberam-no e supprimiram-na da lista. Estava escripto que não teria um gostinho só na vida, nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de signaes roxos, cicatrizes, vergões. Batiam nelle os da casa, todos os dias, houvesse ou não motivo. A sua pobre carne exercia para os cascudos, cócres e beliscões a mesma attracção que o iman exerce para o aço.

Mão em cujos nós de dedos comichasse um cócre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça, de passagem. Coisa de rir — e vêr a careta...

A excellente dona Ignacia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fôra senhora de escravos — e daquellas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o balcão. Nunca se afizera ao regimen novo — essa indecencia de negro igual a branco e qualquer coisinha: a policia!

«Qualquer coisinha»: uma mucama assada ao forno, porque se engraçou della o senhor; uma novena de relho, porque disse: — «Como é ruim, a sinhá!»...

O 13 de Maio tigo-lhe das mãos o azorrage, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava, pois, Negrinha em casa como remedio para os frenesis. Simples derivativo.

— Ai! Como allivia a gente uma boa roda de cócres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miuda, os nicéis da crueldade: — cócres, mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no côco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar!) e o a duas mãos, o sacudido. A gamma dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, á torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões á uma — divertidissimo! A vara de marmelo, flexivel, cortante: para doer fino, nada melhor!

Era pouco, mas antes isso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquella historia do ovo quente.

Não sabem? Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ella guardava para o fim. A criança não soffreu a revolta e atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— «Peste»? Espere ahi! Você vae ver quem é peste.

E foi contar o caso á patrão.

Dona Ignacia estava azeda, e necessitadissima de derivativo. Sua cara illuminou-se.

— Eu curo ella! disse, desentalando banhas do throno e indo para a cozinha, qual uma perúa choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo!

Veio o ovo. Dona Ignacia mesma pol-o na chaleira d'agua a ferver e, de mãos á cinta, gosando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, á espera. Seus olhos contentes envolviam a misera criança que, encolhidinha a um canto, tremula, olhar esgazeado, aguardava alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponta a boa senhora exclamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a bocca!

Negrinha abriu a bocca, como o cuco, e fechou os olhos. A patrão, então, com uma colher, tirou da agua «pulando» o ovo e zás! na bocca da pequena. E antes que o urro de dôr saísse, pratica que era d. Ignacia nesse castigo, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arretecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquillo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o throno, afim de receber o vigario que chegava.

— Ah! monsenhor! Não se póde ser boa nesta vida... Estou criando aquella pobre orphã, filha da Cezaria; mas que trabalhadeira me dá!

— A caridade é a mais bella das virtudes! exclamou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus!

A virtuosa senhora suspirou piedosamente:

— Inda é o que vale...

Certo Dezembro vieram passar as férias com Santa Ignacia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Negrinha, do seu canto na sala do throno, viu-as irromperem pela casa a dentro como dois anjos do céu — alegres, pulando e rindo numa vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou immediatamente para a senhora, certa de vel-a armada para desferir sobre os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a bocca: a sinhá ria-se tambem... Quê? Pois não era um crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu?

No enlevo da doce illusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas logo a dura lição de desigualdade humana chicoteou sua alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos o som cruel de todos os dias:

— Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga?

Com lagrimas dolorosas, menos de dôr physica que de angustia moral — sofrimento novo que se vinha accrescer aos já conhecidos, a triste criança encorajou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem ha-de ser? disse a tia num

suspiro de victima. Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma orphã... Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por ahi a fóra.

«Brinquem!» Brincar! Como seria bom brincar! — reflectiu com suas lagrimas no canto, a dolorosa martyrzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo,

— Meus brinquedos! reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos fóra.

Que maravilha! Um cavallo de rodas!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim, tão galante. Um cavallinho! E mais... Que é aquillo? Uma criancinha de cabellos amarellos... que falava «papá»... que dormia...

Era de extase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas comprehendeu que era uma criança artificial.

— É feita?... perguntou extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora sahiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criaturinha de louça. Olhou-a com assombro e encanto, sem geito, sem animo de pegal-a.

As meninas admiraram-se d'aquillo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? repetiu Negrinha. Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! disseram. E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o extase da bobinha perdurava, disseram, estendendo-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados, resabiada, com o coração aos pinotes. Que aventura, santo Deus! Seria possível? Depois, pegou a boneca. E muito sem geito, como quem pega o Senhor Menino, sorria para ella e para as meninas, com relances d'olhos assustados para a porta. Fóra de si, literalmente... Era como se penetrara o céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe viesse adormecer ao collo. Tamanho foi o enlevo que não viu chegar a patrôa, já de volta. Dona Ignacia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, imóvel, presenciando a scena.

Mas era tal a alegria das sobrinhas ante a surpresa extactica de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida soube ser mulher. Apiedou-se.

Ao perceber-a na sala Negrinha tremiera, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hypothesees de castigos peores ainda. E incoercíveis lagrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ouviu, doces, na vida:

— Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patrôa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu nella a téra antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se a gratidão sorriu na vida, alguma vez, foi naquella surrada carinha...

Varia a pelle, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princezinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos á vida da mulher: o momento da boneca — preparatorio, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que ella trazia em si, e que desabrochava, ajinal, como fulgurante flôr de luz. Sentiu-se elevada á altura de sêr humano. Cessara de ser coisa e d'ora avante lhe seria impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi, — e essa consciencia a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa reentrou no ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentiu-se outra, inteiramente transformada.

Dona Ignacia, pensativa, já a não atezava tanto, e na cozinha uma criada nova, bôa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, cahira numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, scismarentos. Aquelle Deezmbro de férias, luminosa rajada de céu trevas a dentro do seu doloroso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!...

Acalentara dias seguidos, a linda boneca loura, tão bôa, tão quieta, a dizer papá e a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se d'alma.

Morreu na esteirinha rôta, abandonada de todos, como um gato sem dono. Ninguém, entretanto, morreu jámais com

maior belleza. O delirio rodeou-a de bonecas e anjos redemoinhavam em torno della, numa farandola do céu. Sentia-se agarrada por aquellas mãozinhas de louça, abraçada, rodopiada.

Veio a tontura, e uma nevoa envolveu tudo. E tudo regyrou em seguida, confusamente, num disco. Resoaram vozes apagadas, longe, e o cuco pela ultima vez lhe appareceu, de bocca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da guêla desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, valla commum. A terra papou com indiferença aquella carnezinha de terceira — uma miseria, quinze kilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma comica, na memoria das meninas ricas:

— Lembras-te d'aquella bobinha da titia, que nunca vira boneca?

Outra de saudade, no nó dos dedos de D. Ignacia:

— Como era bôa para um cócre!...

MONTEIRO LOBATO.

(Dos «Contos Pesados».)

Roberto C. Simonsen — *Historia economica do Brasil* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.

Antecedentes economicos de Portugal e Hespanha, aproveitamento das terras de Santa Cruz, politicas coloniaes, o cyclo do assucar, a mão de obra servil, a pecuaria, a expansão paulista, a mineração, a occupação do Amazonas, dom João VI, a influencia de nossa autonomia de nação no sentido dos negocios. Tudo visto por um especialista, que fez longas indagações ao complexo assumpto. Livro escripto com clareza, para entendimento dos mais leigos, e com tal idoneidade que nos leva a desejar a continuação da obra até os nossos dias.

Araujo Lima — *Amazonia, a terra e o homem* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.

A reaparição triumphante desse volume faz-nos referendar o que d'elle disse o nosso redactor-chefe: «*Amazonia, a terra e o homem*, do sr. Araujo Lima, deriva de um espirito de grande austeridade. Nada de folk-lore pedestre ou de catalogo de faccias regionaes. Perfeitamente integrado nas melhores correntes sociologicas e tendo o pudor de disfarçar o mais possivel a sua erudição, em vez de alardeal-a deselegantemente, levou o autor a cabo, sem o preconicio dos forjadores de famas ephemeris, uma obra que é contribuição valiosissima para os nossos estudos de anthropogeographia. Homem de sciencia, recolheu os factos, controlou-os nas lições da experiencia e meditou longamente antes de concluir.»

— «Vossos estudos foram em qualquer coisa uteis á vossa vocação litteraria?» Consultados a respeito por um reporter de Paris, Paul Valéry, Leon Frapié, Roland Dorgelès e Jean Cocteau responderam que não. Jean Giraudoux e Abel Hermant responderam que sim.

CYRO MARTINS

SEM RUMO

NOVELLA

Edição ARIEL

Cinema

Descobrimento do Brasil — Realização civico-cultural do Instituto de Cacau da Bahia — Direcção de Humberto Mauro. Em outras suas obras já Humberto Mauro revelára a sua pouco vulgar envergadura de director. Entre nós elle é dos raros que conhecem aquelle mandamento principal da arte cinematographica: o «film» deve ser escripto com a camera e não com a penna...

No caso presente o «film» corria o perigo de ser escripto com uma penna illustre: a penna de Pero Vaz de Caminha.

Humberto Mauro triumphou admiravelmente dessa enorme difficuldade: a de tornar a obra do cinema mera illustração, por meio do «movie», de uma narração escripta.

Elle conseguiu transpôr para valores puramente visuaes o trabalho de outra forma de expressão. Felizmente para nós a fidelidade historica foi cuidadosamente respeitada, mercê da verificação de mestres consummados.

Dessa forma está afastado o risco, para o ponto de vista educativo enormissimo, de se impôr ao espirito pouco avisado ou sem capacidade critica dos incultos e dos estudantes uma mentira historica, que a força, que o poder incomparavel de suggestão das imagens arranjaria com facilidade.

As mesmas náos de guerra da armada de Cabral respeitam fielmente os documentos do tempo.

A organização de bordo, a rotina da navegação, o ambiente, tudo está de accordo com as noções mais acceitas sobre o assumpto.

Outro ponto para o qual me parece interessante chamar a attenção é a normalidade, a calma, com que se realiza a navegação de Cabral. Tudo deixa entender, como hoje a critica historica o admite, que a viagem era uma cousa predeterminada, que Cabral seguia um roteiro de antemão traçado e que elle, no dizer incisivo de Rocha Pocho, «não fez mais do que um reconhecimento».

Do ponto de vista artistico propriamente dito merece seria attenção o trabalho de Humberto Mauro.

O tédio, o passar lento das horas naquella longa derrota, o espirito e o corpo cansado dos homens, tudo está desenvolvido em sequencias magistraes.

O retrato poderoso de Pero Vaz está eternizado em imagens felicissimas.

Os semblantes brutos, rudes, daquelles marinheiros, avezados aos trabalhos durissimos de bordo, são penetrados milagrosamente pela omnipotencia da camera.

As sequencias passadas nos navios são um verdadeiro jornal de bordo visual.

Aprendemos nessa hora de projecção o que paginas e paginas de leitura historica escassamente conteriam.

E miramos o céu soberbo do hemispherio sul com o mesmo espanto, com a mesma surpresa com que o viram os olhos virgens de mestre João.

Bastante interessante é a scena do almoxarife Diogo Dias, homem gracioso

e de prazer, fazendo cabriolas entre os indios.

As figuras venerandas dos homens avisados e de bom conselho, de que Cabral se fizera acompanhar, acham-se muito bem caracterizadas.

A figura de Cabral, muito ao envez do que affirma Mario Nunes, distingue-se á primeira apresentação.

E a figura entre má e dolorosa de Affonso Ribeiro é uma verdadeira ressurreição.

Pela fineza de direcção, pelo bem escolhido dos angulos, pela caracterização dos typos o presente «film» não encontra rival na produção brasileira.

Humberto Mauro, com rara felicidade, consegue recriar para nós a maravilhosa aventura de Cabral, fazendo-nos, pelo milagre da sua arte, contemporaneos de acontecimentos passados ha 4 seculos.

Alegre e Feliz (High, wide and handsome) Paramount. — Mais um «film» cheio de interesse para a historia do progresso americano.

O trabalho focaliza uma phase aguda de luta entre a industria, o trabalho productivo verdadeiramente creador de riqueza e a exploração immoral do capital financeiro, capaz de todas as manobras, de todas as fraudes, de todos os expedientes para vencer.

Como em todo o «film» que se preza o bem acaba sempre triumphando.

Mesmo essa maneira vulgar de terminal-o não tira a «Alegre e Feliz» nada de sua signiticação.

«Alegre e Feliz» é uma alta lição de tenacidade, de força de vontade, de firmeza, alliados á lealdade, do sentimento de solidariedade entre companheiros de esforços e interesses.

Peter Cortland é bem um expoente desse poder de improvisação tão americano, que descobre uma solução para cada problema, que não procura fazer os acontecimentos se sujeitarem a estreitos eschemas previamente preparados.

E' essa capacidade de resolver difficuldades que tem feito dos Estados Unidos o paraíso das invenções technicas.

Mas Peter Cortland não é um homem triste, concentrado, introvertido, é um homem alegre, brincalhão, sempre disposto ás mais abertas expansões de bom humor.

Acaba de Aparecer:

A MÃO E SEUS SEGREDO

de ARUS SAB

3.º Edição

ARIEL

As reconstituições historicas são do mais saboroso pittoresco.

E o ambiente, a athmosphera foram creados por mão de mestre.

As manifestações collectivas cheias de movimento, perfeitamente dirigidas.

Os idyllios de Peter e Sally são cheios de encanto e de ingenuidade.

E a luta do pessoal do circo contra os bandidos a soldo do banqueiro obriga-nos á mais nervosa das torcidas.

A noite tudo encobre (Night must fall) Direcção Richara Thorpe. — Os acontecimentos que se desenrolam neste «film» brotam mysteriosamente da noite, são puras produções do cáos.

Nós não vemos o crime produzir-se, porque a treva encobre tudo, encobre todas as coisas no seu manto pesado.

Mas a nossa imaginação apavorada advinha tudo, penetra os mais escondidos detalhes.

Raramente o cinema terá estudado com tanta felicidade um caso de alienado delinquente.

A psychose se revela nos gestos mais naturaes de Danny. Na volupia com que elle maltrata um gatinho, no cynismo, na insensibilidade.

De vez em quando, porém, essa segunda personalidade, essa mascara tão bem ajustada, desaparece, deixando ver o pobre rapaz em toda a sua miseria, em toda a sua mesquinhez. Como no momento em que Olivia fal-o quasi confessar que praticára o crime.

Em certos momentos a tristeza dos seres é tão grande, que parece communicar-se a todas as coisas, como na «Melancholia» de Dürer.

O lindo parque de Mrs. Bramson fica isolado do resto do mundo por um impenetravel muro de sombra e de silencio.

E o crime de Danny se realiza no scenario mais propicio.

Sae-se do cinema fatigado pela enorme tensão nervosa a que o «film» obriga e fica-se maravilhado diante da extraordinaria coragem de Olivia, mas não se deixa de ter uma piedade commovida pela perdição do pobre Danny.

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA.

— Gabriel Boissy extraiu uma nova tragedia do *Julio Cesar* de Shakespeare. Creemos que analoga tentativa já fôra feita por um sr. Grammont em palcos francezes, sem remontar a outras. Tambem Luc Durtain, bastante conhecido nosso, vem de affrontar o publico parisiense com uma peça inspirada em Cervantes, *Le mari singulier*.

Francisco Marques dos Santos — *Medalhas Militares Brasileiras* — Rio.

Um congresso de numismatica, realizado não ha muito em São Paulo, veio estimular o nosso gosto por um genero de documentação historica tão deploravelmente desdenhado em outras épocas. Amigo das pesquisas que redundem em valorizar o nosso passado, em ennobrecimento da memoria dos constructores do Brasil de que somos usufructuarios, o sr. Francisco Marques dos Santos sabe de tudo quanto seja reliquia nacional. Sobre as medalhas militares brasileiras offerece-nos, no momento, um livro de coordenação perfeita, redigido com sobriedade, clareza e fina intuição patriotica.

Discos

O problema mais serio que os productores de discos teem a resolver é sem duvida o da selecção das obras a serem gravadas. A principio os solistas tinham uma certa liberdade de acção, interpretando aquillo que estava mais de accordo com o seu temperamento.

Com o passar do tempo o publico começou a manifestar as suas exigencias por meio de cartas endereçadas ás companhias editoras, e assim se iniciou a era da producção dirigida.

Esse methodo adquiriu mais força depois do apparecimento do radio, podendo as estações transmissoras informar quaes as preferencias dos ouvintes.

A despeito disso notam-se ainda incongruencias difficeis de explicar. Assim, por exemplo, os *Poemas do Fogo e do Extase*, de Skriabine, que devem ter um numero de apreciadores bastante limitado no mundo inteiro, já foram gravados com todo o esmero, enquanto a obra pianistica do mesmo autor, muito mais accessivel, está quasi totalmente no esquecimento.

Achamos que a classe hoje respeitavel dos discophilos deveria ser tratada com um pouco mais de consideração.

E existem discophilos de todas as especies.

Ha os que só compram discos de determinado compositor (os wagnerianos, *verbi gratia*).

Ha os que só se interessam pelos ultra-modernos, e os que só dão importancia aos precusores de Bach.

Ha os que compram tudo quanto podem, e, finalmente, os de espirito mais pratico, que procuram adquirir só o que não se tem ensejo de ouvir nem mesmo nos centro musicas mais adeantados.

Pará estes ultimos é que o disco representa a maior utilidade, e em tal numero devem contar-se as instituições que já se servem do grammophone como meio pedagogico.

Com effeito, quantas oportunidades tem na vida inteira um melomano berlinense ou londrino, para só citar esses dois centros, de ouvir peças preciosas como o *opus 81-bis* de Beethoven, dada a difficuldade de se encontrarem ao mesmo tempo dois trompistas de alto valor?

No emtanto as diversas companhias preferem encher o mercado com Sonatas ao Luar e outras peças obrigatorias em tudo quanto é concerto.

A allegação da falta de procura é absolutamente falsa, pois mesmo aqui no Rio sabemos que existe uma casa que vende todos os exemplares que recebe de obras como o concerto para fagote de Mozart, o trio com trompa de Brahms, etc.

Coube agora á França, que está muito longe do primeiro lugar em materia a de producção grammophonica, trabalhar para que o disco se torne um meio perfeito de cultura musical. Teve essa iniciativa a *Anthologia Sonora*, organização notavel sob todos os pontos de vista, onde não se sabe o que mais elogiar, si o bom gosto sempre presente, e es-

pirito pratico, ou a perfeição em todas as minucias.

Com ella se realiza pela primeira vez, e de modo efficiente, uma historia da musica em disco.

A escolha dos autores, das peças e dos executantes é feita com um criterio irrepreensivel.

Quanto á gravação, pode-se affirmar que se acha em pé de egualdade com o que de melhor teem produzido as companhias mais antigas e mais aparelhadas.

Deante de tudo isso a função do critico torna-se como que superflua, pois só os elogios teem razão de ser.

Por isso limitamo-nos a fornecer aos nossos leitores a lista dos discos apparecidos até agora, e na ordem chronologica das composições:

N.º 34 — Canto Gregoriano de antes do Anno 1000: — Responso, Gradual e Aleluia. — Paraphonistas de Saint Jean des Matines, sob a direcção de Guillaume de Van. Solista: Agop Agopian.

N.º 18 — Trovadores Franceses e Minnesaenger: a) Blondel de Nesles; b) Perin d'Angingourt; c) Ricardo Coração de Leão. — a) Walther Von der Vogelweide; b) Rumelant. Canto: Max Meili. Acompanhamento de vielle medieval: Fr. Siedersbeck.

N.º 16 — Dansas dos Seculos XIII e XIV — a) dansa ingleza; b) dansa franceza; c) stantipes inglês; — a) estampie franceza; b) ballo italiano: Il lamento de Tristano. Flauta pequena: Crunelle; musetta: Debondue; tambor: Clayette.

N.º 1 — Balladas — a) Vincenzo da Rimini; b) Giovanni da Cascia — e Cantos Religiosos Italianos do seculo XIV — a) anonymo; b) Bartolomeo Brolo — Canto: Max Meili. Acompanhamento de Machault — Missa dita da Sagração de Carlos V, 1364 (Credo, Sanctus, Agnus, Ite) — Paraphonistas de Saint Jean des Matines, sob a direcção de Guillaume de Van.

N.º 3 — Canções Franco-Allemãs do seculo XV — G. Dufay, J. Okeghen, H. Isaac. Canto: Max Meili; vielle medieval: Fr. Siedersbeck; trombone: A. La fosse.

N.º 39 — Rondós do Seculo XV — Arnold de Lantins, Gilles Binchois, Grosin de Paris — Canto: Lina Douby, H. Guermant, F. Anspach. Vielles, alaúde, pequena harpa, flauta de bico, sob a direcção de Safford Cape.

N.º 35 — Guilherme Dufay — Kyrie da Missa «Se la face ay pale» — Alma Redemptoris Mater — Sociedade Pro Musica Antiqua de Bruxella, sob a direcção de Safford Cape.

N.º 27 — Johannes Brasart — Moteto. Canto: Lina Dauby. Trio de Vielles. Musica Instrumental do fim do seculo XV — a) Pierre de la Rue; t) Jacob Obrecht. Vielles, alaúde, harpa, flautas. Sociedade Pro Musica Antiqua de Bruxellas, sob a direcção de Safford Cape.

N.º 7 — Clément Janequin — Le Chant des Oyseaux — Chanterie de la Renaissance Française, sob a direcção de Henry Expert.

N.º 15 — Canções Francezas do seculo XVI — Garnier, Gentian, Sermisy, Berchem, René. Canto: Marcella Gerar.

Acompanhamento de violas, flauta e guitarra.

N.º 12 — Psalterio Huguenote — Claude le Jeune (1528-1600) — Psalmos 25 e 19; Psalmos 42 e 69. Mme. Blac-Audra, Mlle. Lina Falk, srs. J. Legraud, G. Frontin e G. Turotte, sob a direcção de Henry Expert.

N.º 36 — Arias de Côte e Canções ao Alaúde e Musica para Alaúde — a) Nicolas de la Grotte; b) Clemens non papa; c) Anonymo — Contralto: M. Vhita e Alaúde: H. Leeb. — Jean Baptiste Besard — Vilanella, Branle gay, Sinos de Paris, Dansa Igreja — Alaúde: Leeb.

N.º — Dansas Francezas do seculo XVI — Bassdanse, Touredion, Allemande, Pavana, Galharda, Branles — Orchestra de violinos, violas, gambas e baixos.

N.º 17 — Romanças e Villancicos Hespanhoes do seculo XVI — Canto e Vihuela — Luis Milan, Fuenllana, Vasquez, Pisador, Maria Cid e Emilio Pujol.

N.º 40 — Musica Instrumental Hespanhola do seculo XVI — Diego Ortiz: Ricercada para viola de gamba (gamba: van Leeuwen Boomkamp; cravo: Erwin Bodky) — Luis Milan: Trez pavanias para vihuela (Emilio Pujol).

N.º 14 — Virginalistas Inglezes — William Byrd, Giles Farnaby, Martin Peerson — Virginal: Pauline Aubert.

N.º 22 — Henry Purcell (1658-1695) — Golden Sonata — Violinos: Pasquier e Ferret; Baixo continuo: R. Gerlin e E. Pasquier.

N.º 28 — Heinrich Schuetz (1585-1872) — Trez Concertos Espirituaes — Salmo 40: Max Meili; Psalmos 52 e 111: Mme. Suter-Moser e srs. Max Meili e Yvon Le Marchadour; Orgam: Alex Cellier.

N.º 5 — Johann Kuhnau — Sonata Biblica (O Combate entre David e Golias) (1700) — Clavicordio: Erwin Bodky.

N.º 10 — O Orgam Allemão no seculo XVII — Samuel Scheidt (1578-1654): Paraphrase-coral: credo. — Johann Pachelbel (1653-1706): Coral-preludio: Vater unser. — Orgam: Marcel Dupré.

N.º 2 — Cortejo e Dansas para Instrumentos de Cobre — Johan Pezel (1639-1694): Intrada, Allemande, Courante, Allemande, Giga. — Foveau, Adriano, Couillaud, Lafosse, Tudesq, solistas da Opera e da Guarda Republicana.

N.º 19 — Sonata para Violino, Violla d'Amore e Baixo — Autor desconhecido do Seculo XVII — Sociedades de violas e cravo.

N.º 29 — Agostino Steffani (1854-1728) — Duo: Occhi perchè piangete — piangete — Soprano: J. Peretti; Contralto: M. Vhita; Cravo: R. Gerlin.

N.º 21 — Monodias Italianas do Principio do seculo XVII — Claudio Monteverdi, Domenico Manzoli — Canto: Max Meili; Baixo continuo: Gerlin e Mosser.

N.º 20 — Arias de Operas de J. B. Lully — Armida: aria de Renaud (Yves Tinayre) e Perseu: aria de Medusa (Lina Falk); orchestra de cordas sob a direcção de Alex Cellier.

Por falta de espaço, continuaremos no numero seguinte.

CORREA DE SA'.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Fernando de Azevedo — A EDUCAÇÃO PUBLICA EM SÃO PAULO — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
 Vieira da Silva — CONSOLAÇÃO — Typog. Bedeschi — Rio.
 Olbiano de Mello — COMUNISMO OU FASCISMO? — Irmãos Pongetti — Rio.
 Geraldo de Rezende Martins — CANANÉA — Rio.
 BRASILEIRAS — Rio.
 Francisco Marques dos Santos — MEDALHAS MILITARES
 Rebello Gonçalves — PHILOGIA E LITTERATURA — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
 Alberto Rangel — NO ROLAR DO TEMPO — Livraria José Olympio — Rio.
 Affonso Arinos de Mello Franco — O INDIO BRASILEIRO E A REVOLUÇÃO FRANCEZA — Livraria José Olympio — Rio.
 Tasso da Silveira — 30 ESPIRITOS-FONTES — Schmidt Editor — Rio.
 Marques Rebello e Santa Rosa — O ABC DE JOÃO E MARIA — Edição Nestlé — Rio.
 Mello-Leitão — A BIOLOGIA NO BRASIL — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
 Osorio Dutra — SERENIDADE — Irmãos Pongetti — Rio.
 «U.D.F.» — Revista dos alumnos da Universidade do Districto Federal — Rio.
 «REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETTRAS» — São Paulo — Numero 1.

— Estimavel evocação é a que se intitula *Ary Scheffer e son Temps*. Marthe Kolb andou bem em recordar o parente de Renan que ligou seu nome a tantas finas allegorias sentimentaes ou mysticas. Scheffer não maculou nunca o pincel em inspirações abjectas. E esteve sempre em contacto com homens preeminentes de seu seculo: Béranger, o grande cançonetista; David, pintor de Napoleão; Delacroix, colorista de genio; Ingres, desenhista insuperavel; Lafayette, defensor dos americanos opprimidos pela Inglaterra; Lamennais, o bretão taciturno que confessava ter nascido com uma chaga no coração...

— Léopold Levaux não se equivoca ao exaltar *Ernest Hello, écrivain de Dieux*. Pensador e prosador em quem competem a verticalidade de espirito e o vigor classico do estylo, Hello póde figurar, na aristocracia dos genios catholicos, ao lado de Joseph de Maistre e Veuillot. Era um illuminado, mas tambem um argumentador inaffrontavel, dos que vão até ao pamphleto quando é preciso lutar por Chrtisto e pelos homens.

— Mais um livro sobre Rimbaud. E' de Robert Goffin: *Rimbaud vivant*, e nos mostra o amigo de Verlaine em todos os seus aspectos, os altos e os torpes, os de mystico e os de porcalhão que rola por todos os vicios. Enthusiasta do assumpto, admirador do modelo evocado, Robert Goffin nem por isso mutila o seu senso de julgador ao apontar o lado jprecario de Rimbaud.

— Roger Martin du Gard pegou dois premios quasi ao mesmo tempo. O autor de *Les Chibault*, por signal que pouco conhecido entre nós, como não o será em excesso nem na propria França, obteve importante galardão que a cidade de Paris vem de conferir pela primeira vez, e conseguiu tambem a farta bolada que os zeladores da memoria de Nobel distribuem todos os annos.

— Os defensores de Gambetta podem agora exultar com um volume traduzido do inglez e divulgado em Paris, volume que prova ter sido aquelle grande orador um patriota acima de qualquer suspeita aviltante e o mais apaixonado defensor do territorio invadido pelos prussianos. O *Gambetta* de J.-P.-T. Bury mostra-nos um verdadeiro homem de acção enão apenas o cabotino rhetorico que tantos insistem em apresentar-nos.

— *Robespierre et la Guerre Révolutionnaire*, de Georges Michon, é mais um depoimento em favor do Incorruptivel. O contendor de Danton surge-nos ahí como um pacifista a

tudo transe, cioso sempre da liberdade republicana e incapaz de recorrer em qualquer tempo á dictadura militar.

Rebello Gonçalves — *Philologia e Litteratura* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

O sr. Rebello Gonçalves, que vem de retornar a Lisboa, realizou um curso de litteratura e philologia na Universidade de São Paulo. Lendo-lhe agora, em volume, as dissertações, forçoso é reconhecer que houve utilidade na vinda desse erudito portuguez á nossa terra. O sr. Rebello Gonçalves é um solidissimo commentador dos classicos, e da sua familiaridade com o poema camoneano repontam a cada instante anotações de indiscutivel originalidade. Camões tem sido aproveitado, e mesmo depredado, por professores de toda a especie, mas o autor da collectanea é dos que ainda encontram recantos inexplorados no vasto territorio dos *Lusiadas*. Forte nos methodos de litteratura comparada, sabe trazer á baila, com propriedade, gregos e latinos que offereçam pontos de contacto com os autores lusos. Nenhum excesso de patriotismo rhetorico e uma intelligencia vulgarizadora que bem demonstra os intuitos do critico de tornar Luiz de Camões cada vez mais accessivel ás massas. No grupo dos camonistas em que fulguram Epiphanio, José Maria Rodrigues e Agostinho de Campos, entra a figurar, sem nenhum favor, o jovem mestre luso.

Tasso da Silveira — 30 *Espiritos — Fontes* — Schmidt Editor. — Rio.

Entre os 30 Espiritos-Fontes de que fala o sr. Tasso da Silveira, um dos brasileiros que realmente contam no Brasil intellectual da hora que passa, encontramos Novalis, o mystico allemão; Huxley, que rejuvenesceu a technica do romance; Knut Hamsun, biographo atormentado dos seus proprios dias de fome; Poe, que ainda ensina sensibilidade e arte aos moços de hoje. Uma das preoccupações mais honrosas do escriptor paranaense é tratar de idéas novissimas, de livros que, marcados de datas recentes, não sejam apenas um ludibrio de folhinha e exprimam em verdade os homens de agora. Suas paginas sobre Charles Morgan e outros interpretes de um emmaranhado cosmos mental, indicam, a par do gosto de apresentar-nos gente viva, uma rapidez de assimilação e um pendor para o entusiasmo dos mais louvaveis numa época em que, se existe certa aversão a comprehender, muito maior existe em admirar.

Marques Rebello e Santa Rosa — *ABC de João e Maria* — Edição Nestlé — Rio.

Marques Rebello, nosso collaborador de todos os mezes, é um dos maiores contistas vivos do Brasil. Santa Rosa é um dos mais brilhantes desenhistas do Brasil que não quer ficar eternamente a repetir Angelo Agostini ou Raul Pederneiras. Pois os dois, o narrador de *Oscarina* e o illustrador dos romances de Jorge Amado, vêm de reunir-se e de mimosear os garotos com esta iniciação no alfabeto que será simplesmente uma delicia para a gente de palmo e meio. Todos agora aprenderão a ler sem lagrimas. Cada lettra é acompanhada de scenas, de figuretas das mais suggestivas. Foi muito feliz a nossa petizada no Natal de 1937...

Queiroz Velloso — *D. Sebastião* — Empresa Nacional de Publicidade — Lisboa.

Explica-se que este livro não tenha encontrado difficuldade em chegar á segunda edição. Evoca elle um dos periodos mais typicos da vida portugueza e a probidade da documentação em que se fundamenta o autor é garantia de imparcialidade nos conceitos com que nos enriquece a proposito do reinado de D. Sebastião. Dentro dos severos conselhos de Herculano, mestre de quantos façam historia em Portugal, o sr. Queiroz Velloso, nome dos mais significativos na cultura litteraria e scientifica da Lusitania, não só procurou conhecer os chronistas de seu paiz como tambem os de outras paragens que trataram do desastre de Alcacer-Kibir, desastre ainda assim glorioso para os christãos que foram destroçar os mouros. Sente-se-lhe a vontade de fugir á lenda, de reconstituir a verdade do passado com um rigor á Mommsen ou Macaulay. Evita as metaphoras coruscantes em que tanto se comprazia um Oliveira Martins, talvez mais artista que historiador, e a cada passo demonstra estar como poucos integrado no que occorreu em sua terra e em terras de Africa durante todo o complexo e tumultuoso seculo XVI. Ufanemo-nos de que em nosso idioma ainda escrevam homens de tão alto pensamento e tão seguro estylo quanto Queiroz Velloso.

A COMPANHIA EDITORA NACIONAL

lança um novo livro de WILL DURANT

Philosophia da vida — o mais recente livro
do grande ensaísta americano.

Acaba de ser publicado em edição de grande formato, o mais recente éxito literario de Will Durant, o autor da « *Historia da Filosofia* », livro que todo o Brasil leu com interesse e avidez. Coordenando as grandes correntes do pensamento mundial, estudando a obra dos philosophos e o proprio espirito do homem, Will Durant poudé escrever este livro onde trata de todas as questões referentes á vida humana.

O segredo de Will Durant é o seu prodigioso dom de vulgarisador de grandes e difficeis questões, que elle põe, na mais simples e amena das linguagens, ao alcance de todas as intelligencias.

FILOSOFIA DA VIDA

(The mansons of philosophy)

Tradução de Monteiro Lobato

A simples enumeração de alguns capitulos dá idea da obra construida por Will Durant: « O attractivo da philosophia; Logica e Epistemologia; Metafisica; Materia, Vida e Espirito; Será o homem machina? Moralidade e humoralidade; Amor, Homens e Mulheres; A Mulher Moderna; A Debacle do Casamento; Reconstrucção do character; Que é a beleza?; Filosofia da Historia; Será o progresso uma illusão?; O destino da Civilização; Philosophia politica; Em louvôr da liberdade; Democracia; Aristocracia; etc., etc.

Brochura 16\$000.

Encadernado, mais 3\$000.

HISTORIA DA FILOSOFIA

(*A vida e as idéas dos grandes philosophos*)

(Tradução de Monteiro Lobato & Godofredo Rangel).

Este foi o primeiro livro de Will Durant publicado em portuguez, e o seu éxito foi extraordinario pois, tratando um assumpto erudito como seja a philosophia, o famoso escritor americano o fez com tanta clareza e amenidade que transformou a sua Historia da Filosofia numa leitura tão agradavel como a de um romance de aventuras.

Brochado 15\$000.

Encadernado, mais 3\$000.

EDIÇÕES DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL
S. PAULO — RIO — PORTO ALEGRE — RECIFE — BAHIA

J O A Q U I M N A B U C O

A Civilização Brasileira S. A., continuando a sua iniciativa de editar as «Obras Completas de Joaquim Nabuco», acaba de lançar os seguintes livros do grande escriptor brasileiro:

Pensamentos sôltos — A primeira tradução da famosa obra de Nabuco, publicada inicialmente em francez sob o titulo «Pensées Détachées». Tradução, feita especialmente para a Civilização Brasileira S. A., pela propria filha de Nabuco, a escriptora Carolina Nabuco.

Brochura 10\$000.

Balmaceda — Um dos livros mais procurados do grande pensador brasileiro. Exgottado ha muitos annos, a iniciativa da Civilização Brasileira S. A. foi a realização de um velho desejo de todo o publico da nossa terra.

Brochura 7\$000.

Outras obras de Joaquim Nabuco, já apparecidas na mesma serie:

Minha formação — A obra prima, o grande livro de emoção e de pensamento, que nos legou a pena de Nabuco. Encontra-se em suas paginas o famoso trecho em que elle recorda a sua infancia passada no Engenho de Massangana.

Brochura 8\$000.

Encad. simples 15\$000.

Encad. de luxo 18\$000.

Um Estadista do Imperio — O grande livro em que Nabuco estuda toda a vida social e politica do Imperio, traçando a biografia do seu pae, o conselheiro Nabuco de Araujo. E' todo o panorama do Brasil Imperial, agitando-se as figuras de relevo na politica, na litteratura, com todos os setores da vida nacional daquella época. A vida de um brasileiro illustre contada por seu filho — um dos maiores brasileiros.

Brochura (2 grandes volumes) 50\$000.

Encad. (2 grandes volumes) 80\$000.

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA **LIVRARIA CIVILIZAÇÃO**
RUA SETE DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO

LIVROS PARA AS CRIANÇAS DO BRASIL

Uma nova coleção de livros para crianças —
pequenos volumes de histórias de autores
nacionais e estrangeiros:

O GARIMPEIRO DO RIO
DAS GARÇAS — *de*
Monteiro Lobato.

O CAVALLO VOADOR —
das « Mil e Uma Noites ».

BICHOS E BICHINHOS —
de Viriato Corrêa.

O GARIMPEIRO DO RIO
DAS GARÇAS — *de*
Monteiro Lobato.

VIAGEM DE GULIVER
— *de J. Swift.*

Preço de cada volume 3\$.

ALI-BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES —
das « Mil e Uma Noites ».

NO PAIZ DA BICHARADA — *de Viriato Corrêa.*

3 novos livros de Monteiro Lobato

O poço do Visconde — É a história do Visconde de Sabugosa, um dos personagens mais interessantes de Monteiro Lobato, feito geólogo e explicando para as crianças o que é geologia. Termina com a exploração do primeiro poço de petróleo do Brasil, o Caraminguá n.º 1, no sítio de Dona Benta, sendo então declarada, no meio da chuva de petróleo e da gritaria de Emilia e de todas as crianças, a Independência Econômica do Brasil.

Preço: 10\$000.

Serões de Dona Benta — As ciências físicas e naturais ao alcance de todas as crianças. Dona Benta, todos os dias, reúne a turma de meninos, comandados por Pedrinho e Emilia, para contar as histórias dos fenômenos naturais. Depois da história do petróleo as crianças ficaram com « comichões científicos » e foi preciso explicar tudo.

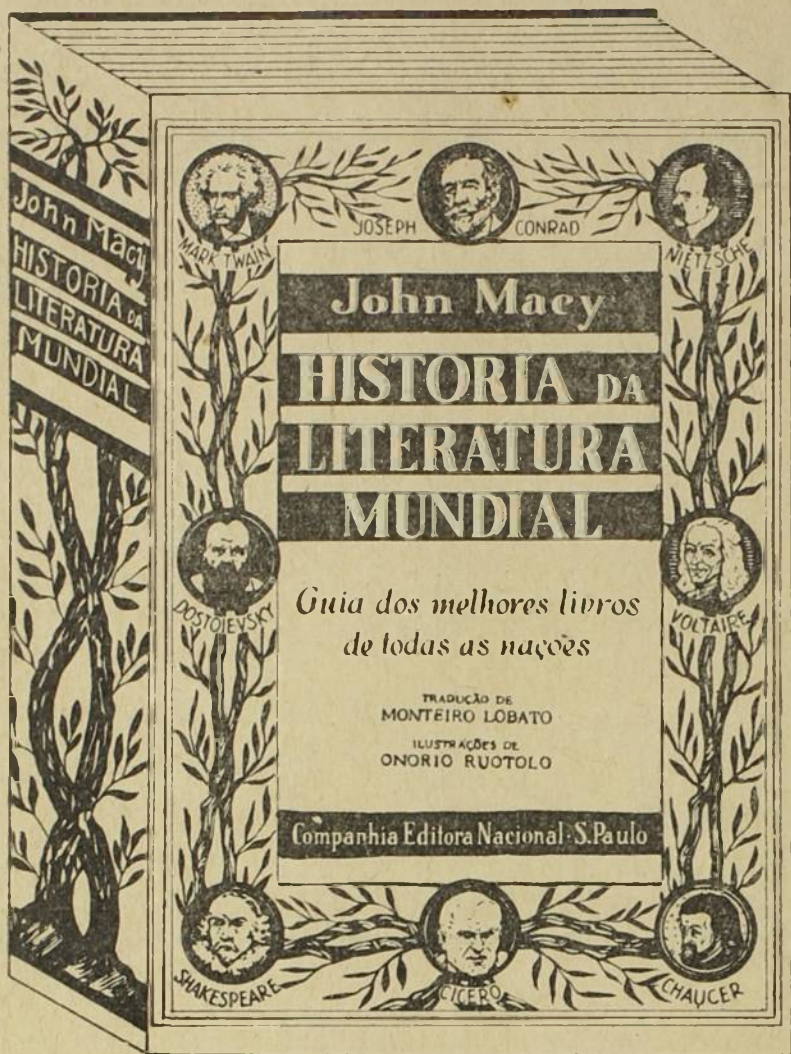
Preço: 9\$000.

Histórias de Tia Anastácia — São as histórias, os contos, as lendas de várias partes do mundo, contadas pela Tia Anastácia. Tia Anastácia é a preta que conta histórias encantadas, histórias de príncipes, festas no céu, bichos, viagens, etc.

Preço: 10\$000.

Os livros infantis de Monteiro Lobato atingiram agora em 1937, a 600.000 volumes circulando nas mãos de todas as crianças brasileiras.

EDIÇÕES DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL



**GUIA DOS MELHORES LIVROS DE TODAS AS
NAÇÕES — VISÃO GERAL DAS VIDAS
E DO TEMPO DOS MAIORES
ESCRITORES MUNDIAES**

Não é uma historia da literatura ao molde classico; nada de systematização excessiva — e por isso alcançou grande divulgação pelo mundo. O autor percorre o vasto mundo literario como que de aeroplano, detendo-se apenas nos picos culminantes e mostrando as linhas geraes do conjuncto. A Grecia e Homero, a Roma de Tacito e Petronio, a decadencia medieval, os trovadores, os « minnesingers », Dante, Petrarca, todos os grandes do Renascimento em todos os paises; os poetas de Inglaterra e França, desde Chaucer até Rimbaud; os famosos romancistas, desde Fielding até Anatole; os ensaistas; os philosophos dotados de dom literario — toda a coorte dos mestres da expressão literaria é passada em revista sem pedantismo nem massu-
dismo.

Profusamente illustrada pelo grande escultor ONORIO RUOTOLO.

Traducção de Monteiro Lobato.

Livro indispensavel aos que são dados ás boas leituras e aos que precisam mostrar cultura.

Preço do volume brochado 15\$000.

DEMOCRACIA

RUDOLF LAUN. (Ensaio sociologico, juridico e de philosophia politica). Deffensor da democracia, o autor passa em revista os argumentos dos seus adversarios e os reduz a nada. Nos contemporaneos movimentos de massas hostis á democracia, vê uma preparação de um seu novo modo, ignorado até agora, que poderá surgir em futuro mais ou menos afastado. Rudolf Laun é professor na Faculdade de Direito de Hamburgo. (Trad. de Albino Camargo).

Brochado 15\$000.

HISTORIA DA PHILOSOPHIA

WILL DURANT (A vida e as idéas dos grandes philosophos). Assumpto erudito como seja a philosophia, foi tratada como tanta clareza que se tornou de leitura facil e amena, como de um romance de aventuras. E na realidade é o romance de aventuras das idéas philosophicas que o homem vem concebendo através das idades.

Brochado 15\$000.

A COMMUNIDADE E A SOCIEDADE

(Introducção á sociologia) — Loran Osborn e Martins Henry Neumeyer — (Traducção de J. Sampaio Ferraz) — Este livro é um tratado para os que se iniciam na sociologia. Divide-se em duas partes: 1) a comunidade contemporanea, e, 2) os processos sociaes e principios sociologicos. O tratado da materia combina, dest'arte, os dois aspectos relevantes da vida social, e a interpretação desta á luz de seus processos internos. Na concepção dos autores, a sociologia — estudo scientifico da vida humana associativa, abrange: os processos sociaes basicos nella operantes, os produtos sociaes desses processos e os principios de comportamento colectivo. Os dados sociologicos consistem em personalidades e grupos humanos, incluindo-se-lhes as actividades communaes, as impulsões sociaes (social drives), as interações sociaes, as organizações e instituições, a cultura humana e os valores sociaes. Os autores accrescentaram ao estudo desses elementos uma indagação sobre as possibilidades do progresso humano. Cada capitulo é rematado por projectos e exercicios de investigação, de forma a auxiliar as discussões em aula, concorrendo para torná-las mais concretas e vitaes. Para maior leitura sobre cada secção, apresentam-se referencias seleccionadas. Ao preparar-se o presente volume recorreram os autores a numerosas fontes de informações e consultaram-se largamente os tratados de sociologia.

Brochado 20\$000.

JESUS DESCONHECIDO

DIMITRI MEREJKOVSKI — Esta é uma das mais notaveis biographias do fundador da religião christã. Baseado nos Evangelhos, de tal forma o grande biographo moderno descreve a vida maravilhosa de divino mestre, que bem póde affirmar, é um Christo Novo é um *Jesus Desconhecido*.

Brochado 10\$000.

Volumes Encadernados mais 3\$000.

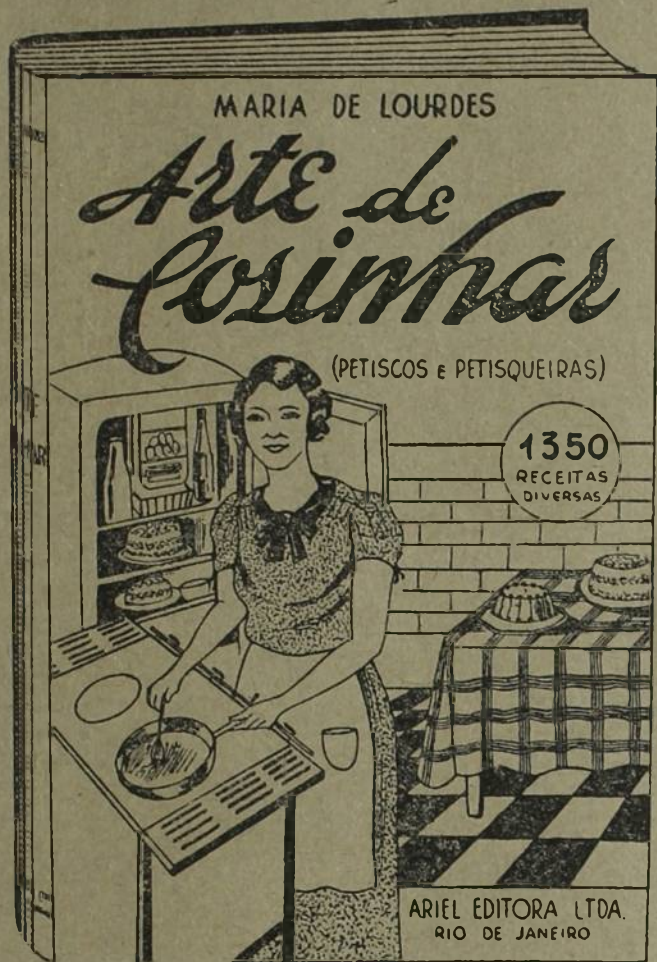
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

EDIÇÕES DA **COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

RUA DOS GUSMÕES, 118 — SÃO PAULO

RUA 7 DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO

O mais completo Livro de Cosinha



EXMAS. SNRAS.

Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.

Diferente de todos os outros, pela sua forma pratica em descrever os conleúdos das receitas, e a sua manipulação.

Mil trezentas e cincoenta

:: :: receitas diversas :: ::

CLARAS

SIMPLES

EFFICIENTES

Cem diversas receitas para Dieteticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinhar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

Hors d'oeuvres	Ovos	Bolos
Canapés	Legumes	Tortas
Sandwiches	Massas	Pudings
Mólhos	Licores	Molhos para pudings
Sopas		Cremes
	Refrescos	Molhos para cremes
	Sundays	
Peixes	Sorvetes	Docinhos diversos
Mariscos	Aperitivos	Brôas
Crustaceos	Cooktails	Pães
	Punches	Pãezinhos
	Toddys	Bolachas
	Egg-Noggs	Rosquinhas
	Fizzes	Etc. Etc. Etc.

ARTE DE CONFEITAR

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessarias explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito METHODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessoa em sua casa, fazer doces, biscoitos, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitarias de primeira ordem.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

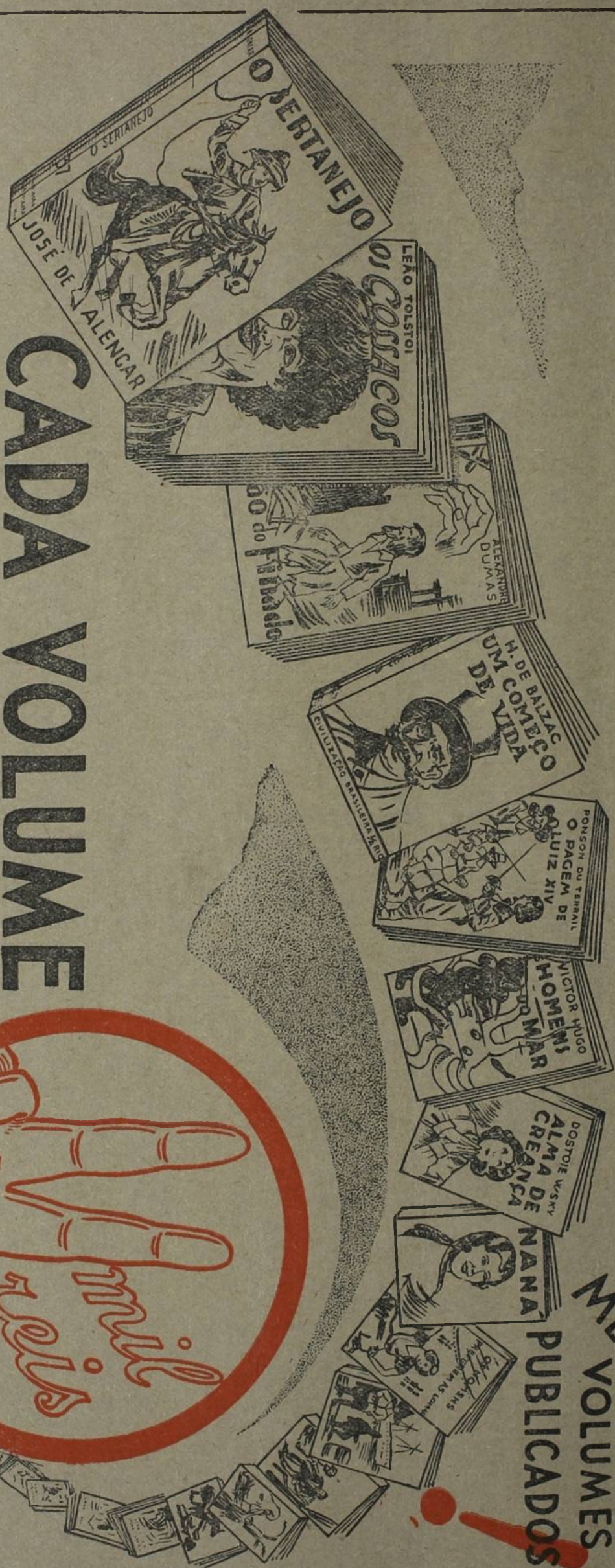
Volume cartonado 12\$000

PEDIDOS A'

CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA S/A

Rua Sete de Setembro n.º 162 — Rio de Janeiro

COLEÇÃO "SIF" MEIO MILHÃO DE VOLUMES PUBLICADOS



CADA VOLUME

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162 - RIO